



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPEG
Campus de Pau dos Ferros
Departamento de Letras Vernáculas - DLV
Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional - PROFLETRAS
Unidade Pau dos Ferros
Br 405, Km 153, Bairro Arizona, CEP 59900-000, Pau dos Ferros/RN
Fone (84) 3351 2560/ Fax 3351 3909/ E-mail profletras.pferros@gmail.com/ Site propeg.uern.br/profletras



FRANCISCO JOACIR ROCHA

**A REFERENCIAÇÃO NOS TEXTOS DOS ALUNOS DO 9º ANO:
UM OLHAR SOBRE A PROGRESSÃO DO TEXTO**

**PAU DOS FERROS
2016**

FRANCISCO JOACIR ROCHA

A REFERENCIAÇÃO NOS TEXTOS DOS ALUNOS DO 9º ANO:
UM OLHAR SOBRE A PROGRESSÃO DO TEXTO

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado Prof.^a Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM), como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em linguística. Área de concentração: Linguagens e Letramentos. Linha de pesquisa: Leitura e Produção textual: Diversidade Social e Práticas Docentes.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa

PAU DOS FERROS

2016

Ficha catalográfica gerada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas
e Diretoria de Informatização (DINF) - UERN,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R672r

Rocha, Francisco Joacir.

A referência nos textos dos alunos do 9º ano: um olhar sobre a
progressão do texto - Pau dos Ferros, RN / Francisco Joacir Rocha -
2016.

144 p.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa.

Coorientadora: .

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte, Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional
- PROFLETRAS, 2016.

1. Texto. 2. Carta Argumentativa. 3. Referência. 4. Anáfora. 5.
Recategorização. I. Barbosa, Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Maia
Fernandes, orient. II. Título.

FRANCISCO JOACIR ROCHA

A dissertação “A REFERENCIAÇÃO NOS TEXTOS DOS ALUNOS DO 9º ANO: UM OLHAR SOBRE A PROGRESSÃO DO TEXTO” foi submetida à seguinte Banca Examinadora, constituída pelo PROFELETRAS/Pau dos Ferros/UERN, como requisito parcial necessário à obtenção do grau de Mestre em Letras.

Dissertação defendida e aprovada em: ____/____/____/

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa
Universidade do Estado do rio Grande do Norte (UERN)
(Orientadora)

Prof. Dr. Francisco Vieira da Silva
Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA)
(1º Examinador – membro externo)

Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
(2º Examinador – membro interno)

Prof.^a Dra. Rosângela Maria Bessa Vidal
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
(Suplente)

PAU DOS FERROS
2016

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Maria Rocha, pela dedicação para comigo e pelos ensinamentos que me transmitiu.

À minha irmã, Vanda Rocha, que eu tenho como mãe, por estar sempre comigo nos momentos mais difíceis da minha vida.

À minha esposa, Edneide, pela tolerância e por ter me compreendido durante este período dedicado à pesquisa.

Ao meu filho, Paulo Henrique, por quem sinto muito amor e admiração.

À minha filhinha, Laura Liz, presente que ganhei durante esse mestrado e que enche a nossa casa de encanto e inocência. Laurinha foi minha inspiração quando o desânimo queria se apossar de mim.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me dado força e coragem para lutar pela vida, para vencer os obstáculos que me apareceram e me tornar um amante do conhecimento para chegar a essa honrosa titulação. Só Deus é capaz de explicar as inúmeras conquistas que obtive na vida, dentre elas, a conquista desse mestrado, que representa grande valor simbólico.

À minha família simples e humilde, residente no meu amado Sítio Flores (abandonado pelos representantes políticos), que se orgulha do menino pobre, negro e deficiente que enxergou na educação uma forma de ver mais profundamente as desigualdades do mundo e encarar de frente o preconceito que mutila milhares de pessoas.

Ao meu pai, José Carlos Rocha, *in memoriam*, que mal entortava o seu nome no caderno, mas sentia orgulho do filho que levou a sério os estudos e se tornou professor. O salário achatado dessa categoria não me permitiu proporcionar ao meu velho uma aposentadoria antecipada das lidas diárias da roça. A este homem, alheio ao mundo letrado, de quem herdei o caráter e a honradez, eu poderia dedicar uma página inteira de agradecimento, mas sintetizo nos versos abaixo a minha admiração e apreço ao meu velho guerreiro:

Meu pai tinha destreza pra o roçado
Foi profeta de ano ruim de inverno
Entortava o seu nome no caderno,
Mas seu milho plantou muito alinhado
Conhecia a linguagem do seu gado
Cultivava, sem falha, a plantação
Se a roça emitir graduação
Em centenas meu pai se graduou
Foi meu pai um guerreiro que lutou
Nas batalhas diárias do sertão (J. Rocha)

A minha mãe, que me ama incondicionalmente e me apoiou nas decisões mais difíceis que tive que tomar na vida. Apesar da pouca escolaridade, minha mãe sabe ler com fluência e foi ela que me orientou em muitas leituras de cordéis e folhetos bíblicos quando eu comecei a gaguejar as primeiras palavras. A minha rainha octogenária também sente orgulho do filho que tem mais dela.

E já são oito décadas de existência
Com o peso dos anos, o corpo curva
Pernas frágeis, cansaço, a vista turva

E, às vezes, faltando consciência
Nove filhos criou com paciência
Deu comida, deu colo e protegeu
Uns três quartos dos anos que viveu
Foi tentando evitar do filho a dor
A senhora é prova de amor
Mais concreta que o mundo já me deu. (J. Rocha)

A Chico de Mariinha, *in memoriam*, meu eterno professor de literatura “analfabeto”. Com um talento nato para tocar violão, Chico me encantava dedilhando o instrumento e cantando cordéis inteiros. Além disso, Chico era um exímio contador de história. Se estivesse vivo me curvaria aos seus pés em forma de agradecimento por tudo que me doou. A ele, que se encontra na dimensão celeste, deixo esses setissílabos:

Chico não sabia ler
Mas tocava violão
De verso me deu lição
E me ensinou a ver
Que é possível aprender
Sem a prática de tortura
Chico com muita brandura
Foi meu mestre e professor
Cresci sentindo o sabor
Do prato literatura (J. Rocha)

Agradeço aos meus sete irmãos que infelizmente, não tiveram oportunidade de descobrir a magia do mundo letrado, mas que torcem por mim em todas as circunstâncias e vibram com as minhas conquistas. Dentre os sete, destaco a minha mãe adotiva, Vanda Rocha, que esteve e está comigo em todos os momentos difíceis e alegres da minha vida, e ao meu irmão mais confidente, Djacir Rocha, dono de uma grande inteligência, mas que a necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da casa o afastou da carreira de estudante.

A minha esposa, Edneide, por ter me ajudado a superar momentos difíceis que surgiram em minha vida. Por ter me apoiado durante esses dois anos bastante desafiadores. Nela, eu encontrei apoio para me reerguer e construir novamente uma família, coroada com o nascimento da nossa queridíssima florzinha Laura Liz em julho de 2015. Essas duas mulheres são responsáveis pelos meus projetos já realizados e pelos que ainda tenho para realizar.

Aos meus dois filhos, Paulo Henrique e Laura Liz, a quem dedico e recebo muito carinho. Essas duas doces criaturinhas norteiam a minha vida, ensinam-me a viver

de forma inocente. A minha pequena me inspirou a construção dos versos abaixo:

Eu vejo Laura brincando
Pela casa e fico atento
Criança vive o momento
Sem o mundo lhe cobrando
Cai, levanta, sai andando
Enxerga algo na frente
Criança é muito atraente
E aos sensíveis fascina
Só a inocência ensina
Viver de forma inocente (J. Rocha)

À minha querida sobrinha, Aurilene Rocha, pessoa que dividiu vários momentos difíceis comigo e nunca se negou a me ajudar quando eu a invoquei para qualquer situação. Em nome de Aurilene, eu estendo os meus agradecimentos a todos os meus sobrinhos e divido com todos eles mais esta conquista.

À minha sogra, Dona Diva, pela atenção e confiança conferida a minha pessoa, pelo apoio que nos dá e pela dedicação a nossa filhinha Laura Liz

Às minhas cunhadas Flavinha, Tamiris, Edna, Vânia, Adriana e Maria pela torcida e pelo apoio nessa caminhada de dois anos.

Aos meus professores de primeiro e segundo graus, em particular a Carlos Sérgio, Fátima Aires (Fatinha), Luís Mamedes, Liege Carvalho e Cosme Borges. Embora todos tenham contribuído para a minha formação, esses cinco marcaram a minha trajetória.

A todos os meus amigos, dentre eles Arinilson Amaral e Wedson Fernandes, que acompanharam de perto o meu esforço até aqui.

A todos os meus professores de graduação, dentre eles Manoel Freire Rodrigues, Fátima Carvalho, Rosângela Bessa, Socorro Maia, Débora Nascimento, Gilton Sampaio e Maura Cavalcante.

A todos os meus professores do curso Profletras, pelas grandes discussões que nos proporcionaram e fizeram render reflexões sobre a nossa prática pedagógica no tocante ao ensino de língua materna.

Às escolas Gilney de Souza e Virgílio Correia Lima pela tolerância e compreensão com a minha pessoa durante as minhas ausências para estudar.

Aos gestores e alunos da Escola Cleonice Freire de Queiroz, que contribuíram enormemente para esta pesquisa.

A Lúcia Pessoa, coordenadora do Profletras, uma mulher de postura firme, mas

bastante humana e compreensiva, que aprendi a gostar e a admirar durante o curso. Inspirado nas cobranças de Lúcia durante esse curso de Mestrado, escrevi estes versos, que sintetizam o nosso sofrimento durante esse percurso:

Mestrado é feito com tinta
De suor de sangue e raça
Com massa de cérebro vivo
Que a teoria amassa
O pão que sai não comemos
E outros comem de graça (J. Rocha)

Aos colegas da II e III turmas do Profletras pela interação, pela troca de conhecimentos, pelas discussões em sala e nos grupos, enfim pelo legado que nos deixaram no decorrer desses dois anos. Um pouco das lembranças desses momentos, podemos ver nos versos abaixo:

Piauí, Rio Grande, Ceará
Pernambuco (Triunfo), Paraíba
Que a história verídica ainda exiba
Esse filme que a UERN assistirá
Nem o tempo cruel apagará
A passagem do grupo que fez festa
Pau dos Ferros, orgulhoso, manifesta
O valor desse grupo que foi feito
A UERN não terá mais o direito
De formar uma turma como esta (J. Rocha)

Ao meu amigo Luís Carlos, companheiro de todos os momentos do curso. Ele é uma pessoa que está sempre de bom humor e me fez dar muitas risadas regadas a vinho e canapés. Que a nossa amizade transcenda, amigo.

A minha amiga Liduína Queiroz, pelas ajudas que me deu ao longo do curso, pela companhia durante as viagens e na peixada do Encanto, pelas lições de informática, pela receptividade em sua casa quando íamos fazer trabalhos. Trabalhar com Liduína me trouxe um grande aprendizado. Faltam-me adjetivos para descrevê-la. Porém, sei que não estou errado se disser que é uma pessoa simples, solidária e de uma dedicação muito grande à família. De defeito, aponto o perfeccionismo, que invejo e queria poder copiá-lo.

À colega de mestrado da turma II, Ana Carina, pelas contribuições a mim oferecidas durante o processo de elaboração desse trabalho.

À colega de trabalho, Maria José, pelas ajudas que ofereceu.

A Rosimeire Martins, minha conterrânea, colega de curso e companheira de viagens. Tivemos a oportunidade de conviver durante esse mestrado e estreitar os

nossos laços afetivos e profissionais.

As minhas avaliadoras na qualificação, Lidiane Diógenes e Rosângela Vidal, pela contribuição que deram para o meu trabalho. Sou muito grato as duas pela correção e apontamentos que fizeram no meu texto.

A minha orientadora, Socorro Maia, pela contribuição pela tolerância e pela capacidade que possuí de tranquilizar os mestrandos aflitos. É para mim uma honra muito grande voltar trabalhar com uma pessoa de um nível tão elevado de conhecimento e afetividade para com os alunos. Obrigado pelas descobertas que me levou a fazer.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que estiveram ou torceram por mim ao longo dessa caminhada.

As palavras não são de ninguém, em si mesma nada valorizam, mas podem abastecer qualquer falante e os juízos de valor mais diversos e diametralmente opostos dos falantes.

(Bakhtin, Estética da Criação Verbal)

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo descrever a referenciação na progressão de textos produzidos pelos alunos de 9º ano de uma escola pública da rede municipal da cidade de Pereiro – CE. Partimos da hipótese de que as dificuldades que os alunos apresentam em relação à escrita são porque eles não dominam alguns mecanismos de coesão textual. Sabemos que introduzir e retomar um referente na produção de texto é um mecanismo que contribui para a sua progressão e orientam a ação discursiva. Partimos da concepção de Mondada e Dubois (2015) de que as palavras não representam uma realidade estável, mas as palavras adquirem estabilidade no discurso. Nesse sentido, o referente é construído no discurso e extrapola os limites da superfície textual. A nossa pesquisa se alicerça no pensamento dessas autoras acima citadas e em trabalhos mais contemporâneos sobre referenciação como os desenvolvidos por Koch (2015), Marcuschi (2015) e Cavalcante (2013), Ciulla (2008). Construímos um *corpus* de dez textos escritos por alunos de 9º ano no gênero carta argumentativa. A produção ocorreu em duas etapas: uma antes do desenvolvimento de uma sequência didática e outra, depois. Ao analisarmos os cinco textos da primeira produção, chegamos às seguintes conclusões: a progressão entre as partes do texto ocorreu mais por meio de anáforas correferenciais. Os alunos empregaram as anáforas indiretas com menos frequência do que as anáforas diretas. Detectamos alguns empregos de anáforas encapsuladoras e poucas ocorrências de recategorização. Quanto aos dêiticos, constatamos o emprego dos principais tipos (pessoal, temporal e espacial). Na segunda produção, observamos que o texto ganhou em termos de progressão e de sentido, o que comprova, em partes, a nossa hipótese. Não houve muita alteração quanto ao emprego das anáforas indiretas, mas os alunos se utilizaram muito do recurso da recategorização para produzir a carta argumentativa. Com isso, o texto ganhou em expressividade. Em linhas gerais, concluímos que a referenciação é inerente a qualquer atividade de produção textual, mas pode ser aprimorada através de um ensino de texto mais direcionado. Pudemos comprovar que trabalhar com a refacção de textos pode nos levar a fazer reflexões sobre a escrita dos alunos e sobre a nossa ação pedagógica. Como a ação de referir envolve múltiplos conhecimentos e estratégias discursivas, o professor deve mediar atividades em sala que podem instrumentalizar os alunos com vários recursos que a língua nos oferta para promover a progressão do texto.

Palavras-chave: Texto. Carta argumentativa. Referenciação. Anáfora. Recategorização.

ABSTRACT

This work has as main objective to describe the reference in the progression of texts produced by the 9th grade students of a public school of the municipal network of the city of Pereiro - CE. We start from the hypothesis that the difficulties students present in relation to writing are because they do not dominate some mechanisms of textual cohesion. We know that introducing and retaking a referent in text production is a mechanism that contributes to its progression and drives discursive action. We start from the Mondada and Dubois (2015) conception that words do not represent a stable reality, but words acquire stability in discourse. In this sense, the referent is constructed in the discourse and extrapolates the limits of the textual surface. Our research is based on the thinking of these authors and on more contemporary works on referencing such as those developed by Koch (2015), Marcuschi (2015) and Cavalcante (2013), Ciulla (2008). We constructed a corpus of ten texts written by 9th grade students in the argumentative letter genre. The production took place in two stages: one before the development of one didactic sequence and another, afterwards. When we analyze the five texts of the first production, we arrive at the following conclusions: the progression between the parts of the text occurred more through co-ferential anaphora. Students used indirect anaphora less often than direct anaphora. We have found some encapsulating anaphora jobs and few recategorization occurrences. As for the deictic, we find the use of the main types (personal, temporal and spatial). In the second production, we observe that the text has gained in terms of progression and meaning, which proves, in parts, our hypothesis. There was not much change in the use of indirect anaphora, but students used a lot of recategorization to produce the argumentative letter. With this, the text gained in expressiveness. In general terms, we conclude that referencing is inherent to any textual production activity, but can be enhanced through more targeted text teaching. We have been able to prove that working with the refactoring of texts can lead us to reflect on the students' writing and on our pedagogical action. As the referral action involves multiple knowledge and discursive strategies, the teacher should mediate classroom activities that can instrumentalize students with various resources that the language offers us to promote the progression of the text.

Keywords: Text. Argumentative letter. Reference. Anaphora. Recategorization.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 UM PASSEIO SOBRE O CONCEITO DE TEXTO, DE GÊNERO TEXTUAL/ DISCURSIVO E DOS MECANISMOS DA REFERENCIAÇÃO.....	21
2.1 Conceito de texto.....	21
2.2 Considerações sobre gêneros discursivos/textuais.....	28
2.3 Da referência à referenciação	35
2.3.1 Conceito de anáfora	42
2.3.1.1 Anáfora encapsuladora ou encapsulamento anafórico	49
2.3.1.2 Recategorização	51
2.3.1.3 Dêixis	55
2.3.2 Introdução referencial	59
3 METODOLOGIA.....	62
3.1 Sobre a escola onde fizemos a pesquisa	67
3.2 Sobre a construção do <i>corpus</i>	70
3.3 Intervenção.....	73
4 ESCAVANDO OS MECANISMOS DA REFERENCIAÇÃO NA CARTA ARGUMENTATIVA DA PRIMEIRA PRODUÇÃO.....	76
4.1 Escavando os mecanismos da referenciação na carta argumentativa segunda produção	89
4.2 Comparações entre os achados da referenciação na primeira e na segunda produção: a referenciação na progressão e a progressão da referenciação.....	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS.....	113
ANEXOS	116
APÊNDICES.....	141

1 INTRODUÇÃO

Os estudos linguísticos das últimas décadas têm motivado muitas discussões acerca de texto e do “material” que entra na sua composição – a linguagem. As pesquisas nos têm mostrado que a ação de referir não é algo tão simples como mostravam as pesquisas antes da passagem da referência para a referenciação, quando tudo acontecia na superfície do texto. Pelo viés da referenciação, as palavras não espelham o mundo, mas apenas refletem. Os nossos mundos são construídos “pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele” (KOCH, 2011, p. 79).

Nesse sentido, a ação de referir é sempre subjetiva, porque nem todas as pessoas enxergam o mundo da mesma forma que outras. As palavras em si não trazem significados, mas adquirem em situação efetiva de uso quando entram em ação locutor e interlocutor. Essa flexibilidade das palavras amplia o conceito de progressão textual, pois todo texto traz informações implícitas que não podem ser negligenciadas por parte de quem o produz ou é levado a interpretar. Concebendo o texto na perspectiva sociocognitiva, os aspectos sintáticos e semânticos são relevantes, mas não determinantes para a construção de sentido. A construção de sentido resulta da ação solidária entre os envolvidos no processo de interação.

Convictos de que toda a nossa comunicação ocorre por meio de textos cuja progressão entre as suas partes pode envolver aspectos sociocognitivos, ou seja, em todo processo de comunicação, trabalhamos com objeto de discurso e não com objeto do mundo, resolvemos focar o nosso estudo na referenciação.

Partimos da hipótese de que as dificuldades que os alunos apresentam em relação à escrita são porque eles não dominam alguns recursos da referenciação que podem contribuir para a progressão e para o sentido do texto.

Em consonância com os estudos da linguística textual das últimas décadas, que passa a entender o texto como o lugar da interação e os referentes construídos no discurso, o nosso estudo defende que saber retomar algo dito explicitamente no texto ou apenas sugerido é de grande importância para a progressão textual. Sabemos que as ligações entre as partes do texto podem ocorrer fora de sua superfície (por isso os teóricos da linguística textual preferem falar de referenciação e não de referência) e isso nos impõe a fazermos, durante o processo de produção e interpretação, constantes inferências.

Nesse sentido, iremos explorar no nosso estudo, as anáforas diretas e indiretas, o encapsulamento anafórico, a recategorização, e a dêixis no gênero Carta Argumentativa.

A escolha desse gênero foi motivada por um contexto real de produção. Na cidade de Pereiro - CE, a população sofre com a falta de água, e o Açude Público Aduino Bezerra passou a ser foco de muitas discussões. Atualmente, o reservatório encontra-se seco e poluído e esse problema ganhou mais evidência nesse momento de escassez. Muitos moradores do município, inclusive pais desses alunos, despertaram para a importância de se revitalizar o maior manancial que o povo desse lugar possui.

Julgamos pertinente a escolha desse gênero porque talvez seja o que melhor atenda aos nossos propósitos comunicativos, que é levar a reivindicação de cuidar do Açude Aduino Bezerra às autoridades do município. Mas poderia ser qualquer outro que motivasse os alunos a defenderem um ponto de vista. Além disso, o gênero por nós escolhido é facilmente encontrado em periódicos, o que facilita que o aproximemos dos alunos da turma de 9º ano, da Escola Municipal Cleonice Freire de Queiroz. A escola está localizada no centro da cidade de Pereiro e é considerada a principal escola do município.

Quanto ao assunto do texto, também achamos que foi pertinente. Escolhemos uma temática muito familiar dos alunos, a problemática ambiental que afeta o açude e conseqüentemente as pessoas que dele dependem. O exercício de produção de texto nas condições em que aluno sabe o que produzir, para quem produzir e a intenção comunicativa, torna-se mais atrativa. Só podemos falar e opinar sobre aquilo que conhecemos ou que julgamos conhecer. Acreditamos que os alunos com os quais trabalhamos não desconheciam a realidade da qual foram incumbidos a falar. Aliás, pouca gente em Pereiro desconhece o problema de escassez de água que o município enfrenta há quatro anos. Esse contexto, seguramente, favorece a nossa produção porque os alunos vão ser oportunizados de falar da realidade local.

A crise hídrica dos últimos anos em todo país e a crise de água local, em particular, tem gerado muitos questionamentos sobre o acima mencionado. O que poderia ser feito para salvá-lo da degradação total é uma inquietação, não só dos alunos desta série, mas de todos os professores da escola e da comunidade peirerense em geral.

Partimos do princípio de que os alunos traziam muitas informações sobre a

temática abordada, mas em muitas situações de produção de texto precisamos de algo a mais do que as informações. Precisamos saber fazer as escolhas corretas das palavras para que elas se ajustem aos nossos propósitos de comunicação. Como sabemos, a linguagem não traduz a imagem real do mundo, mas o nosso olhar sobre ele. Isso nos leva a pensar sobre a instabilidade da linguagem, que só no uso se define.

Somos convictos de que a tarefa de escrita é um processo complexo. E por causa dessa complexidade, o professor de área de linguagem deve manter-se atualizado para poder lidar com os problemas dos textos dos alunos. Mais do que apontar as deficiências na produção escrita de seus alunos, o professor deve desenvolver estratégias que os levem a superá-las. Acreditamos que um aprofundamento teórico por parte do docente sobre o processo de referenciação pode desencadear muitas reflexões na sua prática pedagógica, que refletirá de forma positiva nos textos dos discentes.

Entendendo que a ação de referir vai muito além da retomada total ou parcial de um elemento da superfície do texto, queremos investigar quais recursos da referenciação esses alunos já dominam nas atividades escritas, já que sabemos que a progressão do texto acontece em todo o seu entorno linguístico e sociocognitivo. Somos convictos de que a anáfora encapsuladora, a recategorização, o emprego das anáforas diretas indiretas, a dêixis são de extrema relevância para a progressão textual.

O encapsulamento anafórico, por exemplo, há consenso entre os estudiosos mais modernos da linguística textual, exerce um papel relevante na produção e interpretação de textos com maior presença de argumentação. Nessa perspectiva, buscaremos instrumentalizar esses alunos com mais recursos da referenciação que podem ser úteis nas produções escritas ou orais com os mais diversos propósitos comunicativos.

Elegemos como objetivo geral para o nosso trabalho descrever a referenciação na progressão textual dos alunos do 9º ano. O gênero textual é a Carta Argumentativa. Como objetivos específicos, iremos verificar o emprego das anáforas (diretas e indiretas) na produção textual, descrever o emprego das anáforas encapsuladoras na carta argumentativa, observar as ocorrências de recategorizações na construção da carta argumentativa e identificar a ocorrência da dêixis na carta argumentativa. Visamos com esses objetivos, responder as seguintes

questões de pesquisa:

- Os alunos empregam, na carta argumentativa, as anáforas encapsuladoras para resumir uma parte maior do texto e assim promover a sua progressão?
- Os alunos do 9º exploram, na produção da carta argumentativa, as anáforas indiretas?
- Os alunos introduzem e retomam, na carta argumentativa, objetos de discurso de forma recategorizada?
- A dêixis foi empregada pelos alunos na carta argumentativa para promover a sua progressão?

Partimos da análise de uma primeira atividade de produção feita sem o trabalho sistemático com o gênero. Queríamos fazer uma sondagem do que eles já sabiam em termo de estrutura de gênero e do domínio linguístico que já dispunham para produzi-lo. Uma vez detectadas as deficiências que os alunos apresentaram na primeira produção no que diz respeito à estrutura, encadeamento entre as partes do texto e o sentido, planejamos e desenvolvemos uma Sequência Didática voltada para o gênero Carta Argumentativa (CA) no intuito de levarmos os alunos a dominarem a estrutura desse gênero e, ao mesmo tempo, visamos instrumentalizá-los com os recursos da referência. Para isso exploramos as anáforas correferenciais e não correferenciais (anáforas indiretas), a dêixis e outros casos particulares de anáfora – a encapsuladora e a recategorização.

Sabemos que já existem muitos trabalhos na área de linguística textual que abordam os aspectos da referência que elegemos para o nosso foco. Cavalcante e Lima (2013) trazem um artigo intitulado “Argumentação e polifonia em anáforas encapsuladoras”. Esse estudo defende que os encadeamentos argumentativos derivam de uma estratégia linguística articulada pelo locutor, baseada no projeto de dizer. Lunardi e Freitas (2012) escreveram um artigo com o título “O encapsulamento anafórico como recurso argumentativo em reportagem jornalística e artigo de opinião”. Nas análises dos gêneros que aparecem no título, os autores detectaram dois aspectos da anáfora encapsuladora: a organização do discurso e a potencialidade argumentativa.

Pacheco (2015) escreveu “O encapsulamento anafórico em textos do gênero artigo de opinião”. Nesse artigo, Pacheco analisa o funcionamento do fenômeno do encapsulamento anafórico no gênero artigo de opinião, baseado nos pressupostos

da linguística textual.

Silva e Silva (2009) em tese com o título “Aspectos da anáfora encapsuladora nas redações de estudantes universitários” reflete sobre o fenômeno da anáfora encapsuladora em textos dissertativos.

Barreto Lé (2012) desenvolveu a tese: “Referenciação e gêneros jornalísticos: sistemas cognitivos em jornal impresso e jornal eletrônico” pela Universidade Federal do rio de Janeiro – UFRJ. Nessa tese Lé tem como objetivo investigar os processos de referenciação e seus aspectos cognitivos no universo textual de construção de sentido em variados gêneros jornalísticos.

Sobre recategorização temos trabalhos de Cavalcante e Silva (2015) no artigo “Revisitando os parâmetros do processo de recategorização”. Esse artigo focaliza a recategorização ancorada nos estudos de duas abordagens: o das abordagens textual-discursivas e o das abordagens cognitivo-discursivas.

Mesquita (2011) traz a tese: “Argumentação e polifonia nas anáforas encapsuladoras”. Nesta tese, a pesquisadora faz uma ponte entre a linguística textual, pelo viés do sociocognitivismo, a Teoria dos Blocos Semânticos – (TBS) e a Teoria da Polifonia. As duas últimas fundamentam a análise das encapsuladoras na perspectiva argumentativa. Lima usa como *corpus* fragmentos de textos de opinião sobre variados assuntos.

Barbosa (2013) traz a dissertação: “Uma descrição do processo de referenciação em narrativas contadas em língua de sinais brasileira (libras)”. O *corpus* é constituído a partir de uma narrativa intitulada “o amor é surdo”, contada em língua brasileira de sinais (libras) por um surdo fluente em libras. A autora investiga como o sinalizador introduz e retoma as personagens na narrativa. A pesquisadora se respalda na linguística cognitiva para fazer as análises. As formas utilizadas como referência foram os sinais, os gestos, as pantomimas e as marcas corpóreas. Trata-se de um trabalho desafiador e de uma importância indiscutível para a linguística textual.

Outra pesquisa relevante para o fenômeno da referenciação é a de Custódio Filho (2011). Esse pesquisador, amparado nos cânones da linguística textual que concebem sob a perspectiva cognitiva, desenvolve a tese: “Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação”. Custódio Filho explora a multimodalidade em um conto e em episódios de um seriado e sustenta que outros modos de enunciação, além do verbal, fazem parte da

materialidade do texto e podem efetivar as mesmas estratégias normalmente descritas com foco nas construções linguísticas.

Outra grande contribuição no campo da referenciação é a de Queiroz (2015) na tese: “Referenciação e polidez em cartas de amor: o resgate de história de Jayme e Maria por meio da (Re)construção do Self e do outro”. O *corpus* dessa pesquisa se constitui de cartas de amor trocadas entre os namorados.

Palumbo (2007) também dá à linguística textual uma grande contribuição com a tese: “Referenciação e argumentação: a dinâmica nas orientações argumentativas em debates políticos televisivos”. O *corpus* selecionado para essa pesquisa foi um debate político organizado pelo programa Roda viva, transmitido pela TV Cultura de São Paulo, e os agentes do discurso eram deputados e senadores de oposição e situação, integrantes da CPI dos Correios.

Outro trabalho que também trata da referenciação é o artigo de Maruci (2012) que traz como título: “Desvendando o processo de referenciação no gênero artigo de opinião produzido por alunos da educação básica”. Maruci utiliza como *corpus* dois artigos de opinião de alunos do 9º ano, produzidos por alunos de uma escola pública de São Paulo.

Ainda destacamos o trabalho de Ciulla (2008) na tese: “os processos de referência e suas funções discursivas – o universo literário dos contos”. Trata-se de um trabalho rico, por fazer um grande apanhado teórico da linguística textual e também por fazer uma análise de textos de elevadas qualidades estéticas, no caso, os textos literários.

O tempo curto de que dispomos para fazer essa pesquisa não permitiu que esgotássemos as investigações sobre os muitos trabalhos que já foram desenvolvidos nessa área de referenciação, mas somos conscientes, no entanto, que é vasta a produção que temos sobre essa temática. Porém ainda achamos pertinente estudar esse assunto e contribuir, mesmo que de forma ínfima, sobre o fenômeno que perpassa qualquer produção textual - a referenciação.

Apesar de abundância de trabalhos desenvolvidos na área de referenciação como já demonstramos pela amostragem acima, descobrimos que a exploração desse assunto em textos de alunos de 9º ano foi até aqui pouco explorada de forma que merece a nossa atenção. Vimos que os pesquisadores que já citamos se interessaram mais em estudar textos mais elaborados da área jornalística e literária. Para nós, professores da educação básica, é mais viável trabalharmos com texto de

alunos no sentido de não apenas descrever o fenômeno, mas também de oferecer suporte para que os alunos superem possíveis deficiências na escrita. Levamos em consideração que o trabalho com a escrita é um processo e algumas deficiências só podem ser resolvidas a longo prazo.

Como professor de língua portuguesa, reconhecemos as dificuldades que os nossos alunos apresentam na produção escrita e somos convictos de que o estudo da referenciação pode atenuar essas deficiências. Para isso, tentamos motivá-los para reconhecer a riqueza da língua e a importância de escolher dentro dela os recursos que melhor atendam os seus propósitos comunicativos.

Advogamos que quanto mais cedo o aluno for envolvido nas atividades discursivas escritas, maior é a chance de sucesso na escola ou fora desse espaço. Partindo do princípio de que a nossa comunicação só ocorre por meio de textos, as atividades de produção escrita devem ocorrer de forma natural dentro do espaço escolar, independentemente da série que o aluno esteja cursando. Cabe ao professor levar ao aluno a ideia de que a escrita é um processo e como processo pode ser reelaborada e aprimorada para atender a necessidades reais de comunicação.

O nosso trabalho está dividido em cinco partes: introdução, um capítulo teórico, um capítulo metodológico, um capítulo de análise e considerações finais.

O primeiro capítulo direciona o leitor para o trabalho que ele irá ler. Traz os objetivos, as questões de pesquisas, a visão teórica pela qual o trabalho se respalda, os alunos pesquisados e o gênero textual trabalhado com esses alunos.

No segundo capítulo discutimos um pouco sobre o conceito de texto e de gênero textual/discursivo voltado para a visão sociointeracionista da linguagem e também fizemos um apanhado sobre os estudos desenvolvidos sobre a referenciação. Entre outros teóricos, usamos como parâmetro os estudos de Bahktin (2011), Koch (2011, 2013, 2015), Marcuschi (2008, 2010), Cavalcante (2013), Custódio Filho (2011), Ciulla (2008). Neste capítulo, podemos encontrar a definição de texto, o conceito de gênero textual/discursivo, o conceito de introdução referencial, o conceito de anáfora direta, o conceito de anáfora indireta, o conceito de recategorização, o conceito de encapsulamento anafórico, o conceito de dêixis, enfim, mostramos como se deu a passagem da referência a referenciação.

No terceiro capítulo descrevemos os passos da nossa pesquisa, apresentamos a escola onde desenvolvemos o estudo, justificamos a escolha do

gênero e as categorias de análises inseridas na referenciação. Também explicamos os procedimentos que tomamos para construção do nosso *corpus* composto por dez textos, produzidos em duas etapas: uma, antes do desenvolvimento de uma sequência didática e outra, depois do desenvolvimento de uma sequência voltada para o gênero Carta Argumentativa (CA).

O quarto capítulo é o das análises e se encontra dividido em duas seções. Na primeira, analisamos o processo de referenciação em cinco textos da primeira produção, feita antes do desenvolvimento de uma sequência didática. Na segunda seção, analisamos os cinco textos da segunda produção (após o desenvolvimento de uma sequência didática) e, em seguida, fizemos uma breve comparação entre as duas produções, buscando apresentar avanços na progressão textual desses alunos depois de um trabalho mais sistemático (desenvolvimento da sequência) com o gênero carta argumentativa.

2 UM PASSEIO SOBRE O CONCEITO DE TEXTO, DE GÊNERO TEXTUAL/ DISCURSIVO E DOS MECANISMOS DA REFERENCIAÇÃO.

2.1 Conceito de texto

Nas nossas interações através da linguagem cada vez mais recursos, além dos linguísticos, estão sendo explorados de forma que o conceito de texto vem sofrendo modificações, principalmente ao longo das duas últimas décadas. Esses recursos não podem ser negligenciados no momento em que produzimos ou somos levados a interpretar textos de diferentes estruturas e propósitos comunicativos. Partindo do princípio de que o texto permeia toda a nossa atividade comunicativa, julgamos pertinente fazer uma panorâmica discussão da concepção de texto ao longo do tempo.

Para Koch (2011, p. 16), “o conceito de texto depende das concepções que se tenha de língua e de sujeito”. Partindo do princípio de que a concepção de língua sofreu variações ao longo do tempo, Koch entende que na concepção de língua como representação do pensamento e de sujeito com senhor absoluto de suas ações e de seu dizer, o texto é visto como um produto lógico de pensamento (representação mental) do autor, nada mais cabendo ao leitor/ouvinte senão “captar” essa representação mental, juntamente com as intenções (psicológicas) do produtor, exercendo, pois, um papel essencialmente passivo.

Na concepção de língua como um código – portanto, como instrumento de comunicação- e de sujeito como (pre)determinado pelo sistema, Koch entende que o texto é visto como simples produto da decodificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte, bastando a este, para tanto, o conhecimento do código, já que o texto, uma vez codificado, é totalmente explícito. Por essa concepção, o decodificador é essencialmente passivo.

Porém, na concepção interacional (dialógica) da língua, os sujeitos passam a assumir posição ativa diante do texto, são vistos como autores/construtores sociais. Segundo Koch (2011, p. 16), por essa concepção, “o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos”. Nesse sentido, há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente

detectáveis quando se tem como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação.

Por essa última concepção, o texto passa a ser algo muito complexo, e a sua coerência não pode ser determinada apenas como base na escrita ou na fala. “O sentido de um texto, qualquer que seja a situação comunicativa, não depende tão somente da estrutura textual em si mesma” (KOCH, 2011 p. 30). Todo texto é um *iceberg* (como já disse Cavalcante, 2013) e muitos textos exigem que mergulhemos fundo para desvendarmos o seu sentido. Além do conhecimento da estrutura da língua, “temos que ativar inúmeros outros conhecimentos armazenados na memória para construir o sentido do texto”. (CAVALCANTE, 2013, p. 28)

Concordamos com as autoras citadas no parágrafo anterior no que diz respeito à complexidade do texto. Neste mundo movido pela tecnologia, cada vez mais recursos (imagens sons, os vídeos, dentre outros) são incorporados à linguagem escrita. E com essa incorporação, o texto adquire mais dinamicidade e somos condicionados a vê-lo com um olhar diferente daquele das concepções mais tradicionais, que consideravam a parte material suficiente para o estabelecimento do sentido.

Semelhante a Koch (2011), Marcuschi (2008, p. 72), apoiando-se no que disse o linguista Beaugrande (1997, p. 10), diz que “o texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas”. Nesse sentido, “o texto passa a ser visto não como uma sequência de palavras escritas ou faladas, mas um evento”. (MARCUSCHI, 2008, p. 81). Para Marcuschi, a definição Beaugrande envolve uma enorme riqueza de aspectos, o que torna difícil uma explanação completa. Porém, deixando aberto para outras interpretações, o autor do texto “As anáforas indiretas: o barco textual e suas âncoras” e professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), filtra o pensamento de Beaugrande e nos dá as seguintes contribuições sobre texto e suas características:

1. O texto é visto como um sistema de conexões entre vários elementos, tais como: sons, palavras, enunciados, significações, participantes, contextos, ações etc.
2. O texto é constituído numa orientação de multissistemas, ou seja, envolve tanto aspectos linguísticos como não linguísticos no seu processamento (imagem, música) e o texto se torna em geral multimodal;
3. O texto é um evento interativo e não se dá como um artefato monológico e solitário,

sendo sempre um processo e uma coprodução (co-autoria em vários níveis);

4. O texto compõe-se de elementos que são multifuncionais sob vários aspectos, tais como: um som, uma palavra, uma significação, uma instrução etc. e deve ser processado com esta multifuncionalidade.

Dada essa abrangência do texto, podemos afirmar que não aprendemos a produzir e a interpretar texto somente no ambiente escolar. A habilidade de lidarmos com o evento maior da comunicação é adquirida ao longo do tempo. Através das nossas convivências com o outro, acumulamos saberes e informações e com isso nos tornamos capazes de produzir e interpretar mensagens, obedecendo a padrões de textualidade (sintáticos, semânticos, situacionais, estruturais). Por esse pensamento entendemos que são vários os fatores que se imbricam para constituírem a textualidade. A junção desses fatores culmina no sentido do texto. Sentido que o leitor ouvinte sempre ajuda a construir.

É consenso entre os linguistas que concebem o texto como um processo dialógico, onde o seu sentido é construído na interação. Por essa concepção o sentido do texto não depende exclusivamente de quem fala ou escreve, mas depende da contrapartida do ouvinte ou do leitor, que tem sempre papel ativo. Nesse sentido, “o processamento textual, quer em termos de produção, quer de compreensão, depende [...] essencialmente de uma interação – ainda que latente – entre produtor e interpretador” (MARCHESCHI, 2008, p. 82).

Concordando que o texto se processa na interação, podemos afirmar que parte do sentido do que lemos se encontra na parte material, mas outra parte se encontra nas memórias que acumulamos ao longo da nossa existência. Desde que nascemos, começamos a interagir com o mundo e mediados pelos mais experientes passamos a atribuir sentido às coisas. Nessa perspectiva, à medida que lemos ou produzimos um determinado gênero, temos que mover vários conhecimentos que se imbricam e dão coerência ao texto. Em outras palavras, o sentido global de um texto não se encontra apenas na sua superfície, já que toda leitura ou produção que fazemos é fruto do armazenamento de outras leituras que já fizemos e do conhecimento de mundo que acumulamos ao longo da vida. Quem escreve não deixa o texto com o sentido pronto e acabado, mas deixa pistas para o leitor construí-lo, através das inferências. Estas resultam dos conhecimentos acumulados.

Essa visão sobre texto – com a qual compartilhamos – se ancora na

concepção que vê o texto como um processo interacional. Por essa concepção “o texto é tomado como um evento no qual os sujeitos são vistos como agentes sociais que levam em consideração o contexto sociocomunicativo, histórico e cultural para a construção dos sentidos e das referências dos textos” (CAVALCANTE, 2013, p. 18).

A partir do entendimento de Cavalcante (2013), podemos afirmar que em qualquer atividade de produção e compreensão de texto, deve haver a solidariedade entre os envolvidos nessa interação. Quem fala ou escreve o faz pensando em um interlocutor que exerce papel ativo em cada evento de comunicação. Nenhum texto, por mais bem estruturado que seja, tem a sua construção pronta e acabada, mas todo texto, para se efetivar como um texto, conta sempre com a cooperação do interlocutor.

Todo texto traz uma gama de implícitos e para recuperá-los, “o ouvinte/leitor mobilizará todos os componentes do conhecimento e estratégias cognitivas que tem ao seu alcance para ser capaz de interpretá-lo” (KOCH, 2011 p. 18). Nessa perspectiva, entendemos que o texto não é uma construção isolada, mas situada. No texto nos encontramos e percebemos nele reflexos do que vivenciamos. Porque também não somos sujeitos isolados, mas nos reconstruímos nas interações com o outro e como o meio, seja lendo, seja ouvindo histórias ou até mesmo participando das conversas cotidianas em família.

É a soma de tudo isso que apresentamos acima que nos permite recuperar as informações implícitas nos textos que lemos ou ouvimos. Em outras palavras, cada texto é constituído por retalhos de memórias e “um texto não se esclarece em seu pleno funcionamento apenas no âmbito da língua, mas exige aspectos sociais e cognitivos” (MARCUSCHI, 2008 p. 65). À nossa disposição para produzirmos e interpretarmos textos, temos a língua cuja função mais importante não “é informacional e sim a de inserir os indivíduos em contextos sociohistóricos e permitir que se entendam” (MARCUSCHI, 2008, p. 67).

No que refere ao texto, Koch (2011, p. 17) apresenta uma ideia análoga à do autor do livro “Produção textual, análise de gêneros e compreensão”. Para a autora de “Desvendando os segredos do texto”, o texto é o lugar da interação cujo sentido se constrói dialogicamente. A produção e a interpretação de cada texto deve sempre levar em conta os participantes do momento da interação e o contexto em que ele é produzido. Com as palavras da autora

o texto considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente- nele se constroem e são construídos. Desta forma há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação. (KOCH, 2011 p. 17)

Pelo posicionamento de Koch acima, entendemos que um mesmo texto, se é que podemos falar em mesmo texto, dependendo das condições em que é produzido, pode gerar diferentes significados. O texto é o lugar da interação e cada um dialoga com ele de maneira diferente.

Nessa perspectiva, quanto mais informações armazenamos, mais são os recursos de produção e de interpretação de que dispomos. Passamos a fazer, de forma bem natural, as inferências que nos possibilitam alcançar a coerência do texto, quem nem sempre se encontram em sua superfície. “Essas inferências dependem, por sua vez, de um conjunto de fatores, como o grau de formalidade, o gênero textual, os conhecimentos dos interlocutores, a situação comunicativa específica em que se dá o texto etc.” (CAVALCANTE, 2011, p 31).

Dizendo de outra maneira, para compreendermos um texto, para atribuímos coerência a ele, precisamos da mobilização de vários conhecimentos que se imbricam para cooperar com as intenções de seu produtor em um contexto de produção específico. O texto, por mais bem construído que seja, conta sempre com a nossa coautoria. Somos coautores quando chegamos ao sentido de um texto a partir de pistas deixadas pelo produtor. Este não escreve para ele próprio, mas tem sempre em mente um interlocutor no momento da produção que com ele dialoga. De acordo com Koch e Lima (2003, p. 292)

Nenhum texto é ou poderia ser completamente explícito, já que [...] os processos de produção e de compreensão de textos dependem, grande parte, de informações que são apenas sugeridas, apontadas nos/pelos textos e que devem ser mobilizadas pelo ouvinte/leitor para que consiga estabelecer adequadamente o(s) sentido(s) global(is) de um texto. (*Apud* CAVALCANTE e CUSTÓDIO FILHO, 2010, p. 60)

Reforçando o dito acima sobre a construção do sentido do texto, recorreremos mais uma vez a Marcuschi que diz que “um texto nunca existe, como texto, a menos que alguém o processe como tal” (MARCUSCHI, 2008 p. 89). Não basta a materialidade linguística para que o sentido do texto seja construído. Em todo ato de interação deve haver uma ponte entre quem fala ou escreve e o seu interlocutor e a

isso se soma o contexto de produção. Desse modo, “um texto será bem compreendido quando avaliado sob o ponto de vista pragmático, que tem a ver com a atuação comunicativa, sob o ponto de vista conceitual, que diz respeito à sua coerência; e sob o aspecto formal que concerne à sua coesão”. (CAVALCANTE, 2013, p. 11)

Reiteramos aqui que o sentido do texto extrapola o que vemos em sua superfície. Além da base linguística, uma série de fatores converge para dar sustentabilidade ao texto. Neste sentido, o leitor deve ter, durante a leitura, um papel ativo. É ele, o leitor, que com a sua experiência, coopera com o autor para dar sentido ao texto. É soma de muitos conhecimentos armazenados que trazemos, adquiridos de forma planejada ou de maneira informal, é a consciência do nosso papel enquanto sujeito nas interações por meio da linguagem, é nossa inserção no contexto de produção que preenchem as lacunas trazidas pelo texto e assim chegamos ao sentido.

Mais uma vez recorremos à Cavalcante (2013, p. 20) para reforçarmos a ideia de que “o sentido de um texto não é dado apenas pelo significado das palavras, mas está na incessante interação entre locutor-co(n)texto-interlocutor”. Um mesmo enunciado construído com as mesmas palavras, pode, dependendo do contexto, expressar diferentes significados. Nesse sentido, um hino de um time de futebol, por exemplo, pode soar como manifestação de amor ao clube se tocado por um torcedor desse time no dia em que o seu clube venceu uma partida decisiva, mas o mesmo hino adquire significado diferente se tocado por outro torcedor de uma equipe rival depois de um mau resultado do adversário.

Concordamos com os autores citados que para compreendermos um texto, não podemos negligenciar o suporte, o contexto e o propósito comunicativo de quem fala ou escreve. Nesse caso específico que apresentamos, só quem é envolvido no mundo do futebol consegue atribuir sentido ao hino cantado nas duas situações distintas. Caso contrário, o sentido do texto ficará comprometido.

De tudo que discutimos até agora acerca de texto, entendemos que conceituar texto não é uma tarefa tão simples uma vez que o sentido do evento maior da comunicação não se encerra na sua parte material (linguística). Nesse mundo movido pela tecnologia, onde cada vez mais recursos se coadunam para dinamizar as mensagens, falar sobre texto é tarefa ainda mais complexa. Dessa forma, o texto passa a ser “um evento comunicativo em que estão presentes os

elementos linguísticos, visuais e sonoros, os fatores cognitivos e vários aspectos. É, também, um evento de interação entre locutor e interlocutor, os quais se encontram em um diálogo constante”. (CAVALCANTE, 2013, p. 20)

Pela definição de Cavalcante (2013), podemos perceber claramente a visão da pesquisadora sobre os recursos tecnológicos. São muitas as situações em que elementos visuais e sonoros se agregam aos linguísticos para formar uma mensagem. É impossível fazermos uma discussão acerca de texto sem considerarmos a influência que a tecnologia exerce sobre as nossas vidas e o reflexo dos recursos virtuais nos textos que nos são apresentados. Na era digital, é comum encontrarmos textos compostos por mais de um tipo de linguagens (visuais, sonoras), ou seja, a parte linguística se reveste de muitos acessórios e isso requer a mobilização de novas estratégias de leituras por parte dos envolvidos no processo de interação e uma ampliação teórica da linguística textual nesse sentido.

Para fecharmos essa breve discussão sobre texto, invocamos mais uma vez Marcuschi (2008, p. 89) para quem “o texto é a unidade máxima de funcionamento da língua”. Segundo ele, a unidade não é de caráter formal e sim funcional. Não é quantidade de palavras nem tampouco formato que definem um texto, mas a sua funcionalidade. Nesse sentido, podemos ter um texto de uma só palavra como numa placa PARE no meio da rua, mas podemos ter outros de estruturas mais complexas como um texto do meio jurídico.

Por fim, a partir de Marcuschi (2008, p. 89) apresentamos uma síntese do que discutimos nessa panorâmica abordagem sobre texto. O linguista defende, e com ele concordamos, que pelo menos três aspectos devem ser levados em conta para que exista textualidade, ou seja, para que um constructo oral ou escrito se configure com um texto:

- Primeiro: um texto não é um artefato, um produto, mas é um evento (uma espécie de acontecimento) e sua existência depende de que alguém o processe em algum contexto. É um fato discursivo e não um fato do sistema da língua. Dá-se na atividade enunciativa e não com uma relação de signos.
- Segundo: um texto não se define por propriedades imanentes necessárias e suficientes, mas por situar-se num contexto sociointerativo e por satisfazer um conjunto de condições que conduz

cognitivamente à produção de sentidos.

- Terceiro: a sequência de elementos linguísticos será um texto na medida em que consiga oferecer acesso interpretativo a um indivíduo que tenha uma experiência sociocomunicativa relevante para a compreensão.

Com isso, encerramos as nossas breves considerações sobre texto. Somos convictos de que são fartos os trabalhos nessa área, mas não é nossa intenção fazer uma abordagem mais profunda. Porém, como a nossa pesquisa se ancora em um gênero textual (carta argumentativa), julgamos pertinente e necessário fazer essa discussão, tendo em vista que todas as nossas ações através da linguagem se efetivam através de texto. A concepção de língua, e conseqüentemente de texto, que adotamos aqui, é a sociointeracional, “vista, pois, como o lugar de “interação” entre sujeitos, isto é, de sujeitos ativos, empenhados em uma atividade sociocomunicativa” (KOCH, 2011, p. 19).

Feita essa abordagem sobre o conceito de texto, nos deteremos a partir do tópico seguinte a tecer algumas considerações sobre os gêneros discursivos/textuais, tendo em vista que todas as nossas ações linguísticas sobre o mundo se efetiva através de um gênero discursivo/textual.

2.2 Considerações sobre gêneros discursivos/textuais

No tópico anterior buscamos estabelecer o conceito de texto na perspectiva da abordagem interacionista. Neste tópico, o nosso foco se voltará para a discussão acerca dos gêneros discursivos/textuais que “são entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa” (MARCUSCHI, 2010, p.19).

Para Bakhtin (2011, p. 261) “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos, concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”)

Nessa perspectiva, apoiando-nos nas ideias de Bakhtin (2011), das situações mais corriqueiras da vida até aquelas mais complexas, interagimos por meio de gêneros que não são criados por nós para aquela situação, mas nos são dados. Nas

palavras de Bakhtin temos:

Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível. (BAKHTIN, 2011, p. 283)

Ainda de acordo com Bakhtin (2011), aprendemos a moldar o nosso discurso em forma de gêneros e, quando ouvimos o discurso alheio, adivinhamos em qual gênero está sendo produzido a partir das pistas deixadas pelas primeiras palavras. De forma inconsciente, incorporamos a estrutura e mais do que isso o funcionamento de um grande repertório de gêneros, porque absorvemos que “para cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo” (BAKHTIN, 2011, p. 266).

Em outras palavras, existem formas, até certo ponto padronizadas, de gêneros para cada contexto discursivo que nos inserimos. Nesse sentido não somos tão livres quando fazemos uso da linguagem em situações reais de comunicação. Para Marcuschi (2008, p. 162) é romântica a ideia de que somos livres para criar, “já que estamos imersos numa sociedade que nos molda sob vários aspectos e nos conduz a determinadas ações”. Esse estudioso ainda acrescenta que, desde que nos constituímos como seres sociais já passamos a ser envolvidos numa máquina sociodiscursiva. E um dos instrumentos mais poderosos dessa máquina são os gêneros discursivos/textuais, sendo que de seu domínio e manipulação depende boa parte da forma de nossa inserção e de nosso poder social.

Não ignoramos a presença dos gêneros discursivos/textuais em todas as nossas relações sociais e nem o interesse da linguística em estudá-los. Podemos afirmar que cresceram nas últimas décadas os trabalhos nessa área, porque os gêneros constituem um terreno fértil para discussões não só na área da linguística, mas também em outras áreas do conhecimento. Para Marcuschi (2008, p. 152), aqui no Brasil, temos várias tendências no tratamento dos gêneros textuais conforme podemos observar abaixo:

- 1) Uma linha bakhtiniana alimentada pela perspectiva de orientação vigotskyana socioconstrutivista da Escola de Genebra representada por Schneuwly/Dolz e pelo interacionismo sociodiscursivo de Bronckart. Essa linha de caráter essencialmente aplicativo ao ensino de língua materna é desenvolvida particularmente na PUC/SP.

- 2) Perspectiva “swalesiana”, na linha da escola norte-americana mais formal e influenciada pelos estudos de gêneros de Jonh Swales (1990) tal como se observa nos estudos da UFC, UFSC, UFSM e outros polos.
- 3) Uma linha marcada pela perspectiva sistêmico-funcional é a Escola australiana de Sydney, alimentada pela teoria sistêmico-funcionalista de Halliday com interesse na análise linguística dos gêneros e influente na UFSC.
- 4) Uma quarta perspectiva menos marcada por essas linhas e mais geral, com influências de Bakhtin, Adam, Bronckart e também os norte-americanos como Charles Bezerman, Carolyn Miller e outros ingleses e australianos como Günter Kress e Norman Fairclough, é a que se vem desenvolvendo na UFPE e UFPB.

Somos convictos de que muita coisa sobre os gêneros discursivos/textuais já foi discutida e com certeza essa discussão se estenderá ao longo do tempo, visto que toda a nossa comunicação oral ou escrita só ocorre por meio deles. Porém, como os gêneros discursivos/textuais não são o foco de investigação da nossa pesquisa, julgamos que essa sucinta abordagem já nos satisfaz. Como respaldo, tivemos as ideias de Bakhtin (2011) atrelada à contribuição de Marcuschi (2008) e à de Koch (2015). Aderindo às ideias desses três estudiosos, a nossa discussão sobre gêneros se enquadra na tendência bakhtiniana na qual a linguagem passa a ser concebida na perspectiva sociointeracionista.

Ainda é importante destacar que, mesmo havendo tendências diferentes no que se referem aos estudos dos gêneros, todas essas tendências se alicerçam no pensamento de Bakhtin. Podemos afirmar que Bakhtin desenvolveu uma teoria mais concentrada sobre linguagem que com o passar do tempo foi sendo diluída pelos estudiosos para responderem a questionamentos mais específicos sobre linguagem e funcionalidade. Esse estudioso “fornece subsídios teóricos de ordem macroanalítica e categorias mais amplas e pode ser assimilado por todos de forma bastante proveitosa”. (MARCUSCHI, 2008, p. 152)

Convém ressaltarmos que, antes de Bakhtin, o estudo sobre gêneros já acontecia. Segundo Marcuschi (2008, p. 147), as primeiras considerações teóricas sobre gêneros “no Ocidente, já têm pelo menos vinte e cinco séculos, se considerarmos que a sua observação sistemática iniciou-se em Platão”. Nesse sentido, o termo gênero não teve nascimento na era moderna nem tampouco o estudo sobre gênero é algo recente. Nos dias atuais, esse estudo ganhou mais notoriedade e atenção devido à explosão de textos com os quais nos comunicamos

diariamente, mas o “novo” se alicerça numa base bastante antiga. “Esses novos gêneros não são inovações absolutas, quais criações *ab ovo*, sem uma ancoragem em outros gêneros existentes” (MARCUSCHI, 2010, p. 21). Com outras palavras, o que temos hoje sobre gêneros não é, obviamente, criação, mas uma ampliação e uma nova visão sobre o mesmo tema.

Entendemos que a abordagem de Platão foi restritiva porque não considerou os gêneros na sua amplitude. O pioneiro do estudo dos gêneros optou por fazer um corte em sua pesquisa. Platão se voltou exclusivamente para aquilo que era literário. Apesar dessa restrição, o estudo feito por Platão é relevante. Podemos afirmar que o pai das primeiras discussões acerca de gêneros deu um passo significativo para os trabalhos posteriores que envolvem essa mesma temática. Se a criação de um gênero passa por longo processo, o estudo sobre os gêneros também é construído de forma paulatina conforme podemos comprovar no trecho abaixo:

A expressão “gênero” esteve, na tradição ocidental, especialmente ligada aos gêneros literários, cuja análise se inicia com Platão para se firmar com Aristóteles, passando por Horácio e Quintiliano, pela Idade Média, o Renascimento e a Modernidade, até os primórdios do século XX. (MARCUSCHI, 2008, p. 147)

Como homem dos séculos XX/XXI, quando existe uma proliferação dos gêneros discursivos, motivada pela inserção da tecnologia em nossas ações cotidianas, Marcuschi (2008) não só considera o que pensava Platão e os seus seguidores acerca dos gêneros, mas acrescenta que “é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 154). Segundo este autor, toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero.

Nessa perspectiva, um número ilimitado de gêneros, ainda não trazido por Platão, entra para a análise de Marcuschi e de outros estudiosos contemporâneos. Com isso concordamos, porque entendemos que somente os gêneros literários não suprem a nossa necessidade de comunicação, exigida nas diferentes esferas sociais. Aliás, o domínio de escrita ou de leitura dos gêneros literários sempre foi privilégio de uma pequena minoria. Porém, independentemente disso, as pessoas de diferentes classes sociais - mesmo aquelas que viveram no tempo de Platão ou Aristóteles – já se comunicavam fazendo uso de formas mais simples de escrita ou

de fala. Dominavam, portanto, variados gêneros. De certo ninguém as ensinou, porque “aprendemos no dia-a-dia a “moldar” a escrita (e também a nossa fala) às formas precisas de gêneros, às vezes padronizados e estereotipados, às vezes mais maleáveis, mais plásticos e mais criativos”. (KOCH, 2015, p. 57)

A ideia de Koch (2015), apresentada acima, vai ao encontro do pensamento de Bakhtin (2011). Este fala que dispomos de um repertório de gêneros - fruto de uma construção histórica, social e cognitiva - que podemos fazer a escolha do mais adequado ao nosso propósito comunicativo. E para que esse uso seja feito de maneira satisfatória, Koch (2015) afirma que os indivíduos desenvolvem

uma competência metagenérica que lhes possibilita interagir de forma conveniente, na medida em que se envolvem nas diversas práticas sociais. É essa competência que orienta, por um lado, a leitura e a compreensão de [gêneros,] e, por outro lado, a produção escrita (e também oral). (KOCH, 2015, p. 56)

O pensamento de Koch (2015) acima pode ser exemplificado da seguinte maneira: em um mesmo dia, uma mesma pessoa pode ir ao trabalho e argumentar com o patrão para pedir aumento de salário; na volta pode passar no mercado para fazer o mercantil e conversar com um amigo na fila do caixa enquanto a sua vez não chega e ao chegar a casa essa mesma pessoa pode escrever um desabafo para postar em uma rede social. Cada uma dessas situações requer do indivíduo o domínio de uma estrutura textual diferente. Não falamos como o amigo da mesma forma que falamos com o patrão e não escrevemos para postar nas redes sociais da mesma maneira que falamos nas diferentes situações do dia a dia. Isso, posto que simples, nos dá uma ideia da riqueza e ao mesmo tempo da complexidade e heterogeneidade dos gêneros discursivos/textuais. De acordo com Bakhtin (2011):

A riqueza e a diversidade dos gêneros discursivos são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2011, p. 262)

É com essa riqueza de gêneros, que bem observa Bakhtin, que agimos sobre o mundo. Começamos a fazer uso de um repertório de gêneros desde cedo, logo no processo de aquisição da linguagem, a princípio de forma bem limitada, e ao longo da vida, mediados por adultos, vamos ampliando esse repertório. “Em termos

práticos, nós os empregamos [os gêneros] de forma segura e habilidosa, mas em termos teóricos podemos desconhecer inteiramente a sua existência” (BAKHTIN, 2011, p. 282). É desse repertório, construído de forma coletiva, mas que está sempre a disposição de cada falante, que escolhemos aquele gênero que melhor satisfaz as nossas intenções do momento. Como já foi dito anteriormente, não criamos um gênero novo toda vez que vamos falar ou escrever, mas já dispomos de um modelo socialmente construído para cada evento sociocomunicativo.

Nesse sentido, o nosso discurso quando estamos sentados à mesa do café da manhã, por exemplo, se difere daquele que usamos para fazermos a apresentação de um seminário ou daquela mensagem que enviamos ao nosso amigo por motivo da passagem do seu aniversário. Do mesmo modo, o usuário competente da língua jamais confunde uma mensagem de aniversário com uma conversa que se passa no café da manhã com os principais membros da família reunidos. Partindo para os gêneros mais elaborados, podemos dizer também que a forma de condução de apresentação de um seminário segue modelos historicamente construídos, de forma que qualquer pessoa que esteja diretamente envolvida nesse universo de ensino-aprendizagem, irá perceber, caso passe em frente a sala em que esse evento esteja acontecendo, que se trata de um seminário e não de uma palestra.

Obviamente, para dominarmos alguns gêneros do discurso não necessariamente devemos passar por ensinamentos pedagógicos. Muitos entram naturalmente para o nosso repertório e conhecemos mais a sua funcionalidade do que propriamente o nome que recebe. O que todo falante de uma língua sabe é que existem formas mais ou menos padronizadas de uso da linguagem para serem usadas em diferentes contextos, mas nenhum estudo dará conta da heterogeneidade e da complexidade dos gêneros do discurso, porque eles são múltiplos e flexíveis. De acordo com Bakhtin

A extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), nos quais devemos incluir as breves réplicas do diálogo do cotidiano (salienta-se que a diversidade das modalidades de diálogo do cotidiano é extraordinariamente grande em função do seu tema, da situação e da condição dos participantes), o relato do dia a dia, a carta (em todas as suas diversas formas), o comando militar lacônico padronizado, a ordem desdobrada e detalhada, o repertório bastante vário (padronizado na maioria dos casos) dos documentos oficiais e o diversificado universo das manifestações publicitárias (no amplo sentido dos termos sociais e políticos); mas aí também devemos incluir as variadas formas de

manifestações científicas e todos os gêneros literários (do provérbio ao romance de muitos volumes. (BAKHTIN, 2011, p. 262)

Com o pensamento de Bakhtin, podemos fechar nesse tópico a abordagem sobre gêneros discursivos/textual. Dentre as peculiaridades dos gêneros que foram discutidos, destacamos que eles organizam as nossas vidas e se definem mais pela funcionalidade que exercem do que por características estruturais. Devido a heterogeneidade e a flexibilidade dos gêneros, é difícil um estudo que possa nomear todos os gêneros em categorias fechadas. Como já disse Marcuschi (2008) é impossível contabilizarmos sequer os trabalhos que existem espalhados sobre gêneros, quanto mais precisar a quantidade de gêneros que se encontra a nossa disposição.

Por último, enfatizamos que o usuário mais competente da língua não faz uso de toda a riqueza de gêneros que está a nossa disposição, mas não paramos de nos apropriar deles ao longo da vida. Cada campo da atividade humana exigirá domínio específico de linguagem e quanto maior for a nossa inserção nas práticas discursivas, maior será o nosso domínio de gêneros, que sem os quais se torna inviável a comunicação.

Apesar da presença constante e natural nas nossas vidas no tocante ao uso, ainda encontramos dificuldades para estabelecer, de forma precisa, o conceito de gênero discursivo/textual. Na citação abaixo, Marcuschi (2008, p. 148) nos permite inferir sobre essa dificuldade de conceituação. Segundo esse autor, gênero é;

Uma categoria cultural
Um esquema cognitivo
Uma forma de ação social
Uma estrutura social
Uma forma de organização social
Uma ação retórica.

Se os gêneros envolvem todo esse conjunto, podemos fechar essa discussão dizendo que eles são produzidos de forma natural e corriqueira, pois é só por meio deles que compreendemos e nos fazemos compreender de forma oral ou escrita. No entanto, no que se refere a definição, não podemos ignorar que eles são complexos.

No próximo tópico discutiremos sobre referenciação, temática específica da

nossa pesquisa, cuja relevância no processo de progressão textual é indiscutível.

2.3 Da referência à referenciação

Nos últimos anos, a linguística textual tem se aprofundado nas investigações sobre alguns recursos que contribuem de forma significativa para a produção e/ou compreensão de textos. É consenso entre os estudiosos atuais da linguística textual que a unidade maior do discurso não deve ser concebida somente a partir de elementos linguísticos que se encontram visíveis em sua superfície, uma vez que “os objetos referidos em um texto podem ser de natureza diversa: mais ou menos individualizados, mais ou menos salientes; mais ou menos concretos e até abstratos”. (CAVALCANTE, 2013, p. 101). Por esse pensamento, entendemos que da mais simples atividade de interação discursiva até às mais complexas, vários recursos são ativados para ancorar os elementos cotextuais. Muitas vezes, fazemos referência a objetos de discurso ou referentes que não estão presentes no texto, mas que se encontram na “memória discursiva” dos falantes.

Para Koch (2015, p. 134) esses “referentes não espelham diretamente o mundo real, não são simples rótulos para designar as coisas do mundo”. Para nos comunicarmos, fazemos escolhas de objetos de discurso conforme a nossa intenção. Assim, o mundo não é representado fiel pelas palavras porque o nosso olhar sobre ele não é estável, mas dinâmico. Segundo essa pesquisadora, “os referentes são construídos e reconstruídos no interior do próprio discurso, de acordo com a nossa percepção de mundo, nossos “óculos sociais”*, nossas crenças, atitudes e propósitos comunicativos” (p. 134).

Tendo em vista a instabilidade** das coisas no mundo, um objeto de discurso pode ser categorizado de diferentes maneiras, porque a língua permite tal flexibilidade. Escolhemos, na língua, recursos para representar a realidade que o meio sociocultural em que estamos inseridos nos permite enxergar. Porém, essa realidade não é estanque, mas é continuamente fabricada, reconstruída. Sobre isso afirma Koch (2011) nas palavras abaixo:

* A expressão “óculos sociais” Koch (2015) tomou emprestada de Blikstein (1985).

** O termo “instabilidade” é empregado por Mondada (2015).

A realidade é fabricada por toda uma rede de estereótipos culturais, que condicionam a própria percepção e que, por sua vez, são garantidos e reforçados pela linguagem, de modo que o processo de conhecimento é regulado por uma intenção contínua entre práxis, percepção e linguagem. (KOCH, 2011, p. 77)

Concebendo a linguagem na perspectiva de Koch (2011), os conceitos de coerência e coesão também sofrem alteração e não mais se respaldam somente na materialidade do texto conforme acreditavam os primeiros estudos da referência. Não estamos dizendo com isso que o cotexto não seja importante, mas sozinho é insuficiente para garantir o sentido do texto numa visão macro. Cavalcante (2013, p. 27), também não desconsidera a importância do cotexto para a construção de sentidos do texto, mas ao mesmo tempo a pesquisadora entende “que esses sentidos não existem nas palavras em si, mas são construídos na interação locutor-texto-contexto”.

Somando os pensamentos das três pesquisadoras mencionadas anteriormente, podemos seguramente afirmar que os elementos cotextuais, sozinhos, não são suficientemente determinantes para que ocorram ligações entre as partes do texto (princípio da coesão), nem tampouco para determinar a sua coerência. Esta não deve ser buscada apenas no entorno da sua superfície, mas o leitor/ouvinte deve procurá-la em todo o seu contexto. Cada texto é produzido para atender a propósitos comunicativos específicos. Assim, um texto que está bem construído para uma determinada pessoa, pode oferecer pistas para entendimento de outra pessoa chegue ao seu sentido. Isso implica em dizermos que o leitor/ouvinte deve entrar com a sua contrapartida em cada ato de interação. Nessa perspectiva, tanto a coesão quanto a coerência dependem de recursos de diversas naturezas (sociais, cognitivas, culturais) que o usuário da língua pode ou não mobilizá-los no momento de produção ou compreensão de textos dos mais variados gêneros.

Isso porque “quando lemos um texto somos orientados pelas palavras, que nos oferecem um contexto explícito – o cotexto – entretanto temos que ativar inúmeros conhecimentos armazenados para construir o sentido do texto” (CAVALCANTE, 2013, p. 28). Nesse sentido texto não é uma linha reta de compreensão, mas é um processo em que os objetos-de-discurso podem ser construídos, retomados, ficarem adormecidos e reativados, conforme o domínio de linguagem de quem opera com a língua nas práticas situadas de linguagem.

Para Koch (2015, p. 131), a atividade de escrita (assim como a atividade de fala) pressupõe em seu desenvolvimento que:

- façamos constantemente referência a algo, alguém, fatos, eventos, sentimentos;
- mantenhamos em foco os referentes introduzidos por meio da operação retomada;
- desfocalizemos referentes e os deixemos em standd by, para que outros referentes sejam introduzidos no discurso.

Os recursos apresentados por Koch acima são de extrema relevância para a progressão textual. No conjunto, são responsáveis pelo processo de referenciação, que “diz respeito às diversas formas de introdução, no texto, de novas entidades ou referentes” (KOCH, 2015, p. 132). Se considerarmos os aspectos sociognitivos da linguagem, entendemos que compreender a progressão de um texto não se constitui uma das tarefas mais simples, porque em muitos casos as ligações entre essas partes não estão no cotexto, mas envolve também aspectos históricos, sociais e cognitivos, compartilhados pelos envolvidos no processo de interação. É consenso entre os estudiosos da linguística textual que o sentido do texto não se define na sua superfície, ou seja, não tem essência na materialidade linguística, mas em todo entorno discursivo que norteia o discurso. Assim, na progressão de um texto, devemos sempre levar em consideração todos os elementos que se articulam em sua superfície e fora.

Sem essa articulação, sem a mobilização dos conhecimentos prévios dos usuários da língua, a coerência pode ser comprometida, porque “existem referentes “não homologados na superfície do texto, estando a sua (re)construção sujeita à recorrência a mecanismos inferenciais mais complexos, ancorados no nível de estruturas e do funcionamento cognitivo, mas sempre guiados pelo linguístico” (LIMA & FELTES, 2015, p. 31). Nesse sentido, o estudo da referenciação é um terreno fértil para a linguística textual uma vez que é um processo que contribui para a coesão e, mais do que isso, para a coerência do texto.

Para Cavalcante (2013, p. 98) “o processo da referenciação diz respeito à atividade de construção de referentes (ou objetos do discurso) depreendidos do meio de expressões linguísticas específicas para tal fim, chamadas de expressões referenciais”. Nesse sentido, fazemos uso da referenciação, embora sem a

consciência do conceito técnico, em todas as nossas interações com a linguagem. De forma intuitiva, apresentamos e modificamos um objeto do discurso conforme a posição que ocupamos diante dos fatos. A título de ilustração, podemos afirmar que o termo *chuva*, por exemplo, pode ser entendido como algo muito positivo para quem vive no Nordeste e sofre com a prolongada estiagem, mas pode representar desespero para quem mora em áreas de risco em lugares que não são atingidos pelo fenômeno da seca.

Outros exemplos, poderíamos apresentar para comprovarmos que a linguagem é dinâmica. As palavras não representam objetivamente*** o mundo, e a linguística do texto têm, nas últimas décadas, aprofundado as discussões sobre fatores não materializados no cotexto, mas que são de extrema relevância para a construção da textualidade. Com esse novo olhar, a referência passa de algo palpável na superfície para algo bem complexo – a referenciação – que além do cotexto leva em conta os fatores sociocognitivos na produção e interpretação de textos.

Segundo Lima e Feltes (2015, p. 31), a partir da década de 1990, as pesquisas sobre texto se intensificam, de forma que a concepção clássica de referência passa a ser questionada. Os defensores da nova visão partiam do pressuposto de que não havia correspondência entre linguagem e mundo real conforme defendiam os estruturalistas. Tal mudança de perspectiva é

Assinalada pela substituição do termo referência por referenciação, visto que passam a ser objeto de análise as atividades de linguagem realizadas por sujeitos históricos e sociais em interação, sujeitos que constroem mundos textuais cujos objetos não espelham fielmente o “mundo real”, mas são, isto sim, interativamente e discursivamente constituídos em meio a práticas sociais, ou seja, são objetos-de-discurso. A relação língua mundo passa a ser, pois, interpretada, não meramente aferida por referentes que ou representam o mundo ou “autorizam” sua representação. Da trajetória que vai da referência à referenciação, segue-se a que vai do significante à significação, do enunciado à enunciação, da língua ao discurso, da metalinguagem concebida sob parâmetros logicistas à metalinguagem integrada à enunciação. Da trajetória que vai da referência à referenciação, segue-se a que vai do cognitivismo ao sociocognitivismo, a partir do qual a cognição é concebida como construção social, intersubjetiva e historicamente situada. (LIMA & FELTES, 2015, p. 8)

O posicionamento das autoras que apresentamos acima já deixa bem claro

*** Sobre isso sugerimos a leitura de Mondada 2015, no livro *Clássicos da linguística*, publicado pela Editora Contexto.

essa passagem da referência à referenciação. A primeira levava em consideração a língua como espelho da realidade; a segunda considera que a realidade é construída de forma subjetiva e que somente através do discurso a língua se efetiva. Como os nossos discursos se modificam, os objetos-de-discurso que criamos também sofrem alterações. É o meu ponto de vista que determina os objetos e não o contrário.

Para reforçarmos um pouco mais o que já afirmamos sobre referenciação, recorremos a quem primeiro usou esse termo, fazendo desencadear muitos trabalhos e discussões no âmbito da linguística textual. Em vez da estabilidade tradicional, com Mondada e Dubois (2015), a língua passa a ser vista de forma dinâmica e o sujeito passa de um sujeito “encarnado” para um sujeito sociocognitivo. Que exerce papel ativo diante do mundo que o rodeia. As pesquisadoras sintetizam a transição da passagem da referência à referenciação da seguinte forma:

Passando da referência à referenciação, vamos questionar os processos de discretização e de estabilização. Esta abordagem implica uma visão dinâmica que leva em conta não somente o sujeito “encarnado”, mas ainda um sujeito sociocognitivo mediante uma relação indireta entre os discursos e o mundo. Este sujeito constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias - notadamente as categorias manifestadas no discurso. Isso significa que, no lugar de fundamentar implicitamente uma semântica linguística sobre as entidades cognitivas abstratas, ou sobre os objetos a priori do mundo, nós propomos reintroduzir explicitamente uma pluralidade de autores situados que discretizam a língua e o mundo e dão sentido a eles, constituindo socialmente e individualmente as entidades. (MONDADA e DUBOIS, 2015, p. 20)

Fica claro pelo pensamento das autoras francesas que a referenciação se concretiza no cotexto, mas também no discurso. A visão clássica de referência não se anula diante da visão moderna. No entanto, podemos afirmar que a visão clássica de referência era reducionista enquanto que a visão atual, a referenciação, é bem mais abrangente. Concordamos com as autoras quando entendem que o sentido dos enunciados emana da parte linguística, mas que não podemos deixar de considerar vários outros componentes abstratos que se somam à parte material dos enunciados.

Aqui no Brasil, a pesquisadora Koch (2011) corrobora com Mondada e Dubois (2015), ao rejeitar a ideia tradicional de referência. Para a pesquisadora brasileira, os referentes são construídos sociocognitivamente e o mundo é construído por nós no processo de interação. Nas palavras de Koch (2011)

[...] a referência no sentido que lhe é mais tradicionalmente atribuído, como simples representação existencial de referentes do mundo extramental: a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele: interpretamos e construímos nossos mundos através da interação com o entorno físico, social e cultural. A referência passa a ser considerada como o resultado da operação que realizamos quando, para designar, para representar ou sugerir algo, usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade: as entidades designadas são vistas como objetos- do- discurso e não como objetos do mundo. (KOCH, 2011, p. 79)

Podemos afirmar a partir do pensamento Koch (2011), que o estudo da referenciação é indispensável nas atividades de produção e interpretação de texto, porque todo texto é perpassado por fatores que não estão presentes em sua superfície, mas engloba aspectos sociocognitivos e sobre isso devem estar atentos os envolvidos no processo de interação. Nessa perspectiva, a referenciação nos instiga a rever os conceitos de coerência e coesão precedentes. Agora, esses dois recursos que contribuem respectivamente para a progressão e o sentido do texto podem se estender além da superfície. Somos convictos de que a coesão e a coerência se extrapolam as fronteiras do puramente linguístico.

Para Cavalcante (2013, p. 98), “a referenciação é um processo e diz respeito à atividade de construção de referentes (ou objetos - de - discurso) apreendidos por meio de expressões linguísticas específicas para tal fim, chamadas de expressões referenciais”. Segundo a pesquisadora acima referida, a referência leva em consideração fundamentadamente dois importantes mecanismos:

- a intenção, porque a referência requer processos cognitivos que dizem respeito à orientação da intenção.
- a intenção, porque a referência não pode ser concebida sem as técnicas de interação, técnicas que mobilizam em especial os meios linguísticos, gestuais e puramente conversacionais e que permitem modificar a orientação da intenção do interlocutor de modo a realizar uma conjunção de intenção, ou, simplesmente, a ilusão da conjunção.

Ciulla (2008, p. 13) concorda com o dito acima sobre referenciação, mas acrescenta “que os mecanismos de interação são, em parte, condicionados pelas regras sociais estabelecidas pelos falantes”. Na construção de cada enunciado, fazemos as nossas escolhas linguísticas não de forma aleatória, mas condicionadas

pelo meio social em que estamos inseridos. De acordo com Ciulla (2008) é preciso

compreender a linguagem – e, portanto, a referenciação – apenas como uma ação conjunta, mas como ação social, no sentido de que os falantes não são completamente livres para produzir o seu discurso, pois são orientados pelas relações sociais que estabelecem, em certa medida, como as coisas são ditas e como se deve interpretar o que é dito. (CIULLA, 2008, p. 13)

O pensamento de Ciulla (2008) vem somar a tudo o que já foi dito sobre referenciação. É nas práticas sociais que aprendemos a nos orientar sobre o mundo. Podemos usar a linguagem para nos referir a ele, mas não podemos fazer referências arbitrárias. O discurso que produzimos ou o discurso que somos levados a interpretar são sempre produções ou interpretações orientadas pelas relações sociais. Em outras palavras, vemos mundo como nos ensinaram a ver e não como realmente ele é. O meu dizer vem do dizer do outro, a forma como eu me refiro ao mundo é emprestada.

Para fechar aqui neste tópico a discussão sobre referenciação, que parte do pressuposto que a noção de língua não se esgota no código, recorreremos mais uma vez a Koch (2011). Para essa autora

A discursivização ou textualização do mundo por via da linguagem não se dá como um simples processo de elaboração de informação, mas de (re)construção do próprio real. Ao usar e manipular uma forma simbólica. Usamos e manipulamos tanto o conteúdo como a estrutura dessa forma. E, deste modo, também manipulamos a estrutura da realidade de maneira significativa. E é precisamente neste ponto que reside a ideia central de substituir a noção de referência por referenciação, tal como postulam Mondada e Dubois. (KOCH, 2011, p. 81)

Com isso, esperamos ter deixado claro essa passagem da referência para a referenciação. Vimos que essa nova visão de conceber a linguagem traz grande contribuição para a linguística textual. A linguagem passa a ser vista não como a representação fiel da realidade, mas está a disposição de quem dela faz uso para satisfazer a seus interesses mediatos e imediatos.

A partir dos próximos tópicos, iremos apresentar o conceito de anáfora, os tipos de anáfora e da dêixis, que se constituem como recursos indispensáveis para progressão textual e para promover o processo de referenciação no texto.

2.3.1 Conceito de anáfora

No tópico anterior, buscamos mostrar como a linguística textual evoluiu da referência à referenciação no que diz respeito à progressão textual. A partir de agora intencionamos mostrar os mecanismos que entram na constituição desse processo, que são as anáforas e a dêixis. Como sabemos, os estudos sobre a anáfora não são algo novo, embora estejam em maior evidência nas últimas décadas com o reconhecimento de que o texto se articula com elementos que necessariamente não se encontram visíveis em sua superfície.

Marcuschi (2015, p. 54) nos diz que o termo anáfora, na retórica clássica, indicava a repetição de uma expressão ou de um sintagma no início de uma frase. Por essa visão clássica, a relação anafórica só ocorria quando um elemento já citado na superfície do texto era retomado por um pronome, uma expressão sinonímica ou por ele próprio. Essa forma tradicional de referência dava conta apenas da anáfora direta que, “seria uma espécie de substituto do elemento por ela retomado” (MARCUSCHI 2015, p. 55).

Abaixo transcrevemos o pensamento de Milner (1982) que traduz o conceito de anáfora no sentido clássico. Segundo esse autor:

Ocorre uma relação de anáfora entre duas unidades A e B quando a interpretação de B depende crucialmente da existência de A, a ponto de se poder dizer que a unidade B não é interpretável a não ser na medida em que ela retoma - inteira ou parcialmente - A. Essa relação existe quando B é um pronome no qual a referência virtual não é estabelecida a não ser pela interpretação de um "N" que o pronome "repete". Ela existe igualmente quando B é um "N" em que o caráter definido - isto é, o caráter de identidade do referente - depende exclusivamente da ocorrência, no contexto, de um certo "N" - com efeito, geralmente, o mesmo do ponto de vista lexical. (MILNER, 1982, p. 18 apud MARCUSCHI, 2015, p. 55 – 56)

Ao analisar a citação de Milner, Marcuschi (2015) tece o seguinte comentário:

Milner apresenta aqui uma noção restrita de anáfora com a ideia de que a anáfora envolve continuidade (retomada) pelo menos parcial de referentes. Além disso, Milner transforma condição necessária a relação entre a anáfora e um antecedente textual quando propõe como base da anáfora a “relação entre duas unidades A e B (que o autor chama de “*anaforizado*” e “*anaforizante*”). Isso vale mesmo para o caso de se tratar de anáforas nominais de tipos sinonímia ou repetição lexical (o autor distingue entre anáforas nominais e anáforas pronominais). Contudo, não supõe como condição necessária a retomada correferencial para o processo anafórico. Assim, pode sustentar que *anáfora* e *correferência* não são noções equivalentes. (MARCUSCHI, 2015, p. 56)

Corroborando com Marcuschi (2015), Ciulla (2008) também considera a abordagem de Milner um entrave para a linguística textual moderna que considera que os fatores sociocognitivos devem ser ativados em qualquer atividade de interação através da linguagem. A realidade é algo bem complexo e não é representada fielmente pelas palavras, mas por todo o seu entorno discursivo. Nas palavras de Ciulla, para contrariar o pensamento de Milner;

Se restringíssemos a referência à associação de unidades lexicais a segmentos da realidade, como sugeriu Milner (1982), em relação à identidade, inclusão e intersecção, estaríamos ignorando a complexidade do processo enunciativo. Entre outros, o processo comunicativo envolve conhecimentos compartilhados e a negociação com os falantes. O que não pode ser explicado meramente por relações matemáticas. (CIULLA, 2015, p. 45)

Marcuschi (2015) percebe as mesmas restrições percebidas por Ciulla (2008), porém, Marcuschi já enxerga nesse conceito um avanço, uma vez que Milner não concebe anáfora e correferencialidade como sinônimos. Mesmo considerando o avanço de Milner ao não usar anáfora e correferencialidade como sinônimos Marcuschi (2015) não abre mão de enfatizar a complexidade das anáforas. Até mesmo as anáforas ditas correferenciais não se definem, do ponto de vista semântico, apenas no cotexto. Este pesquisador ainda é adepto do pensamento “de que toda anáfora é inferencial, mas não da mesma maneira nem sob as mesmas condições” (MARCUSCHI, 2015, p. 56).

Atualmente os estudos feitos sobre a linguística textual convergem para um ponto em que as referências que dão progressão ao texto ancoram-se tanto nas informações explícitas (cotexto) como na gama de implícitos (contexto). Em outras, palavras, o texto progride quando fazemos remissão direta a um objeto de discurso ou referente na superfície do texto ou quando ativamos, baseado em conhecimentos prévios, referentes que não estão presentes no texto, mas que recuperamos da nossa memória através das pistas discursivas deixadas pelo contexto. Aludimos no caso, as anáforas diretas e indiretas, recursos indispensáveis na produção e compreensão de texto. Sobre as anáforas, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 62) afirmam que “existe mais de um tipo, mas, qualquer que seja a espécie, todas têm em comum a propriedade de continuar uma referência, de modo direto ou indireto”.

No que se refere às anáforas indiretas, Marcuschi (2015, p. 59) nos leva a entender que se trata de um caso complexo de referência. Muitas vezes é difícil traçar uma linha divisória entre o mundo criado pelas palavras e o mundo representado pelas palavras. Nas palavras do autor:

Podemos concordar com Schiffrin quando a autora lembra que é difícil traçar uma linha divisória e estabelecer as relações “entre o mundo criado pelas palavras (o texto) e o mundo representado pela palavra (contexto)”, o que torna difícil uma distinção clara entre anáfora e dêixis. Assim, é difícil distinguir com precisão uma AI de uma ocorrência dêitica. (MARCUSCHI, 2015, p. 59)

Para exemplificar a proximidade existente entre a AI e a dêixis, Marcuschi (2015) recorre ao seguinte exemplo:

“Ontem fomos ao restaurante. O garçom foi muito deselegante”

Segundo o autor citado acima, nesse caso há algo similar a uma ativação-reativação na continuidade do domínio referencial. Por esse caso específico, Marcuschi (2015, p. 60), afirma que “a AI é uma espécie de ação remática e temática simultaneamente, uma vez que traz a informação nova e a velha, produzindo uma tematização remática”.

Ainda sobre as AI, (SCHWARZ 2000, apud MARCUSCHI, 2015, p. 60), identifica nelas as seguintes características:

- a. a inexistência de uma expressão antecedente ou subsequente explícita para a retomada, e presença de uma âncora, isto é, ou contexto semântico base decisivo para a interpretação da AI;
- b. a ausência de relação de correferência entre a âncora e a AI dando-se apenas uma estreita relação conceitual;
- c. a interpretação da AI se dá como a construção de um novo referente (ou conteúdo conceitual) e não como uma busca ou ativação de referentes prévios por parte do receptor;
- d. a realização da AI se dá normalmente por elementos não pronominais, sendo menos comum sua realização pronominal.

Por essas características das AI apresentadas por Marcuschi (2015), seguramente podemos afirmar que o conceito de anáfora na perspectiva tradicional é de fato falho. Um termo não precisa, necessariamente, remeter a outro termo no contexto para se configurar como uma anáfora. Ciulla (2008) elege como traço

primordial de um anafórico

A sua característica de não necessariamente recuperar um antecedente, mas depender sempre de pistas fornecidas pelo contexto, que lhe sirvam de fonte. Isto significa dizer que os casos de anáfora não se limitam aos de retomada, isto é, aos casos de anáfora correferencial, as anáforas podem também fazer uma remissão a um elemento-fonte que aparece no texto, para, a partir dele, instituir um novo referente. (CIULLA, 2008, p. 48)

Fica claro pelo pensamento de Ciulla acima exposto que as AI exercem função por demais relevante na progressão textual. Não devemos continuar entendendo anáfora no sentido de substituição de um elemento por outro na base textual. Não estamos descartando o valor das anáforas diretas para a progressão do texto, mas enfatizando a importância de considerarmos elementos não visíveis na superfície do texto que também se articulam durante o processo de produção ou compreensão dos enunciados. Nessa perspectiva, conhecer o funcionamento das anáforas indiretas significa para os usuários da língua avançar no sentido de fazer inferências, explorando para isso o repertório de conhecimentos prévios que trazem. Entre os dois grandes grupos de anáforas (diretas e indiretas), Ciulla (2008) estabelece a seguinte diferença;

Enquanto que as anáforas diretas retomariam um elemento já mencionado, as anáforas indiretas não retomariam elementos, mas remeteriam a alguma fonte fornecida pelo contexto, introduzindo novos referentes no discurso. E, nesse ponto, coincidiriam com as introduções referenciais - um grupo à parte, em princípio justamente por promover a inauguração de um novo referente para o discurso. (CIULLA, 2008, p. 48)

Cabe salientarmos que a pesquisadora acima mencionada considera desnecessária a separação entre anáfora direta e anáfora indireta. Ciulla (2008) parte do pressuposto de que toda anáfora é inferencial. Por isso, ela prefere eliminar a subclassificação em anáfora direta e indireta e qualquer outra que remeta a atividades que dissociem léxico e cognição. Segundo essa autora “todo processo anafórico implica inferência e outros processos cognitivos que, de diversos modos, permitem aos falantes modificar, transformar e acrescentar objetos no discurso a partir dos objetos que já foram referidos” (CIULLA, 2008, p. 54).

Partilhamos do posicionamento apresentado por Ciulla (2008), mas para fins didáticos, nos deteremos a apresentar alguns tipos de anáfora. A partir de Apothéloz (2015) passamos a nomear e caracterizar alguns tipos de anáfora.

Anáfora fiel

Falamos de anáfora fiel sempre que um referente anteriormente introduzido no texto é retomado por meio de um sintagma nominal (SN) definido ou demonstrativo, cujo nome nuclear é aquele mesmo por meio do qual foi introduzido (uma casa... a/esta casa...). A anáfora fiel é, assim, uma das possibilidades de correferência. Este tipo de anáfora se enquadra no grupo das anáforas diretas na classificação tradicional.

Anáfora infiel

Também pertencente ao grupo das anáforas diretas, a anáfora infiel ocorre sempre que o nome da forma de retomada é diferente daquele da forma introduzida. Esse tipo da anáfora é facilmente identificável, pois se encontra na superfície do texto, na ponta do “iceberg”. Trata-se, mais frequentemente, de um sinônimo ou de um hiperônimo ou quando lhe é acrescentada uma determinação qualquer (uma casa... a habitação).

Anáfora por nomeação

Há anáfora por nomeação quando o sintagma nominal transforma em referente, quer dizer, em objeto individuado, o processo denotado por uma proposição anterior. Apothéloz (2015) aponta pelo menos dois casos de nomeação: a nomeação pode retomar o conteúdo proposicional desta proposição; ou o ato de fala realizado por meio da enunciação deste conteúdo. Para ilustrar o dito acima, dois exemplos de Apothéloz (2015, p. 72) abaixo:

- (I) Os arquivos do cineasta Abel Gance (...) serão vendidos em leilão, em Drouot, nos dias 3 e 4 de março. A venda compreenderá uma centena de cenários manuscritos (libération, 8:11:1993).
- (II) Como a cada noite você penteia cuidadosamente os seus cabelos. Mas que horror, a escova está cheia! Não se assuste, essa queda é a consequência da mudança de estação (texto publicitário).

Para a Apothéloz (2015, p. 73), as nomeações mostram que os mecanismos de anáforas podem levar muito além da simples retomada de informação e contribuir para os aspectos mais especificamente constitutivos do discurso. No caso específico

do exemplo (2), o substantivo *queda* não remete diretamente a um elemento do cotexto, mas o leitor, situado no contexto de produção, é capaz de estabelecer a relação entre o substantivo “queda” e a expressão *escova está cheia!*

Anáfora por silepse

Tomando emprestado o termo da retórica clássica, Apothéloz (2011, p. 73) chama de silepse quando se toma “uma mesma palavra toda vez em sentidos diferentes”. Segundo Apothéloz, quando ela se manifesta nas retomadas anafóricas pronominais, essa figura dá lugar a modificações que dizem respeito ao gênero e ao número gramatical. Como ilustração desse tipo de anáfora, o autor citado acima recorre ao exemplo que transcrevemos abaixo;

“Uma mulher infiel, se assim for conhecida pela pessoa interessada, é apenas infiel. Se ele a crê fiel, ela é pérfida”.

Apothéloz (2015) observa que o referente, introduzido aqui por meio de uma expressão de gênero gramatical feminino (a pessoa interessada), é retomado pelo pronome masculino “ele”, sugerindo evidentemente que a “pessoa interessa” é do sexo masculino (de onde uma definição frequente consiste em dizer que a silepse é uma concordância segundo o sentido e não segundo a gramática).

Apothéloz ainda aponta outro tipo de anáfora por silepse que se assemelha muito com a anáfora associativa. Para ilustrar esse tipo de anáfora, Apothéloz recorre ao exemplo abaixo:

“Na cantina, elas se queixaram de que era preciso raspar o forno”. (CHAROLES, 1990 apud APOTHÉLOZ, 2015).

Nesse caso específico, ELAS, segundo Apothéloz

Pode ser analisado seja como uma anáfora por silepse, seja como uma anáfora associativa, de acordo com a interpretação dada à expressão *na cantina*. Seja, com efeito, esta expressão com metonímia para *as moças da cantina* – Nesse caso, há a passagem de uma referência a uma entidade coletiva para uma referência à classe de indivíduos que cobrem essa entidade, e estamos em presença de uma silepse; seja expressão a designação a um lugar, e estamos, então, em uma situação do tipo *a cantina... elas*, com anáfora associativa. (2015, p. 75)

De acordo com o que apresentamos na citação acima, Apothéloz (2015) não considera que haja uma demarcação precisa entre as fronteiras da anáfora por silepse e anáfora associativa. As pistas contextuais não esclarecem a quem o ELAS faz referência. Em todo caso, a ambiguidade só será desfeita se analisado todo o contexto discursivo. Se um enunciado como esse que está sendo comentado for produzido numa interação face, quando passa a haver uma cooperação entre os envolvidos no processo de comunicação, seguramente a ambiguidade não ocorrerá.

Anáfora associativa

Para Apothéloz (2015), é uma expressão constituída por sintagmas nominais definidos que apresentam simultaneamente as duas características seguintes:

- de um lado, certa dependência interpretativa relativamente a um referente anteriormente (às vezes, posteriormente) introduzido ou designado.
- do outro lado, a ausência de correferência com a expressão que introduziu ou designou anteriormente (às vezes posteriormente) esse referente.

Nesse tipo de anáfora não há um referente explícito, mas existe na superfície do texto um elemento desencadear do sintagma conforme podemos demonstrar através do exemplo abaixo no estudo feito por Apothéloz (2015):

“Nós chegamos a uma cidade. A igreja estava fechada”

A anáfora associativa, indubitavelmente, irá depender de conhecimentos partilhados. No caso do exemplo, existe um acordo prévio entre os envolvidos no processo de comunicação que em toda cidade existe uma igreja, de forma que a associação entre os dois sintagmas seja coerente. Não teria a mesma aceitabilidade se em vez do sintagma igreja colocássemos o sintagma *quartel do exército*, por exemplo, uma vez que não existem quartéis do exército em cidades de pequeno porte.

Ilha anafórica

Para falar desse tipo de anáfora, Apothéloz (2015) parte do princípio de que os lexemas são as unidades “da superfície”, semanticamente complexas e derivadas

a partir de uma estrutura subjacente que se articula primitivos semânticos. Porém, esses primitivos não se tornam acessíveis no discurso pelos pronomes conforme se observa no exemplo abaixo:

“Max é órfão e ele sente bastante a falta deles”

Comum nas práticas de linguagem oral, esse tipo de referência é possível porque o lexema órfão se encontra “ilhado” por parentescos semânticos. Sempre que ouvimos o lexema órfão, o nosso cérebro ativa os lexemas pai e mãe, daí decorre a aceitação, no caso do exemplo, do termo deles sem que haja um referente explícito no contexto.

Nos deteremos a partir de agora a conceituar e comentar mais dois processos de referenciação que contribuem de forma substancial para a progressão do texto. Estamos falando do encapsulamento anafórico (ou da anáfora encapsuladora) e da recategorização, que serão categorias de análises da pesquisa que desenvolvemos.

2.3.1.1 Anáfora encapsuladora ou encapsulamento anafórico

É comum encontrarmos ou percebermos nos textos uma expressão nominal que retoma não um termo do contexto, mas uma porção maior do enunciado conforme o exemplo que retiramos de Conte (2015, p. 178) e apresentamos abaixo:

“Hoje, todos os melhores espaços produtivos estão ainda na mão da velha estrutura do estado. Levará tempo para mudar essa situação”

Percebemos no exemplo, que a expressão *essa situação* empacota ou encapsula todo o conteúdo da frase anterior. Estamos, portanto, diante de um caso de anáfora diferente daquelas mais convencionais. Há quem defenda que a anáfora encapsuladora é meio híbrida: meio que direta e meio que indireta.

Sobre quem primeiro percebeu esse diferente tipo de anáfora e sobre quem deu nome a mais esse recurso da referenciação, não se sabe ao certo. O que se sabe é que muitos pesquisadores atentaram para essa particularidade das anáforas e externaram a sua posição. Nas palavras de Conte (2015)

Mesmo que o termo ‘encapsulamento’ (no sentido em que ele é usado

aqui)” pareça ter sido introduzido por Sinclair (1983), vários fenômenos que caem sob o conceito de encapsulamento anafórico já foram mencionados por Halliday e Hasan (1976) e por Conte (1980, 1981). Halliday e Hasan levam em conta a função dos nomes gerais no discurso sob o título de ‘referência estendida’. Conte discute a referência anafórica a proposições e atos de fala, e a entidades de terceira ordem. (CONTE, 2015, p. 180)

Podemos entender que, mesmo sem receber o nome de anáfora encapsuladora, a forma de referir que empacota grande porção do cotexto já vinha sendo discutida pelos pesquisadores no decênio compreendido entre 1980 e 1990.

De acordo com Conte (2015, p. 178) “o encapsulamento anafórico é um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumidora de uma parte precedente do texto”. Segundo essa autora, Gill Francis um dia chamou essa parte resumidora de enganador anafórico. “Essa parte resumida do texto não tem extensão definida e pode ser um sintagma, uma frase ou até mesmo um parágrafo inteiro” (p. 178). Abaixo mostraremos um exemplo desse recurso da referência, também retirado de Conte (2015)

“A verdade, profunda anomalia do nosso sistema de televisão, representa o peso do poder político. Esse fato provocou uma excessiva fragmentação da rede privada, sobretudo do Centro-Sul”.

No exemplo acima, o sintagma nominal “esse fato” encapsula, resume e empacota todo o período anterior. Por apresentar essa particularidade, a anáfora encapsuladora difere-se dos tipos convencionais de anáforas. Para esse tipo particular de anáfora, Conte (2015) destaca dois pontos relevantes:

- (I) Os referentes dos sintagmas nominais anafóricos não são indivíduos, mas referentes com status ontológico diferente: são entidades de uma ordem superior como estados de coisa, eventos, situações, processos ou fatos, proposições, ou atos de enunciação.
- (II) O antecedente (se é legítimo falar de um antecedente) não é claramente delimitado no texto, mas deve ser reconstruído (ou mesmo construído) pelo ouvinte/leitor.

Por apresentar essa característica de retomar não só um termo, mas uma porção maior do enunciado, o encapsulamento anafórico, segundo Conte (2015, p. 181) é um recurso coesivo muito importante, (especialmente em textos argumentativos escritos) e não tem recebido consideração tão eficiente como mereceria na discussão dos processos anafóricos.

Ainda sobre o encapsulamento anafórico, Conte (2015) também destaca que

esse recurso não tem apenas a função de resumir, mas também a função de direcionar o discurso. Em outras palavras, a anáfora encapsuladora, mais do que resumir, categoriza. O locutor dificilmente assume uma posição de neutralidade sobre o objeto do discurso, que não raro essa posição avaliativa se manifesta nas anáforas encapsuladoras. Nas palavras de Conte (2015)

O encapsulamento anafórico é primeiramente uma categorização de conteúdo do contexto precedente. Essa categorização ocorre por meio de nomes neutros, mas também se dá na avaliação dos estados das coisas por meio de nomes avaliativos (ou em sintagmas nominais com um adjetivo avaliativo como modificador) Chamarei esses termos avaliativos de “axiológicos”. (CONTE, 20015, p. 181)

Para ilustrar o acima dito sobre o caráter axiológico das encapsuladoras, recorreremos a mais um exemplo de Conte (2015) e citamos abaixo:

“É de ontem a notícia de que um superpetroleiro afundou ao largo da costa báltica derramando a carga inteira no mar. Hoje se pergunta: *esta enésima catástrofe ecológica poderia ser evitada?*” (p. 181).

Nesse exemplo acima, o termo “enésima”, que entra na composição do sintagma nominal é axiológico, uma vez que o autor expressa insatisfação diante da tragédia ambiental ocorrida. Além disso, o termo enésima sugere que é comum esse tipo de tragédia acontecer, o que insinua negligência por parte das autoridades em relação aos problemas ecológicos provocados por afundamentos de navios petroleiros. Isso nos leva a aceitar que “o sintagma nominal encapsulador produz um nível mais alto na hierarquia semântica do texto” (CONTE, 2015, p. 184). De acordo com essa autora, “o encapsulamento anafórico muito frequentemente ocorre no ponto inicial de um parágrafo e funciona como princípio organizador, pode ser um poderoso meio de manipulação do leitor” (p. 184)

Saindo um pouco da anáfora encapsuladora, nos deteremos no próximo tópico a comentar sobre a dêixis que, em alguns casos, se confunde, com a anáfora direta.

2.3.1.2 Recategorização

Reconhecido pelos estudiosos da linguística textual moderna como um importante recurso na produção textual, a (re) categorização tem ganhado bastante atenção dos pesquisadores da área nas últimas décadas. Partimos do pressuposto de que os referentes ou objetos do discurso não são estáveis. Para iniciarmos essa pequena abordagem sobre o recurso da (re)categorização, apresentamos abaixo o posicionamento de Mondada e Dubois acerca das práticas linguísticas. Para as autoras, essas práticas:

Não são imputáveis a um sujeito cognitivo abstrato, racional, intencional e ideal, solitário face ao mundo, mas a uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo. (MONDADA e DUBOIS, 2015, p. 20)

Isso implica em admitirmos que a nossa visão sobre as coisas não é estanque, mas dinâmica; que não agimos individualmente sobre o mundo, mas somos constructos coletivos. E por sermos assim, as nossas ações são moduladas. Podemos renomear o mundo, mas essa nomeação não se sobrepõe ao social, ao coletivo. Assim, em cada ato de comunicação “há uma pluralidade de atores situados que discretizam a língua e o mundo e dão sentido a eles, constituindo individualmente e socialmente as entidades” (MONDADA e DUBOIS, 2015, p. 20).

Corroborando com a visão acima, Cavalcante e *et al* (2014) postulam que o trabalho de construção de referentes é uma atividade partilhada, intersubjetiva. O indivíduo dispõe de diferentes recursos para reconstruir a realidade, mas essa realidade não pode ser construída a seu bel-prazer. As versões de mundo construídas pelos indivíduos devem ser submetidas à aceitação de outros participantes da interlocução. “A referência é um processo de negociação realizado pelos falantes no momento da interação, à medida que o discurso se desenvolve” (CIULIA, 2014, p. 248). Fica entendido, assim, que a ação de referir é inerentemente social.

Tendo em vista esse caráter social das práticas discursivas, em que os objetos do discurso não gozam de estabilidade, mas que sofrem constantemente alterações para se ajustarem aos propósitos comunicativos dos diretamente envolvidos no processo de interlocução, a reflexão sobre o fenômeno da recategorização tem sido um terreno bastante explorado pelos estudiosos da linguística textual que concebe a linguagem na perspectiva interacionista. Isso

porque a todo o instante, por sermos sujeitos inerentemente sociais, somos impulsionados a emitirmos opinião sobre as coisas ou sobre as pessoas que nos cercam. Ao fazermos isso, estamos referenciando e (re)categorizando o mundo. Não somos sujeitos neutros nem quando produzimos nem quando somos submetidos a interpretar. As nossas escolhas por uma e não outra categoria reflete a posição que assumimos diante das coisas e do mundo.

Para Cavalcante (2013) a recategorização referencial diz respeito á

Possibilidade de um referente passar por mudanças ao longo de um texto. Essas mudanças estão relacionadas ao direcionamento argumentativo que o produtor pretende dar a seu texto, mas também a outras intenções expressivas, emotivas, poéticas etc....: as funções discursivas da transformação ou recategorização de um referente são muito diversificadas, e seria impossível fechá-la numa única classificação. (CAVALCANTE, 2013, p. 106)

Por essa definição de Cavalcante (2013), a nossa visão sobre o mundo ou sobre os objetos depende muito da posição que ocupamos frente a eles, mas as nossas escolhas são orientadas. Podemos a partir da autora citada acima que há sempre diferentes versões para o mesmo fato. Cada versão dependerá dos óculos que estamos usando no momento em que presenciamos esse fato. Por isso é que uma mesma realidade dar origem a referentes distintos. Ainda de acordo com Cavalcante (2013), para construirmos um referente, dispomos de um leque de possibilidades linguístico-discursivas e podemos fazer a escolha de uma ou de outra forma de categorizar, conforme o propósito comunicativo de quem escolhe e da adesão daqueles a quem o discurso é dirigido.

Para Custódio Filho e Silva (2013, p. 63), “a recategorização anafórica está intimamente ligada ao teor argumentativo do texto e que as expressões recategorizadoras podem explicitar o posicionamento do locutor ou a forma com este estabelece o posicionamento de outros enunciadores presentes no texto”. Nessa mesma linha, Ciulla (2014, p. 248) afirma que “durante a interação, as categorias discursivas e cognitivas evoluem e se modificam; as escolhas lexicais são adaptadas e reconstruídas de acordo com o que está sendo negociado e com as intenções dos interlocutores”. Nesse sentido, temos mais um motivo para explorarmos esse recurso, construído nas relações intersubjetivas, que pode nortear as nossas ações linguístico-discursivas nos momentos reais de interação.

Para ilustrar o caráter intersubjetivo da categorização, recorreremos abaixo a

um exemplo que encontramos em Ciulla (2014) para ilustrar o fenômeno. Nesse exemplo, o referente recategorizado não está facilmente expresso no contexto, mas pode ser recuperado a partir das pistas deixadas pelo autor. Para isso o interlocutor deve acionar os seus conhecimentos prévios para chegar a essa recuperação.

A DAMA BRANCA

A Dama Branca que eu encontrei,
Faz tantos anos,
Na minha vida sem lei nem rei,
Sorriu-me em todos os desenganos.

Era sorriso de compaixão?
Era sorriso de zombaria?
Não era mofo nem dó. Senão,
Só nas tristezas me sorria.

E a Dama Branca sorriu também
A cada júbilo interior.
Sorria como querendo bem.
E todavia não era amor.

Era desejo? – Credo! De físicos?
Por histeria... quem sabe lá?...
A Dama tinha caprichos físicos:
Era uma estranha vulgívaga.

Ela era o gênio da corrupção.
Tábua de vícios adúlteros.
Tivera amantes: uma porção.
Até mulheres. Até meninos.

Ao pobre amante que lhe queria,
Se lhe furtava sarcástica.
Com uns perjura, com outros fria,
Com outros má.

- A Dama Branca que eu encontrei,
Há tantos anos,
Na minha vida sem lei nem rei,
Sorriu-me em todos os desenganos.

Essa constância de anos a fio,
Sutil, captara-me. E imaginai!
Por uma noite de muito frio
A Dama Branca levou meu pai.

(Manuel Bandeira, A dama branca – em CIULLA 2008)

No começo do poema, a expressão *A dama branca* nos induz a pensar que se trata de uma mulher. Somente ao final da leitura do poema é que são dadas algumas pistas que direcionam o leitor a descobrir que se trata da *Morte*. O termo *Morte* não é mencionado nenhuma vez no poema, porém aparece recategorizado

como *A dama branca*. A aceitação dessa recategorização só acontece se houver uma negociação dos interlocutores. O gênero textual *poema*, nesse caso específico, por se valer muito da linguagem conotativa, favorece esse tipo de escolha. Além disso, as informações acerca do autor do texto, que quase morre precocemente por conta de uma tuberculose, fato marcado nos versos “– A dama branca que eu encontrei, / Há tantos anos”, também contribuem para que o leitor faça uma associação entre os termos a dama branca e a morte.

2.3.1.3 Dêixis

Neste tópico, elegemos para falar da dêixis, um recurso que como a anáfora, serve para promover a progressão do texto. Alguns autores defendem que é bem próxima a relação entre esses dois recursos. Em muitos casos, uma expressão pode assumir concomitantemente as funções de dêitica e anafórica.

Iniciamos a nossa discussão sobre dêixis como o pensamento de Apothéloz (2015, p. 66) que defende que em muitas situações de comunicação, “certas expressões linguísticas têm como particularidade que sua interpretação é inteiramente dependente do lugar ou do momento de sua enunciação, ou ainda da pessoa que anuncia”. É o caso de expressões como *aqui, agora, eu*, por exemplo, que só se interpreta com relação ao momento em que se acha o locutor quando ele pronuncia. Por dêixis, entende-se:

A localização e a identificação das pessoas, objetos, processos, eventos e atividades [...] em relação ao contexto espaço-temporal acreditado e mantido pelo ato de enunciação... e a participação, em regra geral, de um locutor único e de pelo menos um interlocutor” (Lyons, 1980, p. 261). A categoria dos dêíticos compreende notadamente em francês os localizadores espaciais e temporais (*aqui, lá, agora, ontem, amanhã, etc.*) e os pronomes de primeira e segunda pessoa. (APOTHÉLOZ, 2015, p. 67)

Com essa definição, Apothéloz, engloba os três clássicos tipos de dêixis: a espacial, a temporal e a pessoal. Em conformidade com o acima citado, Cavalcante (2013, p. 127) diz que o que caracteriza um dêitico não é o fato de ele poder constituir uma introdução referencial ou poder compor uma retomada anafórica. Para esta pesquisadora o que define um dêitico é “a propriedade de só podermos identificar a entidade a que ele se refere se soubermos, mais ou menos, a quem

está enunciando a expressão dêitica e o local ou tempo em que esse enunciador se encontra” (p. 127)

Para ilustrar essas particularidades da dêixis, Cavalcante (2013, p. 128) analisa um fragmento de uma canção “Emoções” do Rei Roberto Carlos, bastante conhecida pela maioria das pessoas que curtem esse cantor.

Quando eu estou aqui
 Eu vivo esse momento lindo
 Olhando pra você
 E as mesmas emoções sentindo
 São tantas já vividas
 São momentos que eu não esqueci
 Detalhes de uma vida
 Histórias que eu contei aqui

Ao comentar as ocorrências dêiticas no fragmento da canção mencionada, Cavalcante (2013) defende que o interlocutor só entende essas ocorrências se souber algumas “coordenadas” do enunciador. Na música “Emoções”, a compreensão dos referentes equivalentes às expressões sublinhadas só acontece, exatamente, quando há o conhecimento de quem é o “eu”, o “você”, onde é “aqui” etc. (CAVALCANTE, 2013, p. 128)

Apesar de ser um fenômeno bem corriqueiro nas situações discursivas, ao longo do tempo, os pesquisadores ainda encontram o que explorar sobre a dêixis, que não introduz nem retoma referentes, mas se sustenta nas circunstâncias enunciativas. Conforme pudemos ver em Ciulla (2008), já foram feitas várias pesquisas sobre o fenômeno, mas os pesquisadores ainda não chegaram a uma definição de enquadrar as dêixis em um quadro fechado. Aliás, os últimos estudos apontam para a existência de outros tipos de dêixis diferentes dos tradicionalmente apontados. Sobre a busca dos pesquisadores para entenderem a dêixis – e nessa busca ela, Ciulla, se inclui ao dizer que:

Para chegarmos a uma definição da dêixis, também seguimos uma longa trajetória de revisão crítica, que começou com Bühler ([1934] 1982) e a sua noção fundamental de *origo*, que está na base do conceito do fenômeno da dêixis. Segundo este autor, que foi o primeiro a definir a dêixis, as expressões dêiticas referem-se a um campo dêitico da linguagem, cuja *origo*, ou ponto zero, é fixada pela pessoa que está falando, pelo local da enunciação e pelo tempo da enunciação. Para Bühler, o significado das palavras dêiticas depende de pistas situacionais e não requer uma representação convencional, ou seja, as palavras dêiticas são vazios simbólicos e precisam apenas de uma identificação que permita reconhecer o objeto. (CIULLA 2008, p. 55)

Entre encontros e desencontros de pensamento no que se refere a dêixis, os

estudos somados já apontam para a existência de mais de três tipos de dêixis. Alguns já aceitos por todos; outros ainda em processo de estudo e análise. Abaixo apresentamos alguns tipos desses dêiticos.

Dêixis pessoal – Cavalcante (2013) define como sendo uma expressão utilizada pelo sujeito para remeter aos interlocutores, ou seja, às pessoas do discurso (EU e TU/VOCÊ).

Dêixis espacial – aponta para informações de lugar, tendo como ponto de referência o local em que ocorre a enunciação. De acordo com Cavalcante (2013, p. 130), “os dêiticos espaciais evidenciam a relação de maior ou menor proximidade relativamente ao lugar ocupado pelo enunciador”, expressa pelos advérbios ou locuções adverbiais de lugar (exemplo: “aqui”, “cá”, “além”, “acolá”). Somados aos advérbios, também de acordo com essa pesquisadora, funcionam como dêiticos espaciais os pronomes demonstrativos (exemplo: “este”, “essa”, “aquilo”, “a mesma”, “o outro”).

Dêixis temporal – ainda de acordo com Cavalcante (2013, p. 132), os dêiticos temporais localizam no tempo do enunciador determinados fatos, isto é, utilizam como ponto de referência “agora” da enunciação. Desempenham a função de advérbios, as locuções adverbiais ou as expressões indicadoras de tempo (exemplo: “amanhã”, “ontem”, “na semana passada”, “no dia seguinte”, etc.). Além disso, funcionam como dêixis temporal os sufixos flexionais de tempo-modo (exemplo: “falarei”, “falo”, “falei”, etc.).

Esses são os três tipos de dêixis mais tradicionais. Porém, em Ciulla (2008) vamos encontrar outros tipos de dêixis. Além dos dêiticos tradicionalmente conhecidos (pessoal, temporal e espacial), essa pesquisadora traz para a discussão no seu trabalho a dêixis de memória, a dêixis social e a dêixis discursiva. Para este último tipo, ainda não existe um estudo definido. Abaixo teceremos um breve comentário sobre cada um desses tipos de dêixis:

A dêixis de memória, como o próprio nome sugere, se apoia em conhecimentos prévios dos interlocutores que se ativam no momento da interação. Exemplo dessa dêixis pode ser apontado nos dois exemplos de Ciulla (2008, p. 58):

“**Aquele tempo** que costumávamos pescar juntos”

“Essas roupas que se vestem em festas para reviver **os anos 70**”

A dêixis social “diz respeito a expressões que refletem a situação social na qual a fala se realiza” (CIULLA, 2015, p. 57). Podemos arriscar a dizer que esse tipo de dêixis se confunde com a dêixis pessoal dos estudos linguísticos e com os pronomes de tratamento da gramática tradicional. De acordo com Ciulla (2008), no discurso, esse tipo dêixis demarca as relações sociais hierárquicas entre os envolvidos no processo de interação. Dependendo de quem seja o nosso interlocutor, podemos escolher dentre as formas de tratamento, que vai do você (que marca aproximação entre os interlocutores) até as formas mais respeitadas (como senhor ou vossa excelência) se assim a situação exigir.

A dêixis discursiva, como o próprio nome sugere volta-se para o discurso. Ciulla (2008) defende a existência de quatro tipos cuja apresentação será feita abaixo.

Dêiticos discursivos situacionais – se referem a entidades já introduzidas no cotexto e, ao mesmo tempo, mantêm um elo com o espaço extralinguístico. A pesquisadora citada ilustra isso no exemplo trazido por ela própria conforme apresentamos abaixo: “**Este trabalho** compreende parte da análise realizada na minha dissertação de mestrado, em fase final de elaboração (a ser defendida em dezembro deste ano”. (2008, p. 59 artigo científico, *corpus* do Prottexto - citado por CIULLA, 2002, p. 38)

Dêiticos discursivos físico-textuais - seriam os que localizam porções do discurso de acordo com uma perspectiva horizontal ou vertical que se conceba do espaço físico do texto. Para exemplificar esse tipo de dêixis, recorreremos mais uma vez um exemplo de Ciulla (2008, p. 59): “Assim como o substantivo, um outro recurso [...] que permite determinar o procedimento avaliativo da anáfora demonstrativa é o emprego de adjetivos, como revela o *exemplo a seguir*.” (artigo científico, *corpus* do Prottexto apud CIULLA, 2008, p. 48)

Os dêiticos discursivos da memória, que simultaneamente encapsulariam informações presentes no cotexto e remeteriam a algum conhecimento contido na memória dos interlocutores. Esse tipo de dêixis está destacado no exemplo abaixo:

Segundo ele, o simples fato de o povo brasileiro dizer o que pensa sobre a dívida externa e seus elevados e inexplicáveis encargos será suficiente para despertar a ira do sistema financeiro internacional, que passaria a cobrar juros ainda mais altos sobre a dívida brasileira. É **aquela posição***

* ****Grifos da autora citada.

subumana do condenado que prefere omitir-se sobre a injustiça da pena que lhe foi imposta, por temor de que a simples discussão possa agravá-la ainda mais. (editorial, *corpus* do Prottexto apud CIULLA, 2008, p. 48)

Por fim, o último grupo abrigaria os dêiticos discursivos encapsuladores, que, na concepção de Ciulla (2008, p. 59) têm a função de encapsular conteúdo sem dar indicações sobre a localização do referente. Esse último tipo será mostrado no exemplo abaixo, também encontrado em Ciulla (2008).

A cada palavra escrita, a cada frase feita, o autor revê minuciosamente se seu texto corresponde a sua intenção. É **dessa forma** que SL procede ao escrever, verificando e recortando as formas escritas que lhe parecem inadequadas, sobretudo, ortografia (CIULLA, 2008, p. 59)

Feita essa abordagem sucinta sobre a dêixis, recurso que como as anáforas integra o processo de referencição, discutiremos no tópico seguinte sobre introdução referencial.

2.3.2 Introdução referencial

Quando usamos uma palavra ou expressão pela primeira vez no texto, sem nenhuma referência direta ou indireta a termos anteriormente mencionados, estamos diante de uma introdução referencial, que ocorre quando um “objeto” até então não apresentado é introduzido no texto, sem que haja qualquer elemento do discurso em que ele esteja “ancorado” anteriormente (CAVALCANTE, 2013, p. 122). No caso de um objeto introduzido a partir de pelo menos uma âncora, não temos a introdução referencial, mas uma anáfora.

A autora citada afirma que existem dois tipos de introdução de referentes que se realizam por meio de expressões referenciais:

As que estão e as que não estão relacionadas a algum elemento no cotexto. Quando não há relação como nenhum outro referente do texto, dizemos que se trata de uma introdução referencial pura, mas quando há pelos menos uma “âncora” (um elemento anterior ao qual a expressão referencial está associada) chamamos de anáfora indireta. (CAVALCANTE, 2013, p. 122)

Para ilustrar os dois tipos de introdução referencial destacado por Cavalcante (2013), recorreremos ao exemplo trazido por essa autora:

O bêbado, no ponto do ônibus, olha para uma mulher e diz;

- Você feia, hein?

A mulher não diz nada. E o bêbado insiste;

- Nossa, mas você é feia demais!

A mulher finge que não ouve. E o bêbado torna a dizer;

- puxa vida! Você é muito feia!

A mulher não se aguenta e diz:

- E você é um bêbado!

- É, mas amanhã eu melhora...

(CAVALCANTE, 2013, p. 122)

No comentário sobre o texto, a autora citada expressa-se da seguinte forma:

Nesse texto, vemos que as expressões *o bêbado* e *uma mulher* não estão relacionadas a nenhum elemento anteriormente mencionado. Os dois referentes são introduzidos contextualmente, pela primeira vez, a partir das expressões referenciais mencionadas. Essas expressões são chamadas introduções referenciais (CAVALCANTE, 2013, p. 122).

Com outras palavras, uma introdução referencial é um termo novo empregado no texto, sem relação retrospectiva nem prospectiva com qualquer outro termo da superfície textual.

No exemplo seguinte, (também retirado de Cavalcante 2013), podemos constatar o caso em que o referente é introduzido a partir de uma âncora do cotexto:

Era um feriado de ano novo, e todos no hospício estavam muito felizes, brincando em uma piscina, que acabara de ser instalada, quando chega o fim da tarde e um louco fala com o médico;

-- Adorei o dia de hoje, todos estão gostando muito da piscina, né doutor?

O médico responde;

- É verdade.

O louco pergunta novamente:

- Amanhã vamos poder brincar na piscina?

Mais uma vez o médico responde;

- Sim, amigo, amanhã vai estar muito melhor: vamos colocar água nela.

(CAVALCANTE 2013, p. 124)

Neste caso, a palavra “médico” ancora-se na palavra “hospício”. Para essa compreensão, entra em jogo o nosso conhecimento de mundo que permite que

façamos a ligação entre as duas palavras destacadas. Processo análogo ocorre entre o referente “água” em relação à âncora “piscina”. Nos dois casos, há ocorrência da anáfora indireta.

Para sintetizar o que dissemos sobre a anáfora, a dêixis e a introdução referencial, apoiamo-nos mais uma vez na pesquisa feita por Ciulla (2008, p. 73). A pesquisadora considera que:

1. Anafórico é o processo de continuidade referencial, ou seja, é o processo em que uma referência a um objeto que, ao mesmo tempo, ativa alguma fonte que já foi mencionada explicitamente no texto e/ou que se encontra armazenada na memória comum dos interlocutores; nesse processo, objetos podem ser transformados e/ou inseridos no discurso.
2. Dêitico é o processo em que se denuncia o posicionamento do enunciador no tempo ou no espaço ou que em que há a indicação de algum espaço – normalmente a memória –, onde podemos encontrar informações que nos servirão de base para construir um referente.
3. Introdução referencial é o caso em que um referente novo é apresentado para o discurso, sem a ativação de qualquer fonte (a não ser o conhecimento enciclopédico).

Acreditamos que essa abordagem teórica realizada sobre a referenciação sustenta os nossos comentários em relação à análise que faremos sobre esse processo nos textos dos alunos de 9º ano. No tópico seguinte, descreveremos os passos metodológicos da nossa pesquisa.

3 METODOLOGIA

Fazer com que o aluno escreva no espaço escolar ainda é um desafio para a maioria dos professores que leciona a disciplina de língua portuguesa nas escolas públicas do nosso país. Embora nos expressemos verbalmente sempre por meio de textos, a expressão *produção textual* ou *redação* tem sido um fantasma para muitos alunos, que tentam de todas as formas fugir da tarefa. Essa fuga dos alunos das atividades de natureza escrita no ambiente escolar nos provoca inquietações e pode soar como um reflexo de limitações que eles apresentam para produzir o gênero a que são submetidos.

Sabemos que na constituição de qualquer texto estão envolvidos muitos fatores, podendo ser eles de ordem linguística, estrutural e contextual, nem sempre considerado pelos profissionais da área de linguagem (muitas vezes por limitação teórica) no momento de produção. É tendo em vista esses três aspectos relevantes na produção textual que iremos nortear a nossa pesquisa.

Partindo da concepção de Mondada e Dubois (2015) que trazem a defesa de que “os sujeitos constroem, através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas, versões públicas de mundo”, buscaremos analisar o processo de referenciação na progressão do texto.

O gênero que escolhemos foi a Carta Argumentativa, que nas análises será abreviada de CA. Poderíamos ter escolhido qualquer outro gênero, inclusive os gêneros que circulam nas redes sociais, uma vez que vivemos na **era digital**, mas preferimos trabalhar com a carta, pois acreditamos que é um gênero mais formal para o contexto em que foi produzido. O segundo motivo por que escolhemos esse gênero é que ele é facilmente encontrado em periódicos impressos ou digitais, o que facilita o nosso acesso. O terceiro motivo da nossa escolha é que a nossa produção tem caráter pragmático e almejamos que ela chegue efetivamente às mãos de um destinatário real, no caso o prefeito da cidade ou legislativo.

Somos sabedores de que os textos produzidos por nossos alunos, muitas vezes, só têm a interlocução do professor que corrige e atribui uma nota e o trabalho se encerra aí. Nós professores temos que encontrar um meio para fazer com que os textos produzidos pelos nossos alunos circulem e os discursos embutidos neles tenham respostas de outros sujeitos sociais.

O quarto motivo da escolha é que esses alunos já estão saindo para o Ensino

Médio, e as noções de argumentação aqui adquiridas podem contribuir para as tarefas de produção na última etapa da Educação Básica, onde os professores costumam fazer um trabalho mais direcionado com o gênero textual dissertação, texto exigido no Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM).

Por sermos conscientes da resistência de alguns alunos nas tarefas de produção escrita, buscamos ancorar essa produção em uma problemática local, a crise hídrica, em bastante evidência nos últimos anos por consequência dos consecutivos anos de seca que afeta não só Pereiro, mas o Nordeste inteiro. Aliás, a escassez de água é hoje um problema mundial. Assim, partimos de uma questão de caráter universal para a realidade local. Supomos que nenhum aluno terminando o 9º ano desconhece os problemas que o mundo enfrenta por causa de água. Não temos dúvidas de que os alunos já dispõem de uma boa experiência sobre o assunto.

No nosso município, a ausência de água dos nossos principais reservatórios, tem gerado acirradas discussões, não só no âmbito da sala de aula, mas também fora desse espaço. O problema da falta de água é discutido hoje no nosso município por pessoas de diferentes faixas etárias. O pouco de água que ainda chega às casas é de má qualidade e de forma fracionada, não mais pelas torneiras, mas por baldes cheios nas caixas coletivas abastecidas por carros pipas. Esse cenário triste mexe, indiscutivelmente, com a sensibilidade dos nossos alunos.

Levando em consideração todo esse contexto e pautado nas pesquisas que fizemos sobre texto, entendemos que quanto mais o sujeito está envolvido no contexto de produção, maiores são as chances de ele atingir os seus propósitos comunicativos. Em outras palavras, o produtor de um texto deve ser motivado para produzir, acionando para este fim os seus conhecimentos prévios sobre o assunto que se propõe a escrever. Alguém já disse (e com isso concordamos) que cada texto é um acúmulo de lembranças e de experiências que são ativadas no processo de produção.

Nesse sentido, o elemento motivador da nossa produção é o *Açude Público Adauto Bezerra*, que, em tempos passados, dava vida à cidade e, atualmente, se encontra assoreado, sem água e sem vida. Entendendo que o açude não sai da memória das pessoas desse município e que essa memória é partilhada com os jovens, acreditamos estar partindo de uma prática pedagógica situada de comunicação para trabalharmos com elementos específicos do texto, no caso com a

referenciação, processo de extrema relevância para a progressão textual.

Construído em meio a muita polêmica há mais de três décadas, margeando a pequena cidade de Pereiro, encravada no topo da serra, com um pouco menos de oito mil habitantes, o Açude Público Aduino Bezerra passou a ser referência do município, protagonizou várias histórias e aparece categorizado e recategorizado em muitas narrativas orais. Atualmente, seco, bastante assoreado e com todos os esgotos da cidade escorrendo para dentro do seu leito, açude voltou a ser objeto de discussão no município, principalmente depois de três anos consecutivos de chuvas fracas. No momento, Pereiro está na dependência de carros pipas, o que aumenta o sentimento saudosista dos habitantes da cidade pelo açude, que em outros tempos, trouxe riqueza, diversão e *status* para a esse lugar.

É a partir desse contexto real, que pretendemos instrumentalizar os nossos alunos para a produção do gênero textual Carta Argumentativa (CA), remetida a um destinatário real. Antes da produção escrita, iremos buscar dialogar com outros textos que se encontram armazenados na memória de pessoas que vivenciaram a realidade do açude, desde o momento da sua construção até os dias atuais. Entendemos, que em toda produção textual (oral ou escrita), um repertório de memórias é acionado para dar origem a um produto maior da comunicação. Nenhum texto nasce no vazio, mas de um *continuum* de textos que se entrelaçam para formar um. Nas palavras de Geraldi (2011), o texto

(oral ou escrito) é precisamente o lugar das correlações: construído materialmente com palavras (que portam significados), organiza estas palavras em unidades maiores para construir informações cujo sentido/orientação somente é compreensível na unidade global do texto. Este, por seu turno dialoga com outros textos sem os quais não existiria. Este continuum de textos que se relacionam entre si, pelos mesmos temas de que tratam, pelos diferentes pontos de vista que os orientam, pela sua coexistência numa mesma sociedade, constitui nossa herança cultural. (2011, p. 22)

O pensamento de Geraldi (2011), apresentado acima é pertinente para a nossa proposta. A herança cultural será considerada como uma âncora da nossa produção textual. Se um bom texto se constitui de retalhos de memórias, iremos explorar esse recurso, garimpando falas de pessoas do município que conhecem o açude do qual estamos falando desde o seu nascimento até o estado de degradação em que o reservatório se encontra atualmente. Frisamos mais uma vez que o Açude Aduino Bezerra é o objeto inspirador da nossa atividade de produção escrita. Depois

do diálogo com outros sujeitos diretamente ligados à história do açude, o nosso trabalho traz como foco a produção do gênero carta argumentativa, tendo em vista interlocutores reais, no caso, serão pessoas que compõem o Poder Legislativo da cidade e também o Poder Executivo do município de Pereiro. Com outras palavras, o texto solicitado ocorrerá em um contexto real de produção.

A partir dos estudos mais recentes da linguística textual de áreas afins, podemos afirmar que, quanto mais situarmos o aluno no contexto sociodiscursivo, mais chances esse aluno terá de obter sucesso nas situações concretas de uso da linguagem. Se considerarmos que do texto está na atribuição de sentido que o leitor ou ouvinte é capaz de atribuir a ele e que esse sentido nem sempre se encontra explícito na superfície do objeto maior do discurso, entendemos que só uma proposta clara e objetiva de produção textual pode fazer com que os alunos envolvam-se com mais espontaneidade nas atividades de produção. É consenso entre os estudiosos da linguística textual que, das mais simples às mais complexas atividades de produção, se imbricam-se vários fatores, de forma que as nossas análises textuais que se voltam somente para aspectos linguísticos e sintáticos, não dão conta de todo o complexo chamado texto. Nas palavras de Cavalcante (2013, p. 30):

O texto não pode ser concebido somente do ponto de vista do sistema linguístico, ou seja, privilegiando aspectos sintáticos e semânticos, em detrimento dos aspectos pragmáticos, das mais diversas situações de uso. Também não pode pensar o texto como um objeto material, ou como uma superfície linear na qual os sentidos se acham organizados. Para tomá-lo como unidade de análise, é preciso, necessariamente, considerar mais do que a sua tessitura, pois um conjunto de contextos e de conhecimentos (linguísticos, cognitivos, interacionais) está envolvido no processo de (re)construção de sentidos que se empreende durante a compreensão e a produção de um texto.

Como podemos compreender a partir do posicionamento de Cavalcante (2013) acima, todo processo de produção envolve um complexo de muitos fatores que se imbricam para dar sentido ao texto. É com um olhar atento para essa complexidade que envolve processo de produção e compreensão textual que iremos realizar a nossa pesquisa

Quanta à abordagem, faremos uma pesquisa qualitativa. De acordo com Silveira & Córdova (2009), a pesquisa qualitativa

Não se preocupa com a representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. (SILVEIRA & CÓRDOVA, 2009, p. 31)

Como podemos perceber no pensamento acima, a pesquisa qualitativa não se preocupa em quantificar, mas em compreender os problemas investigados. No nosso caso, queremos entender a referenciação no processo de progressão textual dos alunos de 9º ano da Escola Cleonice Freire de Queiroz, localizada na cidade de Pereiro- CE. Reconhecemos a importância das anáforas (diretas e indiretas) para o encadeamento do texto e para a construção de sentido da unidade maior do discurso. Sabemos que tanto a coesão como a coerência extrapolam os limites linguísticos, a base material do texto.

São os mistérios que envolvem todo o processo de produção e compreensão textual que queremos entender e descrever à luz da linguística textual, que vê o texto como uma construção complexa e sem fronteiras demarcadas entre o linguístico e o cognitivo. E é por ter essa intenção de descrever e não de quantificar que a nossa abordagem se enquadra na abordagem qualitativa cujas características são: “objetivação do fenômeno, hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e local em determinado fenômeno e o global” (SILVEIRA & CÓRDOVA, 2009, p. 32).

Quanto aos objetivos, a nossa pesquisa pode ser, de acordo com Gil (2008), considerada explicativa. Para esse autor, a pesquisas explicativas “têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofundam o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas”. (GIL, 2008, p. 43). Cabe ressaltarmos que, nas áreas sociais, “é quase impossível a realização de uma pesquisa rigidamente explicativa, razão pela qual se recorre também a outros métodos, sobretudo ao observacional” (GIL, 2008, p. 43).

Quanto aos procedimentos que estamos adotando, a nossa pesquisa se enquadra naquela no modelo de pesquisa-ação. Para Silveira & Córdova (2009)

A pesquisa-ação pressupõe uma participação planejada do pesquisador na situação problemática a ser investigada. O processo de pesquisa recorre a uma metodologia sistemática, no sentido de transformar as realidades observadas, a partir da sua compreensão, conhecimento e compromisso

para a ação de elementos envolvidos na pesquisa. (FONSECA, 2002, p. 34 *apud* SILVEIRA & CÓRDOVA, 2009, p. 40)

Depois de uma primeira atividade de produção, desenvolvemos uma sequência didática no total de 10h/aula e exploramos pontos que podem ser melhorados com o emprego adequado de recursos da referência, dentre eles a recategorização, recurso de extrema relevância para os textos de intenção argumentativa mais explícita. Com base nos estudos que fizemos acerca desse fenômeno, podemos advogar que saber introduzir, retomar e recategorizar um objeto de discurso, assim como encapsular uma parte maior do texto com uma expressão nominal, pode ser de extrema relevância para a progressão textual. Potencializar os discentes com esses recursos é seguramente proporcionar um avanço nas atividades de leitura e escrita, dois processos que exigem aprimoramento constante.

Abaixo, com o propósito de situar o leitor do nosso texto, abrimos um parêntese para falarmos um pouco sobre a Escola Cleonice Freire de Queiroz, local onde desenvolvemos o nosso trabalho de pesquisa.

3.1 Sobre a escola onde fizemos a pesquisa

A Escola Cleonice Freire de Queiroz, localizada na cidade Pereiro–CE, é remanescente do Centro Educacional Ovídio Diógenes, fundado em 11 de março de 1961. Este colégio surgiu com a finalidade de implantar na cidade o ensino de 1º e 2º graus. Na época, apenas o 1º grau (corresponde hoje ao Ensino Fundamental I e II) era ofertado na Escola Virgílio Correia Lima. Aqueles de condições econômicas mais elevadas, quando dar continuidade aos estudos, eram obrigados a se deslocar para a capital Fortaleza ou para as cidades de Iracema e Jaguaribe.

Uma vez criada, a Escola Centro Educacional Ovídio Diógenes, com seriedade, compromisso e honra à tradição, funcionou durante 38 anos no município de Pereiro. Ficaram nas memórias das pessoas dessa cidade, os desfiles de 7 de Setembro, quando as principais ruas eram enfeitadas das cores marrom e branca do tradicional uniforme da instituição.

Com a extensão do Ensino Médio público no ano de 1997, a escola da CENEC perdeu forças e não teve mais como se manter. Sem o número de alunos suficiente para o funcionamento, a escola é desativada 1999, para a insatisfação de

seus funcionários que perdiam o emprego e de alguns estudantes que faziam o 2º ano do magistério e, de forma compulsória, via desmoronar o sonho de ser professor ou se obrigavam cursar o último ano do 2º grau na vizinha cidade São Miguel-RN.

Com a desativação do Centro Educacional Ovídio Diógenes, o prédio que a sediava foi vendido ao município e durante cinco anos funcionou como anexo da Escola Municipal Nilda Campos Terceiro, também localizada na sede desse município, com ensino fundamental.

A partir de 2005 é reconhecida como Escola Cleonice Freire de Queiroz em homenagem a uma grande educadora que lecionou nessa terra. Desde que surgiu, a escola em questão goza de muito prestígio no município. Na ausência de uma escola privada na cidade, ela funciona como a escola mais credenciada do município. A maioria dos alunos que estuda nela são filhos de funcionários públicos e os pais acompanham de perto os estudos de seus filhos. Nos últimos anos a escola tem se destacado em provas externas.

Por causa dos bons desempenhos do bom desempenho da escola, todo começo de ano há uma corrida dos pais para conseguirem uma vaga para o filho na mencionada instituição. Não é à toa que neste ano de 2016, quase setecentos estudantes foram matriculados na Escola Cleonice Freire de Queiroz.

A preferência pela escola deve-se ao fato de ela contar, segundo relatos de alguns pais, com um excelente quadro de profissionais e também por ser a escola do município que mais tem se destacado nas avaliações externas. É a escola com o melhor IDEB e a que apresenta o melhor resultado no Sistema Permanente de Avaliação do Estado do Ceará (SPAECE) no município.

A escolha de uma turma de 9º ano para fazer a pesquisa desse mestrado surgiu primeiramente pelo histórico da escola e da sua representatividade para o município. Segundo, porque já fizemos parte do seu quadro como aluno do magistério do antigo Centro Educacional Ovídio Diógenes e atualmente atuo como professor de língua portuguesa dessa instituição. Assim, o nosso trabalho trará uma contribuição no tocante à escrita para uma turma da Cleonice Freire de Queiroz e ao mesmo tempo fará uma homenagem à escola que se destaca pelo trabalho prestado ao povo pereirense.

Estrutura física da Escola Cleonice Freire de Queiroz

Quant. de salas de aula	16
Sala de leitura	1
Biblioteca	1
Cantina	1
Sala de digitação	1
Secretaria escolar	1
Laboratório de informática	1
Depósito para merenda	1
Almoxarifado	1
Banheiro masculino	1
Banheiro feminino	1
Banheiro para portadores de necessidades especiais	1
Diretoria com banheiro	1
Pátios descobertos	2

Quadro de Escola Cleonice Freire de Queiroz

Referência 2015-2016

Turmas	Quant. de turmas	Quant. de alunos
1º A, B, C, D	4	A=19, B= 18, c=18, D= 18
2º A, B, C	3	A= 23, B= 24, C= 25
3º A, B, C	3	A= 20, B= 20, C= 20
4º A, B, C	3	A= 27, B= 27, C= 26
5º A, B, C	3	A= 26, B= 26, C=26
6º A, B, C	3	A= 27, B= 28, C= 28
7º A, B, C, D	4	A= 23, B= 22, C= 20, D= 23
8º A, B, C, D	4	A= 20, B= 19, C= 18
9º A, B, C, D	4	A= 22, B= 23, C= 20
EJA 6º/7º	1	15
EJA 8º/9º	1	16
Total de alunos		684

Pessoas que trabalham na escola

Função	Quant.
Professor	35
Diretor	1
Coordenador pedagógico	1
Funcionários	18
Total	55

3.2 Sobre a construção do *corpus*

Para construirmos o nosso *corpus*, partimos da discussão de uma problemática local, no caso o Açude Público Aduino Bezerra, que margeia a cidade de Pereiro. A escolha dessa temática foi motivada pela história desse açude, que desde a sua construção até agora tem sido objeto de muita polêmica. Ele, o açude, foi construído, meio que de forma compulsória, por um homem de muita representatividade para a história de Pereiro, o Senhor Mardônio Diógenes (então gestor municipal), causando a revolta de muitos proprietários que não tiveram indenizadas as terras inundadas. Há quem comente que a sua construção foi pura pirraça política por parte do seu idealizador. Uma parte considerável das terras que ficaram submersas pertencia a seu principal adversário político.

Depois de feito, o açude passou a ser visto como uma obra de muita valia para o município. Um sistema de irrigação foi implementado em seu entorno, e Pereiro liderou, durante alguns anos, o comércio de mamão no Vale do Jaguaribe. Paralela a essa atividade lucrativa surgiu a pesca e o turismo que mobilizaram muito o comércio local. Os banhos de fim de semana eram intensos e uma cidade encravada no topo da serra viveu os seus dias de mar.

Porém, a falta de cuidado com o saneamento, o uso abusivo da água para plantio, a recorrência de invernos fracos, as várias construções no seu entorno enfraqueceram o açude.

Ao chegarem às suas margens, as pessoas se deparavam com as cachoeiras de águas podres descendo para dentro do seu leito. A contaminação fez com que os clientes se recusassem a consumir o peixe pescado no próprio município, que, na visão de muitos, era nutrido por esgotos de toda a natureza. Houve também queda na produção de mamão. Os frutos foram atacados por uma praga. Do açude rico,

restava um lago de água poluída que, embora não pudesse ser ingerida, era abundante para lavar roupa e para outras atividades domésticas.

Os quatro anos consecutivos de seca esvaziaram totalmente o reservatório, que voltou a ser protagonizado nos dias atuais. Uma parte da população defende a sua revitalização; outra parte cobra das autoridades do lugar que traga uma adutora do Rio Jaguaribe. O que todos comungam é que precisamos de água.

É nesse contexto que a nossa produção se ancora. Inicialmente pedimos aos alunos a produção do gênero carta argumentativa sem a exploração detalhada do gênero. Depois, num segundo momento, fizemos pesquisas sobre o açude, organizamos entrevistas e depois de posse de um leque de informações desenvolvemos uma sequência didática. Segundo. “uma sequência didática tem precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação” (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p.97). Com esse respaldo, trabalhamos rigorosamente esse gênero, explorando características estruturais e linguísticas e a funcional. Concomitante a isso, trabalhamos com os conceitos de coerência e coesão e a aplicabilidade de alguns recursos coesivos para a consecução da coerência do texto.

A sequência didática, foi desenvolvida da seguinte maneira: no primeiro momento, no total de duas aulas, introduzimos o gênero carta argumentativa. Lemos, discutimos e apresentamos as características básicas e o suporte onde comumente costuma aparecer. Nessa ocasião apresentamos a música Carta, do compositor Chico Buarque e fizemos uma discussão sobre a semelhança da letra da música com a carta popularmente conhecida. Foi oportuno, nesse momento falarmos de texto e de contexto de produção. Depois disso, entregamos a cada grupo um envelope contendo cartas variadas e solicitamos que elencassem as características encontradas nesse gênero.

No segundo momento, trabalhamos detalhadamente os elementos que entram na constituição da carta. Falamos de vocativo, variação linguística, de coerência e de coesão. Somos convictos de que dominar um gênero textual implica também em dominar a estrutura e a adequação linguística.

No terceiro momento, visando colher mais informações sobre o Açude Adauto Bezerra, elaboramos uma entrevista para ser aplicada com três pessoas do município de Pereiro que conhecem bem a história desse açude. Cabe salientarmos

que existe pouca coisa documentada sobre o reservatório. Muito do que sabemos sobre esse açude é fruto da memória coletiva, construída na oralidade.

No quarto momento, socializamos as entrevistas e contamos com a participação de um grande conhecedor da história do açude, o senhor Gilmário Gabriel. Esse encontro foi de muita produtividade para a turma, quando debatemos sobre saneamento e sobre a importância de preservarmos esse manancial ameaçado. Como âncora para a discussão, exibimos imagens da poluição que toma conta desse açude e lemos um poema que faz uma descrição minuciosa da poluição que toma conta dele.

No quinto encontro, pedimos mais uma vez a produção de uma carta argumentativa para ser comparada com a primeira produção e verificar se houve avanço no que diz respeito a estrutura e a progressão do texto, uma vez que acatamos a ideia dos estudiosos da linguística textual quando dizem que a atividade de produção escrita é um processo. Como processo, a escrita deve ser retomada, reavaliada e reconstruída em parceria pelos diretamente envolvidos nesse processo.

Para formar o nosso *corpus*, escolhemos para análise cinco dos textos produzidos antes do desenvolvimento da sequência didática e mais cinco dos textos produzidos após o desenvolvimento dessa sequência. Três dos alunos analisados na primeira produção são analisados novamente na segunda produção.

Todos os textos foram transcritos na íntegra, sem qualquer alteração da escrita dos originais, exceto o nome do produtor. Para que a identidade do autor do texto fosse preservada, criamos nomes fictícios. Os textos da primeira produção foram distribuídos na sequência que apresentamos a seguir: CA1 (Milena Soares), CA2 (Keila Silva), CA3 (João Carlos), CA4 (Arthur Rocha) e CA5 (Ana Íris). Os textos da segunda produção encontram-se distribuídos analisados assim: CA1 (Ana Íris), CA2 (Keila Silva), CA3 (João Carlos), CA4 (Rafael Aquino) e CA5 (Rosângela Sousa).

O nosso olhar se voltará sobre a referenciação, recurso indispensável para a progressão e a coerência textual.

3.3 Intervenção

Para nortear os alunos na produção do gênero carta argumentativa, usamos como parâmetro teórico as ideias de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Esses autores definem uma sequência didática como sendo “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (p. 82). Estamos de acordo com esses estudiosos que para alcançarmos sucesso nas atividades de produção textual devemos percorrer todo um caminho teórico e pedagógico.

Aceita hoje não só pelos professores da área de linguagem mas também por professores de outras áreas que almejam desenvolver no aluno habilidades mais específicas, “a sequência didática tem a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de um maneira mais adequada numa dada situação de comunicação” (p. 83).

Quanto à estrutura, uma sequência didática parte de uma apresentação inicial (que funciona como espécie de preparação dos alunos para aderirem à proposta do professor), uma produção inicial, desenvolvimento de módulos a partir das dificuldades encontradas na primeira produção e uma produção final. Nessa última deve aparecer os efeitos positivos da intervenção.

Neste trabalho, optamos por enfatizar o gênero carta argumentativa por entendermos que esse gênero melhor atendia aos nossos propósitos comunicativos. Partimos de uma problemática local, precisamente o Açude Adauto Bezerra, que já abasteceu a cidade de Pereiro e adjacências e no momento encontra-se seco, assoreado e poluído. A escassez de água que o município enfrenta fez com que muitas pessoas do município reconhecessem a importância do manancial e os esforços que devem ser mobilizados para resgatá-los.

Partindo desse contexto, conseguimos motivar os alunos do 9º ano de uma escola pública do município para produzirem uma carta argumentativa. Esta deveria ter como destinatário uma pessoa que tivesse efetivas condições de interferir no problema por nós levantado. A certeza de que o texto seria lido por alguém o professor, motivou ainda mais a produção.

De posse desses textos, fizemos uma criteriosa análise, identificamos algumas dificuldades que os alunos apresentaram no que se refere à estrutura e

escolhas linguísticas e a partir disso elaboramos uma sequência didática no total dez horas/aula, divididas em cinco encontro.

No primeiro encontro, trabalhamos com o gênero carta de maneira bem genérica. Exploramos da carta familiar até aquela carta que aparece em forma de letra de música do compositor Chico Buarque. Durante esse encontro, entregamos um envelope a cada grupo e pedimos aos alunos que identificassem diferenças e semelhanças entre as cartas tanto em termos de linguagem como em termos de finalidade.

Utilizando as observações feitas pelos alunos, sistematizamos, no segundo encontro, as características, a estrutura e as finalidades de cada uma das cartas argumentativas apresentadas. Essa sistematização foi feita, de forma colaborativa, através da leitura de alguns textos escritos nesse gênero. Durante essa aula, os próprios alunos passaram a reconhecer falhas que eles haviam cometido na produção anterior. Cabe salientar que enfocamos um pouco o assunto variação linguística e adentramos um pouco na sintaxe da língua para falarmos de vocativo.

No terceiro encontro, planejamos uma atividade para angariarmos informações sobre o Açude Adauto Bezerra. Decidimos que seriam entrevistadas três pessoas que conheçam bem a história do reservatório desde o seu processo de construção até os dias atuais. Para absorver um pouco do conhecimento trazido por essas pessoas, elaboramos quatro perguntas que, ao serem respondidas, nos forneciam informações de caráter histórico, político, econômico e social. Ainda orientamos nesse mesmo encontro que a turma captasse imagens atuais do açude e confrontasse com o que ouviram dos entrevistados.

O quarto encontro, utilizamos para fazer a socialização das entrevistas. Cabe destacar que contamos com a presença de um dos entrevistados e que ele participou conosco de um debate sobre saneamento no município. Houve ainda declamação de poemas cuja temática era o açude. De posse de informações sobre o assunto que os alunos estavam incumbidos a falar bem como o domínio da estrutura e funcionalidade do gênero carta argumentativa, solicitamos a produção final.

Após o desenvolvimento da sequência didática, percebemos avanços da primeira em relação à segunda produção. Reconhecemos que um trabalho sistemático com a escrita ou com a oralidade pode facilitar o domínio pleno de um gênero textual. Para isso, o professor deve se abastecer de teorias que

fundamentem o seu fazer pedagógico para compreender que as atividades de produção oral ou escrita são um processo e como tal podem ser aprimoradas.

4 ESCAVANDO OS MECANISMOS DA REFERENCIAÇÃO NA CARTA ARGUMENTATIVA DA PRIMEIRA PRODUÇÃO

Depois dessa abordagem teórica acerca de texto, gênero discursivo/textual e referenciação nos deteremos a partir de agora a fazermos uma apreciação das produções dos alunos do 9º ano, buscando entender como esses alunos trabalham com os recursos da referenciação para promover a progressão textual. Portanto, iremos descrever como esses alunos operam com as anáforas para se referir a objetos retomados da superfície textual (anáfora direta) ou objetos que podem ser recuperados por meio de inferências (anáfora indireta) para promover a progressão do texto. Também ganham atenção especial na nossa pesquisa, a anáfora encapsuladora e a recategorização. Além das anáforas, também discutiremos sobre a dêixis, processo que colabora para a progressão textual e que, às vezes, se confunde com as anáforas co-referenciais.

A seguir faremos a análise da CA1 da primeira produção, transcrita na íntegra abaixo:

Carta argumentativa

CA1

Decadência. Essa palavra define a situação que Pereiro se encontra. A anos que o açude Aduino Bezera abastese a grande maioria da população, porém dos últimos anos para cá esse açude seco. E hoje em dia ele encontra-se totalmente seco! O que é extremamente preocupante, e apesar disso ninguém toma as devidas providências. Muitos dos cidadãos do nosso município se perguntam de que é a grande culpa desse infeliz acontecimento, mas todos nós deveríamos primeiramente nos preocupar com o que devemos e vamos fazer para amenizar os efeitos que a falta de água está causando.

Além de sabermos de tudo isso e de também sofrerem bastante com as consequências, devemos nos junta, e economizar o quanto podermos, pois irá chegar a um ponto aonde não terá água para o nossa população.

Milena Soares

Antes de nos atermos ao estudo da referenciação, comentaremos brevemente sobre o gênero discursivo/textual produzido pelo aluno. A nossa proposta, depois de uma discussão a respeito de uma problemática local, no caso, o esvaziamento do principal reservatório hídrico do município (O Açude Adauto Bezerra) e a poluição que afeta as suas encostas, era produzir uma carta argumentativa para ser destinada a alguém que atuasse no poder legislativo ou no poder executivo da cidade. Antes do pedido da produção, de forma proposital, não falamos dos aspectos formais desse gênero.

Pelo que observamos, a aluna não tem o domínio da estrutura desse gênero, o que nos leva a entender que não se trata de um gênero que faça parte do seu cotidiano, apesar da presença constante em periódicos (virtual ou impresso). Supomos que esse gênero não seja de domínio público. Como podemos observar, não aparece no início da carta o nome do local de onde o remetente escreve nem o vocativo que aponte para o destinatário desse documento. Além desses aspectos estruturais já mencionados, também falta a conclusão e a saudação final. Neste sentido, do ponto de vista estrutural, seguramente, podemos afirmar que o texto está comprometido.

Feitas essas observações na estrutura do texto em análise, passemos a comentar sobre a sua progressão (que engloba a coesão e a coerência) à luz da teoria da referenciação.

A aluna inicia o seu texto como uma frase nominal “Decadência”, que já sinaliza para a sua posição diante do assunto. A palavra decadência não só remete uma parte específica do texto, mas resume o que ela fala ulteriormente acerca do açude no que diz respeito à falta de água e a poluição que se apossa do reservatório. Temos nesse caso, a ocorrência de uma anáfora encapsuladora. É consenso entre os teóricos partidários das ideias de Conte (2015), que esse tipo de anáfora é um tipo especial em detrimento dos outros tipos, porque não só resume uma parte do texto, mas manifesta uma opinião mediante uma paráfrase resumitiva.

Mais adiante, a autora do texto recorre mais uma vez a uma anáfora encapsuladora para fazer a ligação entre as partes do texto através da expressão de valor semântico concessivo “apesar disso” que remete a afirmação feita pelo próprio autor, a de que o açude se encontra seco. Em seguida, a autora retroage nos

comentários e encapsula mais uma vez com a expressão “infeliz acontecimento”, que é, ao mesmo tempo, uma recategorização de “açude seco”, expressão que não aparece explicitamente no texto, mas que pode ser facilmente inferida no contexto. Não ignoramos que o referente não precisa estar explícito na superfície do texto para ser acionado.

No último parágrafo, a autora do texto diz: “Além de sabermos de tudo isso...” O termo “além” não é adequado para a ideia que o aluno intenciona transmitir (para a ideia que o autor tenta passar se encaixaria melhor o termo “apesar”), mas o “tudo isso” também é um exemplo de anáfora encapsuladora que, no contexto, remete as mesmas porções já remetidas pelas outras anáforas resumitivas anteriormente apontadas.

Na primeira linha do texto, a aluna faz uma introdução referencial, ao empregar a palavra “pereiro”, que é retomada mais na frente pela expressão “nosso município”. Trata-se, portanto, de uma anáfora direta ou correferencial, pois o referente (objeto de discurso) se encontra explícito na superfície textual.

Enquanto as anáforas encapsuladoras foram recorrentemente usadas no texto em análise, as anáforas diretas foram pouco exploradas. O objeto de discurso açude Adauto Bezerra é introduzido e retomado apenas uma vez pelo pronome “ele”, que exerce, concomitantemente, a função de anáfora direta e dêixis pessoal. A fronteira entre esses dois recursos, anáfora e dêixis, empregados na progressão textual é bem estreita.

Na frase: “*E hoje em dia ele encontra-se totalmente seco!*” O termo destacado situa os interlocutores no tempo. É, portanto, uma dêixis temporal, que tem como âncora o contexto de produção. Por último, levando em consideração todo o contexto discursivo, entendemos que o uso do indefinido “ninguém” nessa passagem: “*...e apesar disso ninguém toma as devidas providências*” pode ser classificada como uma anáfora indireta. Do ponto de vista discursivo, o “ninguém” faz referência a um representante político, que tem mais força para encarar e solucionar o problema levantado pelo aluno. Advogamos que a aluna omitiu, intencionalmente, o responsável maior pelo problema ambiental a que nos referimos. Não desconsideramos que essa aluna traga informações armazenadas que apontam os líderes políticos como sendo os responsáveis por tomarem algumas medidas político-administrativas de interesse de toda a população.

Evidenciamos nas seções anteriores que nenhum é ou poderia ser

completamente explícito. Existem as entrelinhas, que exigem mobilidade de informações por parte dos interlocutores para que o seu sentido seja alcançado. Nenhum texto, por mais bem escrito que seja, traz todas as informações em sua superfície. O leitor precisa acionar a sua memória para recuperar algumas informações apenas sugeridas pelo produtor.

Fechando os comentários sobre esse texto, podemos dizer que apesar de ele apresentar comprometimento na estrutura, há encadeamento entre as suas partes. A omissão de elementos estruturais não compromete o propósito comunicativo do locutor desse texto. Enxergamos, claramente, que a intenção de quem produziu o texto, tendo em vista a situação calamitosa em que o seu município se encontra no tocante à falta de água, é levar a sua denúncia do descaso para com o açude e, ao mesmo tempo, clamar por uma atitude coletiva que venha amenizar o problema. O leitor proficiente, e principalmente aquele conhece a realidade que o autor aborda, atribui facilmente sentido ao que ele escreveu.

Abaixo, transcrevemos mais um texto do nosso corpus para ser submetido a análise da referenciação:

CA2

Adauto Bezerra ...

(açude)

2012 o ano que começou a seca, a grande seca em pereiro a população não esperava pois em 2009 ocorreu uma chuva grande que alagou o nosso pólo com isso a população nem ao menos pensava em viver 3 anos de seca a muito tempo não vemos o nosso Pereiro com muita água no nosso açude.

Até que no final de dezembro de 2015 começou a chover em nossa cidade mas mesmo assim o açude não encheu pois para encher tem que aver sangramento nos outros açudes.

O problema também é o lixo no açude que pode causar a dengue e a chicugunha, o zica viros e o dengue que são doenças graves mais isso não é esse o problema. Que venha muita água para o nosso açude.

Keila Silva

Da mesma forma que a CA1, a CA2 também apresenta problemas estruturais.

Faltam os elementos primários do gênero CA. A autora da produção não escreve na parte superior da folha o nome do lugar de onde o texto parte nem tampouco o seu destinatário. Do mesmo modo que também não aparece a saudação no final do escrito. A nossa proposta de produção, conforme já anunciamos, seria produzir uma carta argumentativa, tendo como elemento motivador o Açude Adauto Bezerra, que embora necessário para a população pereireense, se encontra, para a tristeza dos moradores dessa cidade, assoreado, poluído e sem água que atenda pelo menos o consumo doméstico. A crise de água que nos atinge nos últimos anos levou a população desse lugar a pensar em algumas ações para revitalizar o reservatório público da cidade.

A aluna, logo no início do texto, introduz o referente “seca” e o retoma imediatamente categorizando-o: *“2012 o ano que começou a seca, a grande seca”*. A palavra “seca” não aparece à toa no texto, mas porque a situação em que o açude se encontra aciona o seu emprego. Nesse contexto, a expressão “a grande seca”, expressão recategorizada, traz uma força expressiva muito grande. Tem mais ou menos o sentido de algo ameaçador, impiedoso. Sua âncora é o açude na situação atual. No caso, “seca” passa a ser uma anáfora indireta.

Na primeira linha do texto, a autora introduz o objeto de discurso “Pereiro” e o retoma mais adiante com a expressão nosso Pereiro, no caso uma anáfora correferencial. No mesmo parágrafo podemos observar a introdução, respectivamente, de *“nosso polo”* e *“nosso açude”*. Aparentemente as duas expressões destacadas acima aparecem pela primeira vez no texto, no entanto, elas surgem a partir da âncora “Pereiro”. “Polo” e “açude” são, portanto, anáforas indiretas. Os dois termos destacados acima estão muito associados à cidade de Pereiro.

Tal associação não é ignorada por quem escreveu o texto nem por quem conhece o município do qual o açude faz parte. Existe uma espécie de relação parte/todo. O açude faz parte de Pereiro e o polo faz parte do açude. Vale salientar que só quem conhece a realidade do município referido acima irá compreender essa estreita relação que acabamos de apontar. Nesse caso, o referente está parte na superfície e parte na memória de quem escreve ou vai ler. Essa é característica fundamental do processo de referenciação, em que a ação de referir extrapola a superfície textual.

No último parágrafo aparece a palavra “lixo” que é como se fosse algo novo,

mas no nosso entender não é. A âncora dessa palavra é o açude, que absorve todos os dejetos da cidade. Para agravar mais a situação do saneamento, o polo de lazer foi construído em um espaço aterrado da sua margem e boa parte dos resíduos das festas termina tendo como destino imediato o açude. Quem passeia pelos arredores do manancial, como é caso do produtor do texto, conhece de perto essa realidade e é provável que o seu interlocutor também conheça. Como a referenciação leva em conta aspectos extralinguísticos, arriscamos afirmar que “lixo” é uma anáfora indireta.

Ainda nesse parágrafo, a autora emprega as expressões “zica vírus” (zika vírus) e “chicugunha” (Chikungunya). Seguramente essas palavras foram motivadas pela palavra lixo, mas lembramos de que o texto foi produzido no período em que caíam algumas chuvas sobre esse solo e, com essas chuvas, vinha o perigo das doenças mencionadas pelo autor. Nesse contexto, intensificavam-se as campanhas de prevenção contra essas duas graves doenças que chegavam a ser quase uma epidemia. Não há dúvida, nesse caso, que o texto absorveu vozes dos textos que esse aluno ouviu ou leu durante as campanhas preventivas dessas doenças e “colou” no seu texto.

Abaixo, transcrevemos mais uma produção para ser analisada e comentada à luz da referenciação.

CA3

açude

Adauto Bezerra

O açude da cidade de Pereiro-CE, secou desde 2015 e a população ficou algum tempo sem água encanada, isso por causa que aqui na cidade passou 4 anos sem inverno bom, como nos quatro anos, e contando com este ano, já se fez 5 anos, e também por outros motivos como: as pessoas sem o controle de água, muitas plantações feitas e por outros motivos.

As pessoas comentaram muito sobre o alagamento da rua que fica em frente ao pólo de lazer, esse enchimento total desse açude foi no ano de 2009, que deixou algumas pessoas desabrigadas por alguns dias, mas esse não foi um grande problema, comparando a crise que estamos passando esses dias.

Esse açude é quase 100% importante para nós, porque ele nos sustentava com água em caixas d'água e quatro recipientes depois que ele secar as pessoas não sabiam como iam sobreviver, então a razão foi comprar água para utilizar e furar poços e água de cacimbão que nos salvou bastante.

Opinião: Fazer mais economia e pedir chuva.

João Carlos

Como as duas produções (CA1 e CA2) analisadas anteriormente, a CA3 também apresenta incompletude estrutural. A carta é iniciada sem o nome do lugar de onde o autor escreve e também não traz a data nem o vocativo. No final da produção, o autor omitiu a saudação final. No entanto, a falta de todos esses elementos, de praxe no gênero solicitado, pouco afeta a intenção comunicativa do autor. Podemos dizer que o texto escrito por esse aluno perde mais em qualidade estética do que em sentido. A partir do próximo parágrafo comentaremos sobre a progressão desse texto.

Na primeira linha do texto, o autor situa a localidade do açude seco, quando diz: “O açude Aauto bezerra de Pereiro-Ce”. A palavra “Pereiro” é retomada pela expressão “aqui na cidade” (dêitico espacial) conforme vemos nessa passagem:

“isso por causa que aqui na cidade...”

Nessa mesma passagem, o demonstrativo “isso” funciona como uma anáfora encapsuladora, pois resume a afirmação feita no período anterior. Outra ocorrência de encapsulamento anafórico pode ser apontada na expressão “outros motivos”, que empacota uma lista de fatores que o autor assegura terem influenciado no desaparecimento total da água do açude.

Na terceira linha, constatamos a presença da dêixis temporal “este ano”, que situa a problemática discutida no texto no tempo. A expressão destacada acima tem valor circunstancial e é válida para o momento em que o texto está sendo escrito. É o contexto discursivo que irá nos situar no tempo e quem está envolvido nesse processo de interação sabe a que ano a expressão se refere, que é o ano da seca grande, 2016. A seca que fez evaporar do reservatório.

Na primeira linha, o autor introduz o objeto discurso “O açude Aauto bezerra

de Pereiro” que mais adiante é retomado por “esse açude”, “desse açude” e “ele”. Temos, portanto, a ocorrência da anáfora direta uma vez que o referente dessas expressões se encontra explicitamente na superfície do texto.

Algo diferente acontece quando o autor traz para dentro do seu discurso as palavras “polo” e “alagamento”. Aparentemente elas parecem não se ligar a nenhuma outra palavra da superfície do texto, mas entendemos, de acordo com os estudos feitos sobre a referenciação, que o autor do texto pode apelar para as informações trazidas pelo seu interlocutor. As duas palavras destacadas acima foram motivadas pela expressão “açude Adatao Bezerra” e podem ser consideradas como anáforas indiretas.

Para reforçarmos a afirmação que fizemos acima reiteremos que um referente, necessariamente, não precisa estar materializado na superfície textual para ser retomado. No processo de produção e interpretação de texto conta muito a capacidade que possuímos de fazer inferências. Nesse processo, todo o nosso conhecimento de mundo e enciclopédico são acionados para darmos sentidos ao que lemos ou escrevemos. Não podemos negligenciar os implícitos do texto, porque o seu entendimento parte de sua superfície, mas o seu sentido global pode ser construído na interação, onde operamos com processos cognitivos e discursivos, sendo o discurso o espaço de onde extraímos o conteúdo inferido. Assim, os referentes são induzidos por um conjunto de informações textualmente construídas.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que a palavra “polo”, através da relação parte/todo, está associada à palavra “açude”. Não precisou que o autor desse texto informasse que o polo ao qual ele faz referência tem as suas bases construídas dentro do referido açude, porque essa informação já é compartilhada pelo seu interlocutor. A construção do polo, contra as leis que protegem o meio ambiente e mananciais, engoliu um volume considerável do açude e as festas que ocorrem nesse espaço aumentaram a quantidade de lixo despejada no reservatório. Essas informações não são ignoradas por aquelas pessoas que moram aqui ou por quem conhece a realidade descrita pelo produtor do texto em análise.

Agora vejamos mais uma passagem que destacamos do texto desse aluno nas linhas abaixo:

“As pessoas comentaram muito sobre o alagamento da rua que fica em frente ao pólo de lazer”, esse enchimento total desse açude foi no ano de 2009”.

A expressão “o alagamento” aparece como se fosse muito conhecida do interlocutor. O referente dessa palavra não está na superfície textual, mas em todo o contexto discursivo. De forma consciente, o produtor do texto entende que pouca gente que mora nesse município ignora o fato ao qual ele alude, principalmente, as autoridades políticas. Para cooperar com o interlocutor, o autor ainda traz, com precisão, o ano do acontecimento que marcou a história da cidade.

Esse marco histórico foi a ocorrência de uma chuva desproporcional que fez o açude subir e inundar a “rua do polo”. Pereiro durante essa noite e esse fato marcou a história da cidade. A nosso ver, o termo alagamento é um exemplo de anáfora indireta, que é uma estratégia em que um novo referente é representado como já conhecido. O processo de progressão textual, nesse caso, dá-se por meio de inferências, por conta do processamento sociocognitivo do texto. Considerando essa particularidade da progressão textual, “o alagamento” é um termo novo (introdução referencial) que tem como âncora o açude que um dia alagou a rua em “frente ao polo”.

E é por contar com essa memória do seu interlocutor, que o locutor traz para dentro do seu texto um passado, não muito distante, em que o açude, atualmente seco e cheio de mato, transbordou, chegando a desabrigar parte dos moradores de suas encostas. Pereiro vivenciou uma espécie de terror das águas. Houve desespero, prejuízos, reclamação. Os mais prejudicados com a cheia chegaram a pedir para que o açude, poluído, fosse desativado. O mesmo açude é visto hoje de maneira diferente pelos mesmos que o condenaram naquela época da cheia.

Nesse cenário de secas intensas, quando gente e bichos sofrem com a escassez de água, o açude passa de terrorista “a grande amigo da população”. Isso demonstra o caráter até certo ponto instável da linguagem (cf. Dubois, 2011). Os objetos não espelham fielmente o mundo real, mas são construídos interativamente e discursivamente nas práticas sociais.

No mesmo texto, o termo “alagamento” é retomado pelas expressões “esse enchimento” e “grande problema”. A expressão “Esse enchimento” é tomada como sinônimo de alagamento. Já a expressão “grande problema”, escrita na primeira linha do segundo parágrafo do texto em análise, é uma recategorização de alagamento e sinaliza uma avaliação não só do enunciador, mas coletiva. Ocorre, portanto, uma retomada correferencial, ou seja, a expressão se refere a uma palavra

já introduzida no texto.

Sabemos que a função da linguagem não é representar o mundo de forma real, mas de forma subjetiva. Isso implica em dizermos que uma mesma realidade pode dar origem a referentes distintos. É o que acontece com o alagamento que o autor troca por “*o grande problema*”. Esse grande problema daquele tempo, apontado pelo autor, poderia ser interpretado hoje como a grande solução, visto que o transbordamento causou menos prejuízo ao povo de Pereiro do que os sucessivos anos de chuvas fracas que culminou no esvaziamento total do açude. Ao recategorizar “o alagamento”, o autor torna mais forte o seu discurso. No processo de progressão textual, um referente pode passar ao longo do texto por mudanças, conforme o interesse comunicativo do enunciador. Essas mudanças estão relacionadas ao direcionamento argumentativo que o produtor pretende dar a seu texto.

No geral, o texto, apesar de não apresentar todos os elementos estruturais do gênero CA, mostra-se coeso e coerente. O autor atinge, mesmo com algumas limitações linguísticas e ortográficas, o seu objetivo, que é o de levar o seu questionamento a uma autoridade do município sobre a problemática do Açude Adauto Bezerra, símbolo maior da cidade. De acordo como o autor desse texto: “**Esse açude é quase 100% importante para nós**”. Essa frase traz uma carga argumentativa muito forte e resume a intenção argumentativa do produtor, não deixando dúvida que o texto apresenta unidade de sentido, coerência.

Abaixo, apresentamos mais uma produção (CA4). O nosso foco é o processo de progressão textual nesses textos à luz da referenciação. Abaixo, transcrevemos o texto na sua totalidade.

Esse aluno se expressa da seguinte forma:

CA4 Carta argumentativa

Nome: Arthur Rocha

Durante muitos anos, o famoso e conhecido Adalto Bezerra (o rio de Pereiro) era, até pouco tempo, utilizado por diversas famílias que viviam e vive ao seu redor para as diversas atividades do dia-a-dia.

Mas não faz muito tempo que esse grande amigo da população se

encontrava ou melhor se encontra para o plantio e desenvolvimento de vazantes.

Drástico, mas é a pura realidade, pois aquelas grandes massas de água que lhe cobria, hoje se resume em apenas em grandes extensões de terras que hoje em dia é utilizado para o desenvolvimento de atividades citadas anteriormente. Mas parando para pensar, o que levou à essa terrível realidade? As condições climáticas? O uso e manuseio exagerado das pessoas? Ou a pouca importância que o governo dava ao mesmo?

Mas analisando essas e muitas outras indagações, é que mais provável, seja, em princípio, as precárias e péssimas condições climáticas que há pouco tempo predominava.

Em termos de estrutura, esse texto apresenta as mesmas falhas que os outros já analisados. Não vamos ser redundantes em apontar novamente nesse texto a não obediência ao gênero CA que já mencionamos nos textos anteriores. Então vamos direto à progressão textual, que é o que mais nos interessa. Um aspecto curioso nesse texto é que o referente “Açude Adatao Bezerra”, ao aparecer pela primeira vez, já aparece recategorizado como “o famoso e conhecido Adalto Bezerra”. Entre parênteses, demonstrando toda a sua subjetividade, o autor torna recategorizá-lo chamando-o “rio de Pereiro”. Essa expressão exprime a grandeza desse açude em termos de volume de água, que um dia já chegou assustar os moradores da cidade. O volume desse mesmo açude, obviamente não chegava a ser grande se a cidade que ele abastecia fosse mais populosa. Para ter usado essa expressão, esse aluno deve ter ouvido dos mais velhos algumas histórias desse açude nos seus tempos áureos. As histórias de passeios da canoa (atração dos finais de semana), de banho, de pescarias, das famosas palhoças (que vendiam deliciosos peixes pescados no próprio açude), que se ergueram ao seu entorno dava a esse reservatório o status de mar como prefere chamar o produtor da mensagem.

Mais adiante, o autor recategoriza mais uma vez o Açude Adatao Bezerra. Dessa vez, ele escolhe chamar “grande amigo da população”. Obviamente que a “amizade” foi desencadeada agora quando a população passou a sofrer com a falta de água nas torneiras. Antes dessa escassez, o açude era pouco percebido, principalmente, pelo público mais jovem. “*O grande amigo da população*” sofreu, ao longo dos anos, desprezo. Só os ambientalistas de senso mais apurado discutiam a

sua revitalização, enquanto a maior parte da população ficava indiferente.

No texto CA4, o autor ainda faz uso de duas expressões que não se ancoram na superfície do texto, mas o interlocutor pode acionar os seus conhecimentos prévios para interpretar. São elas: “*grandes massas de água*”, que pode ter como âncora “*o açude cheio*”, o açude cheio de vida que fora outrora, que, em tom saudosista, é apenas sugerido pelo autor. Este apela para a memória do(s) interlocutor(es), de forma que a referência para a expressão destacada acima, está na memória e não no cotexto.

Em oposição ao açude cheio, o produtor usa a expressão “*grandes extensões de terras*” que traz como âncora o “*açude seco*”, com pouco vestígios de acúmulo de água em sua bacia. As ligações que ocorrem nos textos pelas pistas deixadas pelo contexto, feitas através das contínuas e necessárias inferências, é uma das características das anáforas indiretas. Prioritariamente, a anáfora é um fenômeno de semântica textual de natureza inferencial e não de um simples processo de clonagem referencial.

Nessa frase “*Mas parando para pensar, o que levou à essa terrível realidade?*”, o autor encapsula toda a descrição que fazia do açude seco através da expressão: “*essa terrível realidade*”. Ao mesmo tempo em que encapsula, o autor sinaliza para a sua posição de não concordância com os problemas por ele levantados. Sabemos que as anáforas encapsuladoras, além de resumirem uma parte não pontual no texto, servem também de estratégia argumentativa. Em sua essência, as anáforas encapsuladoras manifestam opinião.

No último parágrafo desse texto, o autor retoma uma série de indagações feitas por ele próprio, como recurso retórico, através de mais uma anáfora encapsuladora como podemos ver em “*essas e muitas outras indagações*”.

Nesse mesmo texto, o objeto de discurso *Açude Adauto Bezerra* é retomado pelos pronomes “seu”, “lhe”, “o mesmo”. Exemplos, nesse caso, de anáforas diretas.

Como dêiticos, percebemos o emprego das seguintes expressões: “*Durante muitos anos*”, “*até pouco tempo*”, “*hoje*”; “*hoje em dia*”. Todas essas ocorrências dêiticas situam o leitor no tempo e se classificam, portanto, como dêiticos temporais. Essas expressões tanto podem introduzir objetos de discurso como podem retomá-los. Em outras palavras, a dêixis pode exercer a função de introdução referencial ou de anáfora. Só podemos identificar a entidade a que um dêitico se refere se soubermos, mais ou menos, quem está enunciando a expressão dêitica e o local ou

o espaço em que o enunciador se encontra.

Em linhas gerais, o texto apresenta progressão compatível com a proposta e merece destaque a abundância de anáforas encapsuladoras que o autor empregou, com toda a propriedade.

A seguir apresentaremos mais um texto da nossa primeira produção para investigarmos o processo de progressão. Mais uma vez fazemos questão de frisar que as expressões destacadas foram feitas por nós para facilitar as análises

Tragédia em Pereiro

CA5

Pereiro esta sofrendo uma crise há anos. A famosa seca. Se agente não cuidar em economizar **água** logo logo estaremos sem nenhuma **água**. o nosso açude de **Pereiro** já secou, agente só ver lixo, garrafas petis, e outros objetos ocupando o lugar da **água** no açude. Milhares de pessoas estão ficando sem **água** dentro de casa ou muitos dias, sendo o único jeito ir carregar baldes e mais baldes de água para dentro de casa. Sorte dos **moradores** que em cada bairro tem uma caixa d'água grande e suficiente para encher os baldes de todos os **moradores** do bairro, assim facilitando e diminuindo a viagens que os **moradores** dão para ir pegar **água**. Se não continuar chovendo bastante para encher os açudes, aparar **água**, voltar a ter **água** nas torneiras todos os dias: vamos ficar na seca por mais um ano e assim a coisa em Pereiro vai ficando mais séria do que estar.

Ana Íris

Como os demais textos já analisados até aqui, este também não obedece à estrutura do gênero carta. No que se refere à progressão textual, percebemos que o texto desse aluno apresenta mais problemas do que os textos de seus colegas. Não percebemos o emprego de nenhuma dêixis, o açude não aparece recategorizado e o texto não instiga o leitor a fazer inferência. As partes destacadas em negrito ilustram a recorrência de algumas palavras no texto, tais como “água”, “moradores”, “Pereiro”, o que aponta para a pouca prática desse aluno em atividades escritas.

De mais sugestivo no texto, destacamos o título “Tragédia em Pereiro”. Podemos considerar que a palavra “tragédia” funciona como uma espécie de

resumo do quadro em que se encontra o açude atualmente. É uma espécie de encapsulamento.

Em síntese, as limitações do aluno no tocante ao emprego da referenciação, deixa o texto com pouca força expressiva e com o propósito comunicativo vago.

Com esse comentário, fechamos a análise dessa primeira produção. No tópico seguinte, faremos a análise das produções que foram feitas após o desenvolvimento de uma sequência didática para, posteriormente, fazermos uma breve comparação entre os achados da referenciação nas duas produções.

4.1 Escavando os mecanismos da referenciação na carta argumentativa segunda produção

As produções que analisaremos nesta segunda parte do trabalho foram solicitadas após o desenvolvimento de uma sequência didática, no total de 10 h/a, para trabalhar o gênero carta argumentativa com uma turma de 9º ano do Ensino fundamental da escola pública Cleonice Freire, localizada na cidade de Pereiro - CE. O assunto da carta é Açude Aduino Bezerra, que, quando cheio, circunda praticamente essa pequena cidade. Com as sucessivas secas que ocorreram nos últimos anos, o “gigante” secou e toda a sua bacia se encontra atualmente coberta de capim e outras vegetações. Além disso, descem para dentro de seu leito praticamente toda a rede de esgoto da cidade e boa parte do lixo gerado pelas constantes festas feitas no polo. Levando em consideração todos esses aspectos, achamos pertinente a escolha desse gênero, que a nosso ver satisfaz não só objetivos didáticos, mas a necessidades comunicativas do momento.

Abaixo transcrevemos o primeiro texto desse segundo momento para ser feito uma apreciação. Os destaques que aparecem no texto foram feitos por nós com o propósito de facilitar a nossa análise.

CA1 da 2ª Produção

Açude Aduino Bezerra

Pereiro Ceará, 03 de maio de 2016

Excentíssimo senhor Prefeito,

Ao analisarmos o Açude Adauto Bezerra antes e depois, percebi através de algumas mudanças a situação que o nosso açude estar hoje. A paisagem era tão bonita de se olhar que agente chegava lá e não queria mais parar de olhar aquele lindo “viveiro de peixes”, a linda “ilha azul” de Pereiro, quando os visitantes olhava aquele palco de marrecos chega ficava com os olhos brilhando de tanta emoção, mas ao longo do tempo o que antes era o “gigante da serra” acabou tornando-se uma verdadeira “cachoeira de esgotos”, e com isso ele acaba sendo condenado a morte, o que gera um espanto dos visitantes. Hoje as pessoas passa por ali e chega bate uma tristeza, só em pensar que passava por ali e sempre via aquela “água cristalina” e hoje só ver “canteiros de capim” e lixos. Acredito que isso já é o suficiente para começarmos a ajudar o nosso açude, a tornar ele o que era antes, assim tomando certas providências sem prejudicá-lo mais ainda.

Ficaria feliz se o sr. Contribuísse fazendo um desassoreamento ou assoreamento.

Desde já termino essa carta com os meus sinceros agradecimentos.

Ana Íris

Começando pela estrutura do gênero CA solicitado, podemos afirmar que a autora do texto obedeceu criteriosamente à padronização desse gênero. Aparece na parte superior a data e a localização de onde fala a locutora, como é característica desse gênero. O vocativo, “*Excelentíssimo senhor Prefeito*” foi empregado corretamente pelo autor do texto e é classificado como um dêitico social. Esse tipo de dêitico diz respeito a expressões que refletem a situação social na qual o ato de fala se realiza. Ressaltamos que a dêixis social aponta para as relações sociais entre os falantes. A ela estão muito associados os casos de títulos honoríficos, como vossa Majestade, Vossa Senhoria, etc., mas devemos lembrar que há outras formas de expressar a diferença de *status* social fora essas citadas, como por exemplo, aquelas que estabelecem as relações de parentesco entre a família, tribos, clãs ou clubes. Com outras palavras, a dêixis social está muito relacionada aos pronomes de tratamento abordados na gramática tradicional.

No desfecho do texto, a autora lança mão de mais uma dêixis social, “o senhor”, que aparece de forma abreviada (Sr.). Abreviação, nesse caso, não muito aconselhável, já que se encontra no final da frase.

Ainda falando sobre dêixis, temos as dêixis temporais nas expressões “antes” e “depois” na primeira linha do texto, que equivalem, respectivamente, a açude cheio e limpo e a açude seco e poluído. Como dêixis espacial, destacamos as expressões “ali” e “lá”, que fazem referência ao açude e marca a distância do enunciador do objeto referido. A dêixis espacial aponta para informações de lugar, tendo como ponto de referência o local em que ocorre a enunciação. Em outras palavras, os dêiticos espaciais demarcam a relação de maior ou menor proximidade relativamente ao lugar ocupado pelo enunciador.

Na passagem que destacamos abaixo, percebemos a presença de uma palavra marcadora de tempo, a dêixis temporal.

“Ao analisarmos o Açude Aduato Bezerra antes e depois, percebi através de algumas mudanças a situação que o nosso açude estar hoje”.

“Hoje” é um dêitico temporal porque localiza no tempo do enunciador determinados fatos, isto é, utiliza como ponto de referência o momento da enunciação. É um hoje que não tem a duração apenas de um dia, mas um hoje substituto do presente contrastante com um passado.

A mesma dêixis, destacada na passagem acima, aparece mais duas vezes nesta outra passagem:

“Hoje as pessoas passa por ali e chega bate uma tristeza, só em pensar que passava por ali e sempre via aquela “água cristalina” e hoje só ver “canteiros de capim” e lixos”.

Como vemos “o hoje” empregado aqui não é “o hoje” que sucede o ontem antes da escrita do texto. O significado atribuído ao termo “hoje” só é possível dentro da situação discursiva.

Em relação à introdução referencial “*Açude Aduato Bezerra*”, ela é retomada sucessivas vezes. De forma coerente, a autora traça, conforme anuncia no início, um quadro comparativo entre o açude de antes e o açude de hoje. Com as palavras da autora, “o antes e o depois”. A primeira retomada é feita sem juízo de valor e não sinaliza a opinião da enunciativa sobre o fato. Ela retoma apenas usando a

introdução com “o nosso açude”. Em seguida, a autora utiliza uma série de imagens para desenhar o açude antes das catástrofes provocadas pela seca e pela poluição para provocar a sensibilidade do seu interlocutor. Uma série de imagens positivas do açude se concentra na passagem abaixo, que destacamos para melhor ilustrar:

A paisagem era tão bonita de se olhar que agente chegava lá e não queria mais parar de olhar aquele lindo “viveiro de peixes”, “a linda ilha azul” de Pereiro, quando os visitantes olhava aquele “palco de marrecos” chega ficava com os olhos brilhando de tanta emoção, mas ao longo do tempo o que antes era o “gigante da serra ...

Ainda em relação ao açude de antes, a autora alude com a expressão “*aquela água cristalina*”. Essa é uma espécie de retomada por metonímia.

Para caracterizar o açude de hoje, a autora apela para a força expressiva das palavras, reconstrói a realidade e chama de “*cachoeira de esgoto*” e “*canteiro de capim*”. Já discutimos na parte teórica que compõe a nossa pesquisa que a discursivização ou textualização do mundo por via da linguagem não se dá como um simples processo de elaboração de informação, mas de (re)construção do real. Ao usar e manipular uma forma simbólica, usamos e manipulamos tanto o conteúdo como a estrutura dessa forma. E desse modo, também manipulamos a estrutura da realidade maneira significativa.

É essa reconstrução da realidade que, com toda propriedade, a autora do texto faz. Indiscutivelmente, ela, a autora, conseguiu, movido de muita informação, opor duas realidades contrastantes no que se refere ao Açude Aduato Bezerra, tema de sua correspondência. Mas do que descrever esse açude, o produtor tentou atingir a alma do interlocutor com um texto de grande carga semântica. Vemos isso nas imagens que foram muito bem empregadas no texto.

De forma mais neutra, o objeto de discurso “*Açude Aduato Bezerra*” é retomado pelo pronome pessoal ele (duas vezes) e pelo pronome oblíquo “o”. Na passagem abaixo podemos ver exemplos dessas ocorrências:

“*tornar “ele” o que era antes, assim tomando certas providências sem prejudicá-lo*”.

As duas formas destacadas na frase acima se referem ao açude. Como podemos

perceber na passagem em destaque, a primeira remissão ao açude transgrede a norma padrão da língua.

Como encapsulamento anafórico, registramos o emprego do demonstrativo “isso” em duas ocorrências no texto. Cabe salientar que nas duas situações, o “isso” encapsula porções distintas do texto. Na primeira ocorrência, o “isso” retoma “cachoeira de esgotos”. Já na segunda ocorrência, o “isso” remete todo o discurso que o autor utiliza para mobilizar o destinatário, juntamente com toda a população que depende do açude, a tomar algumas providências para salvá-lo das agressões ambientais e assim devolver ao reservatório o seu *status* de antes.

No geral, o texto está muito bem construído, tanto em termo de estrutura como de conteúdo. Na última frase do texto, a autoa fica em dúvida entre duas palavras, mas não compromete a sua intenção comunicativa.

“Ficaria feliz se o sr. Contribuísse fazendo um “desassoreamento” ou “assoreamento”.

Em relação à progressão, o texto está bem coeso. As dêixis e as anáforas correferenciais foram empregadas corretamente, o que atesta que essa aluna domina os processos básicos de referenciação. Como a referenciação não é um processo tão simples e o texto é algo sempre inacabado, podemos dizer que a aluna já desenvolveu muitas habilidades na escrita e na argumentação, mas muitas outras ainda podem ser desenvolvidas e para isso é relevante o suporte do professor que conheça, discuta e aplique os conhecimentos advindos dos estudos da Linguística Textual que concebe o texto na perspectiva interacionista.

A seguir prosseguimos com a análise da CA2 da 2ª produção.

CA2 2ª produção

Açude Adauto Bezerra

Pereiro/CE, 03 de maio de 2016

Excelentíssimo senhor Secretário do Meio Ambiente

Eu, Keila Silva, venho por meio deste relatar a grave situação que se encontra em nosso antigo manancial, que hoje se apresenta com um grande excesso de lixo afetando a população com certas doenças e tornando-se vítima de descaso. Ao analisarmos a situação do antigo ponto turístico de nossa cidade, chegamos a conclusão que devem ser tomadas certas medidas para zelar a saúde da população e até mesmo do meio ambiente.

Devido esse fato precisamos que o senhor veja esse assunto com seriedade, sendo assim esperamos que os senhores planejem outros recursos para mudar esse problema, trazendo melhorias.

Keila Silva

Como a CA1 comentada acima, esse texto também apresenta quase todos os elementos estruturais. Vem demarcado o lugar de onde o locutor fala, a data em que o texto foi escrito, o vocativo (Excelentíssimo senhor Secretário do Meio Ambiente) e a assinatura no final do texto.

Quanto à progressão textual observamos as seguintes ocorrências: *O Açude Adauto Bezerra* aparece como fosse o título do texto e depois é retomado e recategorizado como “antigo manancial”. Mais a frente a autora opta por outra recategorização como podemos ver na passagem abaixo, extraída do texto em discussão:

“Ao analisarmos a situação do antigo ponto turístico de nossa cidade...”

Quem está situado no contexto de produção dessa carta, seguramente irá saber que a expressão “antigo ponto turístico” substitui a introdução referencial “Açude Adauto Bezerra”. O açude ainda aparece personificado no texto pela expressão “vítima do descaso”. Nessas recategorizações entra toda a subjetividade do produtor, que não só tem a intenção de apresentar uma a realidade, mas também de revelar o que ele pensa sobre ela. Como seres sociais que somos, sofreremos

influências de outros que se refletem na forma como nos expressamos sobre os fatos que acontecem a nossa volta.

Na mesma passagem destacada acima, a expressão “nossa cidade”, no texto, retoma o lugar de onde fala o enunciador, a palavra “Pereiro”, introduzido logo no início.

A seguir destacamos mais um fragmento da CA2. As partes que estão em negrito foram destacadas para facilitar os apontamentos das análises.

*“Devido **esse fato** precisamos que o **senhor** veja **esse assunto** com seriedade, sendo assim esperamos que **os senhores** planejem outros recursos para mudar **esse problema**, trazendo melhorias”.*

“Esse fato”, “esse problema” e “esse assunto” são exemplos de anáforas encapsuladoras. Nesse texto, os três encapsulamentos possuem o mesmo valor semântico. Eles não retomam uma parte pontual no texto, mas tudo que o autor falou sobre meio ambiente, poluição e desatenção da comunidade com o problema. Temos também, nesse fragmento, o emprego de dois dêiticos sociais expressos nas formas singular e plural: “senhor” e “senhores”. No primeiro caso, “senhor” se refere ao secretário, termo presente na superfície textual. Já “senhores” não tem um referente explícito, mas podemos inferir que seja alguém que faça parte da equipe do governo local. A ligação, nesse caso, é mais por inferência do que pela cotextualidade. Podemos enquadrar essa retomada nas categorias das anáforas indiretas.

Para fechar os comentários sobre a progressão referencial nesse texto, destacamos o marcador temporal:

...antigo manancial, que **hoje** se apresenta com um grande excesso de lixo...

O “hoje” é uma dêixis temporal, que tem a função de situar o leitor no tempo em que o discurso transcorre.

Diferentemente do primeiro texto analisado, esse texto apresenta menos recursos da referencialidade. Poucas recategorizações e poucos encapsulamentos que poderiam conferir mais força argumentativa ao texto. O objeto de discurso *Açude*

Adauto Bezerra ganhou pouca ênfase no texto dessa aluna. A autora desse texto economizou, ao contrário da autora do primeiro texto analisado, na força argumentativa. Em outras palavras, a autora do texto fez escolhas linguísticas menos convincente do que o autor do texto analisado anteriormente para solicitar ao senhor secretário do meio ambiente uma intervenção para o problema do lixo no manancial.

A seguir analisaremos a CA3. Convém lembrarmos que não fizemos alterações ortográficas em nenhum dos textos. Não era nossa intenção explorar desvios ortográficos. Apenas destacamos algumas expressões para facilitar o nosso estudo.

CA3 2ª produção

Pereiro(CE), 03 de maio de 2016

Excelentíssimos senhores secretários o meio ambiente

Ao vermos o nosso **atrativo reservatório de água doce** “Adauto Bezerra”, que nos trazia uma enorme felicidade, hoje me dá uma tristeza ao ver **esse lago cristalino** ser transformado em um **canteiro de capim**. Um mar azul de enorme sobrevivência e peixes, foi muito descuidado da nossa população pereirense, que hoje em dia se encontra em estado de enfermo, sendo que antes era tão rico, tão saudável e que era considerado um espanto, uma alegria para nós e para os visitantes das cidades vizinhas.

Diante dessa situação rigorosa dessa riqueza, bem que poderia ser feito um desassoreamento de entulho, entupir **cachoeira de esgoto** e fazer uma limpeza geral nesse açude, seria uma boa ideia para começar a dar vida a esse **gigante da serra**.

As mais tristes histórias desse **mar de água doce**, aconteceu nos anos 1993 e 1998 e por último em 2015, essas triste história foi quando o açude secou totalmente.

Senhores secretários do meio ambiente, seria útil começar a reforma

paulatinamente nessa represa, porque esse mar azul cheio de água, irá nos dar alegria de uma forma melhor de sobreviver, além de embelezar a cidade de Pereiro. Senhores, agradeço o seu tempo por ler essa carta argumentativa. Esperamos mudanças

João Carlos

Assim como os dois textos analisados anteriormente, a CA3 da 2ª produção segue a estrutura do gênero carta. Como já comentamos nos textos anteriores acerca desses elementos estruturais do gênero citado, dispensamos nesse terceiro texto analisado os comentários a respeito disso, uma vez que seria uma mera repetição. Nesse sentido, vamos direto para o processo de progressão desse texto.

O *Açude Adauto Bezerra* já aparece pela primeira vez no texto recategorizado. O autor prefere chamar de “*nosso atrativo reservatório de água doce*”. Obviamente, que o enunciador não se refere ao açude que temos no momento, sem água, poluído e coberto de mato e capim, mas a um açude vivo na memória de pessoas que vivenciaram o “*atrativo reservatório de água azul*”, ainda não ameaçado pela seca e pela poluição.

Para se referir ao açude, o autor, de forma bem coerente, usa uma metáfora “*canteiro de capim*”. De fato o “*lago de água azul*”, desativado pela falta de chuva, foi substituído por diversas plantações, com destaque para as áreas cobertas de capim, muito bem observado pelo enunciador.

O *Açude Adauto Bezerra* é mais uma vez retomado na passagem que transcrevemos abaixo pela elipse do verbo (encontra) e por referência ao seu estado físico (estado de enfermo). Essa última referência, cremos que esteja mais ligada a “*cachoeira de esgoto*”, que hoje se constitui uma parte integrante do açude. Vejamos as observações que fizemos na passagem abaixo:

“...hoje em dia se **encontra** em **estado de enfermo**, sendo que antes era tão rico, tão saudável e que era considerado um espanto, uma alegria para nós e para os visitantes das cidades vizinhas”.

Para trazer de volta o açude para o seu discurso, o autor usa também as expressões “*gigante da serra*”, “*nesse açude*” e “*nessa represa*”. “*Gigante da serra*”

é uma recategorização que reaviva o açude no seu esplendor. Como a língua só se efetiva no uso, os referentes passam a ser, assim, não uma entidade congelada que herdamos e transferimos, mas uma instância de referencialidade constitutivamente indeterminada e efêmera. Realmente, logo quando foi feito, o referido açude era adjetivado por muitos que viviam ou passavam pela cidade de gigante. Eram muitos metros cúbicos de água concentrados nos arredores de Pereiro que poucos imaginavam que um dia fosse evaporar. Atualmente, *o gigante* perdeu as foças.

Quanto às expressões “*nesse açude*” e “*nessa represa*”, elas exercem, concomitantemente, as funções dêiticas e anafóricas. São anafóricas porque retomam uma introdução referencial já vista no contexto. E são dêiticos discursivos situacionais porque recuperam entidades já introduzidas no contexto e, ao mesmo tempo, mantém um elo com o espaço extralinguístico. Sabemos que, em alguns casos, por conta da instabilidade da linguagem, é difícil demarcarmos uma fronteira entre introdução referencial e dêixis, porque tanto as introduções como as anáforas podem ser dêiticas ou não dêiticas, a depender de como se concebe o fenômeno da dêixis.

Por último, destacamos o desfecho do texto:

“Senhores, agradeço o seu tempo por ler essa carta argumentativa. Esperamos mudanças”.

“*Senhores*” é um dêitico social, pois sinaliza para o espaço do enunciador e o do interlocutor no processo discursivo e é, ao mesmo tempo, uma anáfora direta, porque retoma de forma parcial o termo empregado com vocativo, no início do texto. Já o possessivo “*seu*” remete “*senhores*” e “*essa carta*” é um dêitico discursivo situacional cujas características já foram mencionadas acima.

No geral, o texto é coerente com a proposta e o propósito comunicativo. Os elementos que contribuem para a progressão textual foram bem empregados. No entanto, como a construção de cada texto passa por um processo de elaboração, acreditamos que ele ainda possa ser melhorado através de uma revisão mais criteriosa de ortografia, relações morfossintáticas e construções semânticas. Ao professor cabe o cuidado de melhorar o texto, de torná-lo mais enxuto, sem ferir a sua originalidade.

A seguir, análise de mais um texto (CA4) da 2ª produção

CA4 2ª produção

Pereiro(CE), 03 de maio, 2015

Excelentíssimo sr. Prefeito

O assunto que vou abordar é sobre o **ex-grandioso e límpido açude Adauto Bezerra**, que já foi um **ponto turístico de Pereiro**. E hoje em dia, pode-se considerar como um canteiro de capim. Um processo de desassoreamento poderia ajudar o manancial pereirense.

Esse enfermo, o caso do açude, está necessitando de muita atenção. Pra um açude que já foi uma atração turística, que já causou espanto na população, e considerado o grandioso da serra, não merece ser apenas reserva de “terra, lixo e capim”. A limpeza do tal é fundamental e eficaz, assim rezar e esperar para a magnífica chuva.

A população pereirense está sofrendo com a situação e precisam ser confortadas. Sendo isso, uma boa revitalização seria bastante importante.

Como cidadão pereirense, espero que esse apelo, mobilize e estimule o Sr.

Desde já agradeço

Rafael Aquino

No que se refere à estrutura, o texto não deixa a desejar. Acreditamos que tal domínio tenha sido proporcionado pelas aulas que desenvolvemos durante o desenvolvimento da sequência didática, quando enfocamos bastante o gênero carta, com ênfase para a carta argumentativa. Sabemos que quanto maior for o contato que temos com determinado gênero, maiores são as chances que temos de dominá-lo, tanto do ponto de vista estrutural quanto do ponto de vista funcional. É a necessidade real de interação que faz com que nos apropriemos dos gêneros. Muitos deles dominamos de forma automática; outros, dominamos depois de um trabalho sistemático como ocorreu com o autor do texto que estamos analisando. A coerência, nesse texto, pode ser vista na estrutura, na escolha linguagem e no propósito comunicativo..

Quanto à progressão, o aluno introduz o objeto de discurso “açude” já

recategorizado: “o *ex- grandioso e límpido açude Adauto Bezerra*”.

A escolha do aluno já sinaliza para a posição que ele tomará durante o desenvolvimento do texto, que é uma posição crítica e consciente de quem conhece o problema e aponta soluções para amenizá-lo.

“O *ex-grandioso e límpido açude Adauto Bezerra*” é retomado pelas expressões: “um canteiro de capim”, “o manancial pereirense”, “esse enfermo”, “um açude”, “o grandioso da serra”, “reserva de terra, lixo e capim”. As recategorizações feitas pelo aluno, indiscutivelmente, dão mais sustentabilidade ao seu discurso e o deixam mais próximo de alcançar os seus objetivos.

Já na passagem “A *limpeza do tal é fundamental e eficaz, assim rezar e esperar para a magnífica chuva*”, o emprego da nominalização não se origina de um verbo análogo nem de um adjetivo do mesmo radical. Porém “limpeza” pode ter como âncora o termo assoreamento ou lixo que o autor empregou anteriormente no texto. “Limpeza” é um exemplo particular de anáfora indireta, um tipo de referência baseado em esquemas cognitivos e modelos mentais. Não discordamos de quem disser que a palavra “lixo”, no contexto, pode ganhar a concorrência de assoreamento por causa do uso mais corriqueiro e de sua relação mais direta como limpeza.

Para falarmos um pouco mais sobre a referenciação na progressão textual, destacamos mais um fragmento desse texto que transcrevemos abaixo:

“A população pereirense está sofrendo com a situação e precisam ser confortadas. Sendo isso, uma boa revitalização seria bastante importante”.

“Como cidadão pereirense, espero que esse apelo, mobilize e estimule o Sr.”

A introdução referencial “a população” é retomada pela palavra “confortadas” mais adiante. Aparentemente, dá ideia de desvio de concordância, no entanto, o que ocorre é uma concordância ideológica. Ao usar o termo a população, o autor traz arquivado em sua mente a ideia de muita gente e essa ideia é compartilhada pelo seu interlocutor. “Confortadas” concorda com a palavra pessoas/habitantes, que sem prejuízo de compreensão, o autor omitiu. Em outras palavras, a progressão, nesse caso, aconteceu mais por cognição do que por correferencialidade.

Outro exemplo da ocorrência de anáfora indireta é o emprego de revitalização. Numa passagem anterior, o autor chamou o açude de “esse enfermo”.

Não podemos ignorar, tendo em vista a flexibilidade das relações entre as palavras, que “esse enfermo” pode ter ancorado o termo revitalização.

Ainda nesse recorte do texto que destacamos acima, temos o emprego das anáforas encapsuladoras nas expressões: “*a situação*”, “*esse apelo*”, “*isso*”. Esta última está meio incompleta, mas podemos, sem muito esforço, entendermos quem ela empacota. Seguramente o “*isso*” tem, no texto em análise, a mesma função de “*essa situação*”, que é recapitular tudo o que foi dito sobre o açude. Este é visto pelo autor do texto por dois ângulos totalmente opostos. O açude antigo cheio de água limpa e de vida e o açude atual, seco e enfermo.

Já “*esse apelo*” encapsula toda a argumentação feita pelo autor. De fato só um apelo forte, como o que ele fez, pode mobilizar as pessoas para salvarem “o ex-grandioso açude Aduino Bezerra”, cuja saúde evaporou juntamente com as suas águas.

Fechando a análise da CA4, destacamos o emprego da dêixis social no desfecho do texto, expressa na forma abreviada de o “*senhor*”, que revela respeito do enunciador para com o interlocutor.

Em linhas gerais, estamos diante de um texto bem escrito tanto em estrutura, propósito comunicativo e escolhas linguísticas. Pelo que apresentamos, inferimos que o produtor desse texto já conhece e emprega muitos recursos da referenciação no processo de produção escrita. Parte deles, o aluno absorveu após o desenvolvimento da sequência didática que fizemos para trabalhar o gênero CA.

A seguir transcrevemos a quinta e última produção - a CA5 - para concluirmos essa análise.

CA5 2ª produção

Pereiro/CE, 03 de maio de 2016

Excelentíssimo senhor prefeito

Eu, Rosângela, aluna do 9º ano, insatisfeita com os problemas ambientais que enfeiam e prejudicam nosso município, escrevo mediante a situação do açude Adauto Bezerra, que encontra-se em total declínio, ocasionado pelo descuido de todo um conjunto populacional venho lhe pedir a tomada de possíveis providências sobre a “cachoeira de esgoto” que o nosso ex- lago cristalino encontra-se.

Com o possível dezassoreamento feito sobre o enfermo haveria a possibilidade do antigo ponto turístico de Pereiro voltar a ser forte de comércio, gerando lucro para uma parcela da população, e a limpeza sobre o enorme canteiro de capim possibilitaria a melhor qualidade de vida dos nossos moradores.

Eu como cidadão também afetado pelo descaso espero que o senhor, possa mobilizar-se, tomando as devidas providências, para chegarmos a resultados diferentes da realidade em que nos encontramos atualmente

Atenciosamente

Rosângela Sousa

Esse texto também obedece estritamente à estrutura do gênero carta: local, data, vocativo, corpo do texto, conclusão, saudação final e assinatura.

Voltando-nos agora para a progressão, iniciamos os nossos comentários pelas dêixis, cujo emprego foi bem tímido no texto. Não percebemos o emprego da dêixis temporal nem da dêixis espacial nesse texto. O enunciador utilizou a dêixis social, embutida no vocativo (Excelentíssimo senhor prefeito), marcando a posição hierárquica entre ele e o seu coenunciador. Mais na frente, o tratamento respeitoso reaparece na forma “o senhor”.

Saindo da dêixis, vamos nos voltar a partir de agora para as introduções referenciais e as anáforas. A palavra “Pereiro”, introduzida no início do texto, é retomada diretamente por “*nosso município*” e, por inferência, por “*todo um conjunto populacional*”. Essa última remissão, julgamos meio desencaixada do texto. O termo população talvez fosse mais adequado no contexto, mas defendemos que a intenção do autor foi exatamente responsabilizar toda a população do município pela degradação do Adauto Bezerra.

Considerando “*Excelentíssimo senhor prefeito*” como uma introdução referencial, houve a retomada dessa introdução por “*lhe*” e o “*senhor*”. O emprego do “*lhe*”, no contexto, transgrede, a formalidade que o texto exige. Seria mais adequado “o senhor”. Já “o senhor”, exerce, concomitantemente, a função de

anáfora direta e de dêitico.

“O Açude Aduato Bezerra” é uma introdução referencial e é retomada, de forma recategorizada, várias vezes ao longo do texto: “cachoeira de esgoto”, “ex-lago cristalino”, “o enfermo”, “antigo ponto turístico de Pereiro”, “canteiro de capim”. Essas recategorizações sinalizam o posicionamento do autor diante do fato abordado, traz todo o seu subjetivismo, a sua forma particular de enxergar o mundo a sua volta e representá-lo com os recursos linguísticos que a língua lhe oferece.

“Nossos moradores” nesta passagem: “... possibilitaria a melhor qualidade de vida dos nossos moradores” é uma anáfora indireta e tem como âncora a cidade (Pereiro) ou nosso município, de onde o enunciador fala.

“Descaso” e “realidade” são anáforas encapsuladoras e retomam não um referente pontual no texto, mas toda a situação de degradação e poluição do açude.

Em síntese, o texto apresenta a estrutura do gênero solicitado e o aluno se utilizou de muitos recursos para garantir a sua progressão. Alguns desvios ortográficos e alguns problemas de ordem morfosintáticos podem ser apontados no texto, mas não chegam a comprometer o seu sentido global. O mais importante é que o aluno produziu não um texto para atender a propósitos didáticos, mas um texto real que enfatiza uma situação de interesse coletivo. Advogamos que quando a produção de um texto é feita dentro de um contexto real, as chances de sucesso aumentam substancialmente. Não podemos esquecer de que a escrita é um processo e como tal esse texto ainda pode ser lapidado. No tópico seguinte, traçaremos uma breve comparação entre as análises da 1ª e da 2ª produção.

4.2 Comparações entre os achados da referenciação na primeira e na segunda produção: a referenciação na progressão e a progressão da referenciação.

Na produção textual do gênero carta argumentativa que solicitamos antes da sequência didática percebemos algumas transgressões no que diz respeito à estrutura desse gênero. Em nenhum dos cinco textos que analisamos na primeira produção os elementos básicos (data, lugar, vocativo, saudação final), que entram na estrutura da carta, apareceram, embora cada texto tenha deixado clara a intenção de seu produtor, que era a de ver revitalizado o açude público Aduato Bezerra. A não conformidade aos aspectos estruturais desse gênero nos leva a

deduzir que a turma tem pouco contato com ele. Conforme expusemos no tópico teórico sobre gêneros, o domínio de cada um deles depende da necessidade de comunicação que o indivíduo tem para agir no meio social. Os gêneros não nascem por modismo, mas por exigência do meio em que está inserido o sujeito do discurso. No caso dos nossos alunos, podemos afirmar que eles ainda são um pouco imaturos para assumir, sem a mediação de um adulto, a atitude de escrever um documento para abordar e reivindicar solução para um problema ambiental.

Quanto à progressão textual, percebemos que muitos elementos que integram o processo de referenciação foram utilizados pelos alunos, mesmo que tenha predominado uma referência mais voltada para a superfície do texto. Nessa perspectiva, podemos afirmar que introduzir ou retomar objeto de discurso é uma necessidade que temos quando desenvolvemos qualquer ação por meio da linguagem falada ou escrita. Nesses textos da primeira produção, vimos que empregadas anáforas diretas, anáforas encapsuladoras, recategorização e a dêixis em quatro das cinco produções. A CA5 da primeira produção, da aluna Ana Íris, foi o texto com mais economia dos recursos da referenciação. Podemos afirmar, a partir dessas observações, que os alunos do 9º ano utilizam, de forma pragmática, a referenciação em seus textos. Porém, sentimos que alguns objetos de discurso poderiam ter sido mais enfatizados ou sugeridos por eles para dar mais qualidade ao texto. Como já discutimos, o ato de referir é uma tarefa bem complexa e desse processo somos eternos aprendizes.

Na segunda produção, feita após o desenvolvimento de uma sequência didática, percebemos consideráveis avanços. Diferente da primeira produção, na segunda, os alunos obedeceram à estrutura do gênero e o texto já ganhou efeito estético. Nessa produção, os recursos que os alunos usaram para promover a progressão do texto foram mais abundantes. O objeto de discurso “açude” sofre diversas recategorizações que mais do que estabelecer elos entre as partes do texto direciona a intenção argumentativa do produtor. Somos convictos de que as informações sobre o Açude Adauto Bezerra, adquirida ao longo do desenvolvimento da sequência didática, instrumentalizaram esses alunos para a produção da CA e o texto ganhou em qualidade. Podemos perceber avanços no tocante à referenciação entre a CA5 da primeira produção e a CA1 da segunda produção. Cabe ressaltar que ambos os textos foram escritos por Ana Íris.

Além do recurso da recategorização, ainda percebemos na segunda produção

o emprego de anáforas indiretas (claro que em menor recorrência do que as diretas), da anáfora encapsuladora e da dêixis. Todos esses recursos utilizados pelos alunos contribuíram para progressão do texto e o objeto maior do discurso ganhou em tessitura e em semântica. Assim, podemos afirmar, depois da comparação das duas produções, que os alunos investigados já dominam muitos recursos que promovem a progressão textual, mas o desenvolvimento de atividades mais planejadas pelo professor rende efeitos bastante positivos nas atividades escritas. Voltamos a destacar o desempenho de Ana Íris na CA1 da segunda produção.

Em síntese, vimos que na primeira produção, os alunos utilizaram muitos recursos da referenciação para promover a progressão do texto. Mesmo com algumas limitações ortográficas, como é caso da CA1 da primeira produção da aluna Milena Soares, os alunos pesquisados conseguiram transmitir a mensagem ensejada, que era o pedido de proteção do Açude Adauto Bezerra. Somos convictos de que a ação de referir é inerente à linguagem. Em outras palavras, é impossível nos comunicar sem nos referirmos a objetos do mundo e/ou do discurso.

No entanto, a capacidade de introduzir e retomar objetos de discurso por meio de anáforas e de dêixis poder ser estimulada. Foi isso que percebemos ao analisarmos os textos desses alunos depois do desenvolvimento de uma sequência didática. Assim, na primeira produção tivemos a referenciação na progressão do texto e na segunda, a progressão da referenciação, que fez o texto ganhar em força argumentativa. Mesmo sabendo que ainda há muito o que se pesquisar nas escritas desse alunos, podemos adiantar através da pesquisa que fizemos que algumas falhas na produção desses alunos podem ser resolvidas com um trabalho mais voltado para a referenciação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi anunciado na introdução deste trabalho, o propósito da nossa pesquisa era descrever a referenciação na progressão textual dos alunos de 9º ano por entendermos que o encadeamento entre as partes do texto, que culminam com o seu sentido, dependem da capacidade que possuímos de nos referir aos objetos do mundo e da contrapartida do interlocutor no momento da interação. A nossa pesquisa considera tanto os aspectos linguísticos quanto os aspectos sociocognitivos que se imbricam na construção do texto que ao outro direcionamos.

Assim, partimos da hipótese de que as dificuldades que os alunos do 9º ano apresentam em relação à escrita é porque eles não dominam alguns recursos da referenciação, que podem contribuir para a progressão e para o sentido do texto. Para análise, escolhemos dez produções textuais de alunos dessa série, produzidas em dois momentos distintos. As nossas análises foram feitas à luz de teorias da Linguística Textual que considera que a linguagem adquire estabilidade no discurso. As palavras não trazem um significado acabado, mas esse significado é construído na interação conforme os interesses dos indivíduos que se envolvem nesse processo. Desde já, adiantamos que o que enxergamos nesses textos, no que diz respeito à referenciação, pode não ser visto da mesma maneira por outras pessoas.

O gênero que analisamos foi uma Carta Argumentativa (CA) por entendermos ser mais apropriado para atender os nossos propósitos comunicativo. Porém, interessava-nos mais o conteúdo da produção do que a estrutura. Com isso, não estamos desprezando a forma como o texto é construído, mas aderindo ao pensamento de Marcuschi (2008) e de outros linguistas que defendem que o mais importante em qualquer ato de comunicação, oral ou escrito, é a comunicação que ele estabelece entre o enunciador e o co-enunciador.

Nessa perspectiva, as cartas que os alunos produziram no primeiro momento, mesmo não trazendo todos elementos desse gênero, expressaram a intenção de seus autores: cobrar das autoridades do município algumas medidas quem venham resgatar a imagem do “belo Açude Adauto Bezerra”, patrimônio histórico da cidade de Pereiro - CE que se encontra ameaçado pela poluição.

Nesses textos, optamos por verificar o emprego das anáforas (diretas e indiretas) na produção textual, tendo em vista que a progressão do texto pode ocorrer tanto na superfície do texto como a partir de pistas deixadas pelo contexto –

a progressão inferencial. Este tipo de progressão é complexo porque depende de toda uma mobilização de conhecimento que construímos ao longo da nossa existência. Quando esse conhecimento não é compartilhado pelos envolvidos no processo de interação, o sentido do texto fica comprometido, pois só conseguimos entender parcialmente.

Também tivemos como objetivo nessa pesquisa descrever o emprego das anáforas encapsuladoras. Ciulla (2008) considera que esse tipo de anáfora traz características das anáforas diretas e das anáforas indiretas. As anáforas encapsuladoras retomam não só uma palavra ou uma expressão, mas uma parte maior do texto e exercem um papel relevante nos textos de caráter mais argumentativo. Quase sempre, elas sinalizam a posição do autor do texto sobre o assunto que ele se propõe a falar ou escrever.

Ainda foi nosso objetivo nessa pesquisa discutir sobre as ocorrências de recategorizações de introduções referenciais na produção textual desses alunos. As expressões recategorizadoras revelam, desse modo, o posicionamento do autor do texto em relação ao assunto que ele aborda. Como já discutimos, os objetos de discurso são instáveis. Um referente pode sofrer, ao longo do texto, diversas recategorizações conforme a intenção comunicativa do enunciador. Pudemos comprovar isso quando os alunos retomaram o objeto de discurso “açude”, usando as expressões “lago de água cristalino”, “cachoeira de esgoto”, “canteiro de capim”. A primeira expressão destacada faz referência ao açude no seu esplendor; as duas últimas fazem referência ao açude em seu estado atual, vencido pela seca e pela negligência dos homens. O uso dessas expressões mais do que denunciar uma realidade, traz à tona a sensibilidade de quem escreve e com isso o seu discurso ganha mais força.

Além desses processos de referenciação elencados acima, também elegemos como objetivo identificar a ocorrência da dêixis e a sua contribuição para a progressão textual. Sobre esse recurso, Ciulla (2008) reconhece a importância para a progressão do texto e afirma que, às vezes, não é tão simples fazermos a distinção entre a dêixis e anáfora.

Visamos com os objetivos acima elencados responder as seguintes questões de pesquisa:

- Os alunos empregam, na carta argumentativa, as anáforas encapsuladoras para resumir uma parte maior do texto e assim promover a sua progressão?

- Os alunos do 9º exploram, na produção da carta argumentativa, as anáforas indiretas?
- Os alunos introduzem e retomam, na carta argumentativa, objetos de discurso de forma recategorizada?
- A dêixis foi empregada pelos alunos na carta argumentativa para promover a sua progressão?

Reiteramos que o nosso *corpus* foi constituído de dez textos, produzidos em duas situações distintas: uma antes e outra depois do desenvolvimento de uma sequência didática.

Ao analisarmos os textos da primeira produção, percebemos que em todos os textos analisados os alunos, em grau maior ou menor, fizeram uso de alguns recursos da referenciação, o que nos leva a afirmar que a ação de referir é inerente a qualquer prática discursiva, principalmente aquela referência feita através de elementos presentes na superfície do texto (as anáforas diretas). Porém, observamos na primeira produção (como na CA5 produzida por Ana Íris) a repetição exaustiva do termo “açude” e “moradores”. A palavra açude foi muito recorrente. Esse problema não teria ocorrido se aluno dominasse algumas estratégias de referenciação, como a sinonímia ou a recategorização. O que afirmamos pode ser comprovado se fizermos uma leitura atenta da CA1 da segunda produção, por exemplo, e compararmos com a CA5 da primeira.

Foram vários os exemplos que encontramos de anáforas encapsuladoras, o que nos autoriza a dizer que o gênero solicitado favoreceu a abundância desse recurso. Em textos argumentativos, as anáforas encapsuladoras exercem uma função maior do que resumir. Geralmente, os encapsulamentos anáforicos manifestam uma opinião do produtor do texto mediante uma paráfrase resumitiva. Um exemplo desse tipo especial de anáfora pode ser visto na frase nominal “DECADÊNCIA”, retirada do primeiro texto (CA1 da primeira produção) que analisamos, para sintetizar tudo aquilo que autor do texto ainda ia falar sobre o açude e, ao mesmo tempo, emitir um juízo de valor sobre a problemática ambiental que aflige as pessoas do município de Pereiro, em particular aquelas que dependem mais diretamente da água desse reservatório.

Assim como as anáforas encapsuladoras, as anáforas diretas também foram bastante empregadas nos textos. Pegando mais um exemplo da CA1, o autor do texto faz uso da introdução referencial “Pereiro” e em seguida retoma o termo

introduzido pelo sintagma “nosso município”.

Já as anáforas indiretas foram recursos da referenciação menos explorado nessas produções, mas detectamos, mesmo assim, que houve algumas ocorrências desse tipo de anáfora nas duas produções. A pouca recorrência das anáforas indiretas nas produções desses alunos pode ser explicada pelo gênero textual/discursivo que eles foram estimulados a escrever. Sabemos que a carta argumentativa exige da parte de quem escreve mais objetividade, embora não seja descartado o emprego de linguagem que exija que o interlocutor faça inferências.

Chegamos à conclusão de que a linguagem é por si inferencial uma vez que os referentes são construídos no discurso. É razoável afirmarmos que até os textos de estruturas mais simples, trazem informações implícitas. Pudemos observar que em algumas passagens dos textos, os alunos fizeram referência a objetos não muito explícitos no cotexto, os seja, fizeram uso de anáforas indiretas.

Mas, a exploração de inferências é um ponto que merece ser explorado com alunos da turma que analisamos. Reconhecemos que trabalhar com inferência ainda é um dos gargalos da produção textual e pode ser amenizado com mediação do professor através de um trabalho contínuo e sistemático com a escrita.

A dêixis foi pouco empregada nos textos, talvez não pela complexidade de ser utilizada, mas porque o gênero pouco exigiu. Porém, os três tipos básicos (espacial, temporal e pessoal) foram detectados na totalidade dos textos. Seguramente, a recorrência desse recurso que contribui para a progressão teria aparecido mais se o gênero escolhido fosse um gênero narrativo, onde o produtor precisaria recorrer a todo o momento a expressões que fizessem referência a lugar, espaço e a pessoa.

Quanto à recategorização, detectamos que esse recurso foi timidamente usado nos textos da primeira produção, mas largamente empregado nos textos de segunda produção. O objeto de discurso “Açude Aduino Bezerra” apareceu muitas vezes recategorizado nos textos desenvolvidos depois da sequência didática. As leituras e os debates feitos durante o desenvolvimento das aulas influenciaram alunos na escolha de termos para se referirem ao açude. Entre outras recategorizações, o açude foi chamado de “lago cristalino” e “canteiro de lixo”, “cachoeira de esgoto”. Ao fazer essas escolhas, o autor confronta o açude entre dois momentos distintos; o passado e o atual.

É importante salientar que muitas das expressões recategorizadoras como essas que já citamos foram recorrentes em quase todas as produções, o que

comprova o efeito positivo do desenvolvimento da sequência didática, ou seja, a coparticipação do professor nas produções. Houve uma soma de novos olhares para enxergar um antigo problema.

Para as questões de pesquisa que levantamos, obtivemos as seguintes respostas. Na primeira produção, os alunos repetiram muito algumas palavras como, por exemplo, a palavra-chave “açude”. Esta poderia ter sido substituída por sinônimos, por hiperônimo ou até mesmo por pronomes.

O objeto de discurso “açude” foi introduzido em todas as produções, mas por se tratar de um texto de caráter argumentativo, cujo foco era o açude que urge ações que venham a revitalizá-lo, detectamos que esse referente foi pouco enfatizado. Expressões recategorizadoras como as que apareceram na segunda produção dariam ao texto mais dinamismo e expressividade.

Em relação às anáforas indiretas, recurso muito exigido na produção e na compreensão de textos, uma vez que estão diretamente relacionadas às inferências que somos orientados a fazer, houve, mesmo de maneira pouco recorrente, emprego nas duas produções. A pertinência do tema favoreceu o envolvimento dos alunos nessa atividade de escrita e a progressão do texto, embora necessite de retoques, foi mantida pelos alunos. Arriscando-nos um pouco mais, podemos dizer que o insucesso dos alunos em muitas produções, no que diz respeito à progressão e ao sentido, pode ser fruto de práticas impositivas em que o aluno é levado escrever sobre assunto distante da sua realidade.

No geral, tivemos uma experiência bastante positiva com a pesquisa que desenvolvemos sobre texto. Primeiro, tivemos oportunidade de aprender um pouco mais sobre texto e o seu processo de produção. As teorias que estudamos a respeito do objeto maior da comunicação – o texto – nos darão suporte para a nossa prática de linguagem dentro e fora da sala de aula. A pesquisa que fizemos nos levou a descobrir que, embora façamos uso dele em todas as nossas interações por meio da linguagem, o texto continua sendo, em termos teóricos, algo complexo e as muitas pesquisas que se tem sobre ele não esgotam os seus mistérios. Mais do que descobrirmos as deficiências dos alunos em relação à referenciação na progressão textual, descobrimos, através desse estudo, as nossas próprias limitações no tocante ao trabalho com texto.

Não nos detivemos a descrever nos textos que analisamos os desvios ortográficos dos alunos. Isso pode servir para outros trabalhos, ancorados em outras

teorias. Porém, apesar de os textos produzidos trazerem muitos aspectos que merecem ser trabalhados (questões sintáticas, semânticas e ortográficas) podemos afirmar tivemos uma experiência bastante positiva com a pesquisa que desenvolvemos.

Destacamos que os alunos colaboraram de forma surpreendente com o *corpus* que construímos nas duas etapas. Diferente do que pensávamos, sentimos a atividade de produção escrita não significou um peso para eles. As duas produções foram feitas de forma bem espontânea. Sentimos que a problemática do açúcar trouxe bastante interesse para os alunos e mais ainda quando foram informados do intuito da pesquisa e que os seus textos iriam fazer parte de um trabalho, que poderia ser consultado depois por eles ou por qualquer interessado. Informamos que o texto deles não nasceria na sala de aula, mas não morreria nesse espaço.

No caso específico da referenciação, percebemos avanço da primeira para a segunda produção. Dentre outros processos de referir para promover a progressão textual que eles utilizaram, destacamos as recategorizações, abundantes em quatro das cinco produções da segunda etapa, que deram realce ao texto. Como um texto é um processo, acreditamos que um trabalho consistente com esses alunos pode fazer com que eles produzam, em situações posteriores, textos em que mais recursos coesivos e argumentativos estejam presentes. É importante que o professor crie condições que favoreçam a prática da escrita e os alunos entendam que o ato de escrever pode se tornar um prazer quando somos motivados para essa prática.

Ressaltamos, por fim, que a nossa pesquisa contribui para os estudos da Linguística Textual. Nas análises que fizemos das cartas argumentativas dos alunos do 9º ano, descobrimos que nas duas produções, eles demonstraram habilidade em utilizar alguns recursos da referenciação para fazer progredir o texto. Porém, na segunda produção, solicitada depois do desenvolvimento de uma sequência didática, percebemos que as recategorizações foram empregadas de forma mais intensa e com isso o texto ganhou em qualidade sintática, semântica e argumentativa. Podemos afirmar a partir disso que a referenciação é inerente a qualquer atividade de produção textual, mas pode ser aprimorada.

Outra observação que fizemos, é que produções aparentemente simples, como as que analisamos, podem trazer informações implícitas que só serão recuperadas por quem está inserido no contexto de produção. É possível que outras

pessoas quem venham a fazer a leitura do mesmos textos que fizemos, enxerguem algo diferente daquilo que apontamos ao longo das nossas análises.

Que o que não conseguimos enxergar nesses textos, no que diz respeito à referenciação, possa inspirar outras pesquisas. Quem sabe a de alguns dos próprios alunos pesquisados, caso venham a se interessar pelos estudos da linguagem. Da nossa parte, estamos satisfeitos em podermos oferecer essa modesta contribuição à linguística textual. Também nos deixa felizes o fato deixarmos registrado através desse trabalho algo sobre o Açude Adauto Bezerra, patrimônio histórico de Pereiro, que se encontra ameaçado pelo descaso. À escola e aos alunos que colaboraram com essa pesquisa, a nossa gratidão. A partir desse texto que acabamos de concluir, passamos a figurar nas páginas da história. Simbolicamente, é a recompensa que podemos oferecer pela colaboração para conosco e com a Linguística Textual.

REFERÊNCIAS

- APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. **Referenciação** (Orgs.) São Paulo: Contexto, 2015. (Coleção Clássicos da linguística) p. 53-84.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WFM Martins Fontes, 2011.
- BARBOSA, Thais Bolgueroni. **Uma descrição do processo de referenciação em narrativas contadas em línguas brasileiras (libras)**. 2013. 155 f. (Dissertação em linguística) - Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BARRETO LÉ, Jaqueline. **Referenciação e gêneros jornalísticos: sistemas cognitivos em jornal impresso e jornal digital**. 2012. 191 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. (Orgs). **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo, Cortez, 2014.
- CAVALCANTE, M. M.; LIMA, S. M. C. (Orgs). **Referenciação: teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 2013.
- CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B.B.; CIULLA, A. (Orgs). **Referenciação**. Contexto, 2015. – (Coleção Clássicos da Linguística)
- CAVALCANTE, M. M; MESQUITA, Livia de Lima. **Argumentação e polifonia em anáforas encapsuladoras**. Letras de Hoje, porto Alegre, v. 46, n.1 p.55-63, jan/mar. 2011.
- CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2013.
- CIULLA, Alena e Silva. **Os processos de referência e suas funções discursivas – o universo dos contos**. 2008. 203 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- CIULLA, Alena e Silva. **Categorização e referência: uma abordagem discursiva**. Cadernos de Estudos linguísticos (5b2). Campinas- SP, Jul/Dez. 2014.
- CONTE, Maria-Elisabeth. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (orgs). **Referenciação**. Contexto, 2015. – (Coleção Clássicos da Linguística) p. 177-190.
- CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. **Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação**. 2011. 329 f. Tese (Doutorado em linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; SILVA, Franklin Oliveira. O caráter não linear da recategorização referencial. In.: CAVALCANTE, M. M.; LIMA, S. M. C.(orgs.).REFERENCIAÇÃO: teoria e prática. São Paulo: Cortez, 2013, p. 59-85.
- GERALDI, João Wanderley.Da redação à produção de textos. In: CHIAPPINI, Ligia

(Coord.). **Aprender e ensinar com textos de alunos**. 7. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 7. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**. 2. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

LIMA, S. M. C.; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. A construção de referentes no texto/ discurso: um processo de múltiplas escolhas. In: CAVALCANTE, M. M.; LIMA, Silvana M. C. (Orgs.). **Referenciação: teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 2013.

LUNARDI, G. R.; FREITAS, Ernani César de. O encapsulamento anafórico como recurso argumentativo em reportagem jornalística e artigo de opinião. **Visão Global, Joaçaba** - SC, Edição Especial 2012, p. 49-72.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I.; V.; MOROTO, E.; M.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Referenciação e discurso**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p.19-38.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARUCI, Fátima Aparecida de Souza. **Desvendando o processo de referenciação no gênero artigo de opinião produzido por alunos da Educação Básica**. Cadernos do CNLF, Vol. XIX, n. 4, t.3

MESQUITA, L. L. **Argumentação e polifonia nas anáforas encapsuladoras**. 2011. 163 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

MONDADA e DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 17-52 (coleção clássico da linguística).

PACHECO, Lucivânia Marques. **O encapsulamento anafórico em textos do gênero artigo de opinião**. Polifonia, Cuiabá, v. 22, n. 31, p. 462-487, Janeiro-Junho, 2015.

PALUMBO, Renata. **Referenciação e argumentação: a dinâmica nas orientações argumentativas em debates políticos televisivos**. 2007. 193 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

QUEIROZ, Andreza Alves. **Referenciação e polidez em cartas de amor: o resgate da história de Jayme e Maria por meio da (RE)construção do self e do outro.** 2015. 237 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

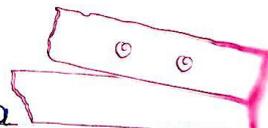
SILVA E SILVA Teresa. **Aspecto da anáfora encapsuladora em redações de estudantes universitários.** 2009. 89 f. Dissertação (mestrado em Linguística). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa Científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: UFRGS, 2009.

ANEXOS



Carta argumentativa



Decadência! Essa palavra define a situação que por isso se encontra. A amor que o acide Adauto Bezerra abastere a grande maioria da população, porém, nos últimos anos para cá esse acide seca. E hoje em dia ele encontra-se totalmente seco! O que é extremamente preocupante, e apesar disso ninguém toma as devidas providências. Muitos dos cidadãos do nosso município se perguntam de quem é a grande culpa desse infeliz acontecimento, mas todos nós deveríamos primeiramente nos preocupar com o que devemos e como fazer para amenizar os efeitos que a falta de água está causando.

Além de sabermos de tudo isso e de também sabermos bastante bem as consequências, devemos nos juntar e recomendar o quanto podemos. Pois irá chegar ao um ponto onde não terá água para nossa população.

Milena Soares
CAJ



FORONI

OK



DSTQSS

Adauto Bezerra

(Acudo)

2012 o ano que começou a seca, a grande seca em Pernambuco a população não esperava pois em 2009 ocorreu uma chuva grande que abençoou o nosso país com isso a população nem ao menos pensava em viver com a seca e muito tempo não vimos o nosso Pernambuco com muita água no nosso acudo.

Agora que no final de dezembro de 2015 começou a chover em nossa cidade mas mesmo assim o acudo não recebeu pois para encher tem que haver enchimentos nos outros acudos.

O problema também é o lixo no acudo que pode causar a dengue a chikungunya, a zica vírus e a dengue que não são doenças graves mas isso não é esse o problema. São muita muita água para nosso acudo.

Keila Silva
CA 2



Acude:
Adauto Bezerra



O acude do cidade de Perseus - CE, desde desde 2015 e a população ficou algum tempo sem água encanada, isso por conta que aqui na cidade passou 4 anos sem inverno bom, como nos outros anos, e mantendo com este ano, já se foi 5 anos, e também por outras motivos, como as pessoas sem o controle de água, muitas plantas já feitas e por outros motivos.

As pessoas comentaram muito sobre o armazenamento de rua que fica em frente ao Polo de lazer, esse encanamento total desse acude foi no ano de 2009, que deixou algumas pessoas desobrigadas por alguns dias, mas isso não foi um grande problema, comparando o crise que estamos passando estes dias.

Esse acude é quase 100% importante para nós, porque ele nos sustentava com água em vasos d'água e outros recipientes, depois que ele deixou as pessoas não sabiam como já sobreviver, então a região foi comprar água para utilizar e fugir para a água de cocimbo que nos salvou bastante.

OK

Opinião: Fazer mais economia e pedir
unidade

João Carlos
CA 3

Conto Argumentativo

Nome: Arthur Rocha CA4

Durante muitos anos, o famoso e conhecido Adolfo Bezerra (o rio de Pereira) na, até pouco tempo, era utilizado por diversas famílias que viviam e vive ao seu redor para as diversas atividades do dia-a-dia.

Mas não faz muito tempo que esse grande amigo da população se encontrava, ou melhor, se encontra para o plantio e o desenvolvimento de verduras.

Drástico, mas é a pura realidade, pois aqueles grandes mananciais de água que lhe cabria, hoje se resume em apenas em grandes extensões de terras que hoje em dia é utilizado para o desenvolvimento das atividades citadas anteriormente. Mas pensando para pensar, o que levou à essa terrível realidade? As condições climáticas? O uso e manuseio inadequado dos recursos? Ou a pouca importância que o governo dava ao mesmo?

Mas analisando essas e muitas outras indagações, é que a mais provável seja, em princípio, as precárias e péssimas condições climáticas que há pouco tempo predominava.

Tragédia em Pereiro

Pereiro está sofrendo uma grave crise há 4 anos. A famosa "seca". Se agente não cuidar em economizar água logo logo estaremos sem nenhuma água. O maior acide de Pereiro já secou, agente só ver lixos, garrafas petis, e outros objetos ocupando o lugar da água no acide. Milhares de pessoas estão ficando sem água dentro de casa por muitos dias, sendo o único jeito ir carregar baldes e mais baldes de água para dentro de casa. Sorte dos moradores que em cada bairro tem uma caixa d'água grande o suficiente para encher os baldes de todos os moradores do bairro, assim facilitando e diminuindo as viagens que os moradores dão para ir pegar água. Se não continuar chovendo bastante para encher os acides, parar água, voltar a ter água nos torneiras todos os dias, vamos ficar na seca por mais um ano e assim o caso em Pereiro vai ficando mais serio do que estar.



Então Vamos Cuidar

Pra Não Acabar



Nome: Ana Ínis CA 5



Alí

Ana Inis 2ª produção

CA 4

Série

9º Ano B

Data

03/05/2016

Tarefa nº

Tema

Agude Adauto Bezerra

Agude Adauto Bezerra

01 Pereiro Ceara, 03 de Maio 2016

02 Excententíssimo Senhor Prefeito,

03 Ao analisarmos o Agude Adauto Bezerra antes e de-

04 pois, percebi através de algumas mudanças a situação

05 que nosso agude está hoje. A paisagem era tão bonita

06 de se olhar que agente chegava lá e não queria mais

07 parar de olhar aquele lindo "viveiro de peixes", linda

08 "Ilha azul de Pereiro", quando os visitantes olhava aquele

09 "Palco de marrecos" chega ficava com os olhos brilhando

10 de tanta emoção, mas ao longo do tempo o que antes

11 era o "Gigante da serra" acabou tornando-se uma ver-

12 dadeira "Cachoeira de engoto", e com isso ele acaba ser-

13 do "Condenado a morte", o que gera o "Espanto dos visi-

14 tantes". Hoje as pessoas passa por e chega bate uma tris-

15 teza, só em pensar que passava por ali e sempre via

16 aquela "água cristalina" e hoje ao se ver "Canteiros de

17 capins e lixos". Acredito que isso já é o suficiente

18 para começarmos a ajudar o nosso agude, a tornar

19 ele o que era antes, assim tomando certas providên-

20 cias sem prejudicá-lo mais ainda.

21 Ficaria feliz se o Sr. contribuísse fazendo um desorra-

22 mento ou apoio.

23 Desde já termino essa carta com os meus sinceros

24 agradecimentos.

25

26 2ª produção

27 CA 4 Ana Inis

28

29

30

Aprimorar: () Competência I () Competência II () Competência III () Competência IV () Competência V

Comentários do corretor:



CA 2 Keila Silver

Série

9º ANO "B"

Data

03-05-16

Tarefa nº

Tema

Aécio Aécio Bezerra

01

02

Pereira/CE, 03 de maio de 2016

03

04

Excelentíssimo Senhor Secretário do Meio Ambiente

05

06

07

08

09

10

11

12

13

14

15

Eu, Márcia Idegã venho por meio deste relatar a grave situação que nos encontramos em nosso antigo município, que hoje se apresenta com um grande excesso de lixo afetando a população com estes danos e tornando-se vítima de doenças. Ao analisarmos a situação do antigo município transitado de nossa cidade, chegamos a conclusão que devem ser tomadas certas medidas para zelar na saúde da população e inclusive do "ambiente".

16

17

18

19

20

Devido esse fato precisamos que o senhor veja esse assunto com seriedade, sendo assim esperamos que os senhores possam outras recursos para mudar esse problema, trazendo melhorias.

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

CA 2
2ª produção

Keila Silver

Aprimorar: () Competência I () Competência II () Competência III () Competência IV () Competência V

Comentários do corretor:



CA 3
2ª produção João Carlos

Alun _____

Série 9ª B Data 03/05/2016 Tarefa nº _____

Tema Aqueduto "Adauto Bezerra"

Pereiro (CE)/03 de maio de 2016

01 Excelentíssimas Senhoras Secretárias do meio
02 Ambiente;

03

04 Ao vermos o nosso atrativo reservatório de água do-
05 ce "Adauto Bezerra", que nos trazia uma enorme felici-
06 dade, hoje me dá uma tristeza ao ver esse lago visto-
07 lino ser transformado em um vertiginoso de capins.
08 Um mar azul de enorme sobrevivência de peixes, foi
09 muito descuidado da nossa população pereirense, que não
10 em dia se encontra em estado de estresse, sendo
11 que antes era tão rica, tão saudável e que era consi-
12 derado um espanto, uma alegria para nós e para os
13 visitantes das cidades vizinhas.

14 Diante dessa situação rigorosa dessa riqueza, bem que
15 poderia ser feito um desassonamento de enchulas, em-
16 bupir cachoeiras de esgoto e fazer uma limpeza geral
17 nesse aqueduto, seria uma boa ideia para combater a des-
18 vido a esse gigante da serra.

19 A mais triste história desse mar de água doce,
20 aconteceu nos anos de 1993, 1998 e por último em
21 2015, essas tristes histórias foi quando o aqueduto
22 secou totalmente.

23 Senhoras Secretárias do meio Ambiente, seria útil
24 combater a restauração paulatinamente nesse reservatório, por-
25 que esse mar azul vivo de água, não nos dá a alegria
26 de uma forma melhor de sobreviver, além de embelgar
27 a cidade de Pereiro. Senhoras agradeço o seu tempo por
28 ler esta carta argumentativa. Esperamos mudanças

29

30 CA 3 João Carlos
2ª produção

Aprimorar: () Competência I () Competência II () Competência III () Competência IV () Competência V

Comentários do corretor:



Aluno

Rafael Aquino
C44 2ª produção

Série

9º Ano B

Data

03/05/16

Tarefa nº

Tema

Açude "Adauto Bezerra"

Pereiro (CE), 03 de Maio, 2016

01. Excelentíssimo Sr. prefeito,

02.

03. O assunto que vou abordar é sobre o ex-grandioso e limpo açu-

04. de Adauto Bezerra, que já foi um ponto turístico de Pereiro. E hoje em

05. dia, pode-se considerar como um cantinho de capim. Um processo de

06. desampliação poderia ajudar o município pereirense.

07. Esse empreito, o caso do açude, está necessitando de muita atenção.

08. Pra um açude que já foi uma atração turística, que já causava

09. espanto na população, e considerado o grandioso da serra,

10. não merece ser apenas uma reserva de "terra, lixo e capim".

11. A limpeza do tal é fundamental e eficaz, assim, rezar e espe-

12. ran pela magnífica chuva.

13. A população pereirense está sofrendo com a situação e precisam

14. ser confortadas. Sendo isso, uma boa revitalização seria bastante

15. eficaz e importante.

16. Como cidadão pereirense, espero que esse "apelo", mobilize e

17. estimule o Sr.

18. Desde já agradeço.

19. 1ª produção

20. Rafael Aquino

21.

22.

23.

24.

25.

26.

27.

28.

29.

30.

Aprimorar: Competência I Competência II Competência III Competência IV Competência V

Comentários do corretor:



Al

Rosângela Souza
CA 5 2ª produção

Série

9º ano "B"

Data

03 de Maio

Tarefa nº

Tema

Ajuda Adulto Begeira

Pereira LCF - 03 de Maio de 2016

01

Excepcionário Sr. Prefeito

02

Eu Roberto, aluno do 9º ano, insatisfeito com os problemas ambientais que enfiam e prejudicam nosso município, escrevo mediante a situação do Ajude Adulto Begeira, que encontra-se em total declínio; ocasionado pelo descuido de todo um conjunto populacional venho lhe pedir a tomada de providências porvidenciais sobre a "exclusão de engoto" que o nosso ex lago Cristalino encontra-se

09

10

com o possível depreciação feita sobre o enfermo haveria a possibilidade do antigo ponto turístico de Pereira voltar a ser fonte de comércio, gerando lucros para uma parcela da população, a limpeza sobre o enorme contêiner de esgoto possibilitaria a melhor qualidade da nossa água, simultaneamente colaborando com a melhor qualidade de vida de nossos moradores.

17

18

Eu como cidadão também afetado pelo descaso, espero que o Senhor, órgão responsável pelo zelo do nosso município, possa mobilizar-se, tomando as devidas providências, para chegarmos a resultados diferentes da realidade em que nos encontramos atualmente.

19

20

21

22

23

24

25

Atenciosamente

26

27

28

Rosângela Souza
CA 5 2ª produção

29

30

Aprimorar: Competência I Competência II Competência III Competência IV Competência V

Comentários do corretor:



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)
 Campus Avançado "Profª. Maria Elisa de Albuquerque Maia" (CAMEAM)
 Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS)
 Área de Concentração: Linguagens e letramentos
 Linha de Pesquisa: Leitura e produção textual: diversidade social e práticas docentes.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar da pesquisa que tem como **TÍTULO**
PROVISÓRIO:

"A referência nos textos dos alunos do 9º ano: um olhar sobre a progressão do texto" a partir da produção de uma carta argumentativa pelos alunos dessa série na Escola Cleonice Freire de Queiroz, na cidade de Pereiro-CE, de autoria de Francisco Joacir Rocha.

Essa Pesquisa tem o **OBJETIVO** de:

Analisar a produção escrita dos alunos, no gênero carta argumentativa, e busca compreender como acontece o processo de progressão textual nesse gênero, produzido em duas situações: uma antes do desenvolvimento de uma sequência didática; outra, depois da aplicação dessa sequência. A produção se ancora em contexto real de produção: a problemática do Açude Aduato Bezerra.

DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS:

A sua participação será na produção de textos. Todos os dados desta pesquisa serão de domínio público, com as respectivas autorias, cabendo a você a responsabilidade jurídica do conteúdo. Para isso, lhe será apresentado o texto, antes de sua exposição, para que seja recolhida sua assinatura autorizando a sua publicação.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO E LIBERDADE DE RECUSA:

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Ressalte-se que as informações colhidas pertencerão ao domínio público, sendo estas publicadas com as respectivas autorias, ou seja, em todas as publicações que possa resultar deste estudo. Os resultados serão enviados para seu conhecimento antes de qualquer publicação. O material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Uma cópia deste consentimento informado será anexado a dissertação de mestrado e os originais serão guardados com o autor da dissertação.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE E DO RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE
 (caso seja menor de idade):

Eu/Nós		e	
--------	--	---	--

FOMOS INFORMADOS dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclarecemos nossas dúvidas. Sabemos que em qualquer momento poderemos solicitar novas informações e motivar nossa decisão se assim o desejar. A professora orientadora e o professor pesquisador certificaram-nos de que em todos os dados desta pesquisa serão respeitadas as autorias e que as informações contidas poderão ser acessadas por todas as pessoas, respeitando-se os protocolos da pesquisa.

Declaramos que **CONCORDAMOS** em participar desse estudo. Recebemos uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e nos foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as nossas dúvidas.

Pereiro - CE, _____ de _____ de _____

NOME DO DECLARANTE	Assinatura
NOME DO PAI OU RESPONSÁVEL	Assinatura
Francisco Joacir Rocha NOME DO PESQUISADOR	Assinatura
Prof.ª Dra. Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa NOME DA PROFESSORA ORIENTADORA	Assinatura

<p>Adauto Bezerra em versos</p> <p>O Adauto Bezerra construído Trinta anos já fez que bem me lembro Pra cidade serrana é como um membro Mas se encontra aterrado e poluído Aos algozes que lhe matam faz pedido: “Não sufoquem de lixo o meu porão No meu leito evitem construção O descaso, admito, já me vence” Só a seca mostrou ao pereirense O imenso valor do Bezerrão.</p>	<p>Carro pipa nas ruas hoje trafega A indústria da seca é quem impera Quem ofende inocente não espera Que a vítima de flores faça entrega Quem deu água à farta agora nega Não me diga que é sonegação O efeito da ação e reação Acontece. Reflita, pare e pense Só a seca mostrou ao pereirense O imenso valor do Bezerrão.</p>
<p>Um açude que nasceu no Coqueiro E cobriu dos baixios os coqueirais Não poupou a vida dos mangueirais Quase um mar circundava o meu Pereiro Deu emprego a pesqueiro e canoeiro Sem falar de uma bela irrigação Mas e encontra à beira do caixão Vive um filme de morte sem suspense Só a seca mostrou ao pereirense O imenso valor do Bezerrão.</p>	<p>O bem água aos poucos está sumindo Bicho e gente padecem e pagam pena A natura agredida é quem condena Os que contra ela estão rugindo Nosso açude robusto, cheio e lindo Possui hoje nova adjetivação É doente, está seco e veja quão Feia é sua estética e nos convence Só a seca mostrou ao pereirense O imenso valor do Bezerrão.</p> <p>É esgoto que jorra feito uma Cachoeira pra dentro do seu leito O espelho de cristal foi desfeito E não vejo alguém tomar medida alguma Quem quer vê-lo viver se engaje numa Luta intensa de revitalização Evitar desperdício é condição Mas os outros cuidados não dispense Só a seca mostrou ao pereirense O imenso valor do Bezerrão.</p> <p>J. Rocha</p>

São Paulo, 28 de novembro de 1999

Senhor deputado,

Soube, por meio de jornais e revistas, que o senhor é contrário à criação da ANA (Agência Nacional de Água), alegando que seria mais um dos “onerosos e espalhafatosos órgãos do governo”. Como cidadã, concordo com o senhor: há inúmeros órgãos governamentais ineficientes e burocráticos. Porém, como Engenheira Sanitarista, vejo a necessidade de intensificar as políticas de proteção ambiental de todas as maneiras possíveis.

Certamente o senhor sabe da importância da água dentro de uma sociedade, não apenas na saúde da população, mas também em termos econômicos. E, certamente, o senhor não é contrário à punição de quem faz mal uso desse bem, tais como indústrias pesadas e poluidoras. Há também grandes usuários que, mesmo sem poluir a água, fazem largo uso dela – e isso, estando certo ou não, é uma grave agressão ao meio ambiente e, portanto, merece também uma “punição” (taxas e tributos maiores do que os pagos por cidadãos comuns). Pois bem, a Lei já dá conta desse tipo de regulamentação, cobrando inclusive pesadas multas de quem polui e, em alguns casos, determinando a prisão em até cinco anos.

Contudo, senhor deputado, sabemos que a lei é raramente cumprida, mesmo em se tratando de uma questão de vital importância e prioridade. Os órgãos governamentais tradicionais, quer por corrupção, quer por ineficiência, já não dão conta da fiscalização sequer – que dirá da punição. É por razões como essas que a criação da ANA se faz urgente e necessária.

A prioridade da ANA seria a fiscalização e punição, portanto. Funcionaria como uma espécie de “órgão de defesa da água”, estando subordinada diretamente ao Ministério do Meio Ambiente. A agência teria poder de ação tanto sobre a esfera pública, quanto sobre a privada, podendo multar, inclusive, programas governamentais que se mostrassem prejudiciais ao Meio Ambiente. Seus processos jurídicos deveriam ter prioridade em tribunais, ou então seriam julgados por juízes especiais, designados apenas para essa função, haja vista a importância da água como bem econômico, social e geopolítico – o Brasil ainda não tem problemas com países vizinhos, mas essa situação pode vir a ocorrer um dia.

Por isso, é preciso que haja desde já conscientização. O governo não pode, tal como representante legítimo da sociedade, fechar os olhos aos abusos que vêm sendo cometidos em relação à “água brasileira”. Outro ponto importante da criação da ANA, e aparentemente o que mais causa a sua rejeição à criação da agência, é a ineficiência das empresas estatais. Para burlar esse fato, a ANA deveria ser um órgão misto, do qual participariam governo, ONG’s e representantes diretos de vários setores da sociedade.

No caso da poluição dos mananciais, por exemplo, seriam feiras auditorias entre a ANA, ONG’s e representantes da população que habita a região. Além disso, haveria ouvidorias para a denúncia de órgãos que estivessem utilizando mal os recursos hídricos. Essa me parece ser a maneira mais democrática e honesta para que a ANA possa realmente dar certo, sem se tornar “onerosa e espalhafatosa”.

Contudo, isso não basta para que a ANA dê certo. É necessária, antes de qualquer coisa, a conscientização da população acerca da importância – e da limitação – dos recursos hídricos. E o governo é o órgão mais indicado para esse projeto de reeducação ambiental.

Nós, cidadãos conscientes, esperamos uma resposta séria de vocês, governantes e representantes da sociedade.

Atenciosamente,

C. B. M.

(Carolina Borsoi Moraes – escola particular - Ciências Biológicas (D) São Paulo-SP)

Disponível em <https://portalcp2.files.wordpress.com/2010/09/carta-argumentativa-caracterc3adsticas.pdf>, acesso em 08 de Fev. 2016.

São Paulo (SP), 29 de novembro 1992.

Prezado Sr. E.B.M.

Em seu artigo publicado pelo jornal Folha de São Paulo a 1.º de setembro, deparei com sua opinião expressa no Painel do Leitor. Respeitosamente, li-a e percebendo equívocos em suas opiniões quanto à veracidade dos motivos que colocaram milhares de jovens na rua, de maneira organizada e cívica, tento elucidar-lhe os fatos.

Nosso país, o senhor bem sabe, viveu muitos anos sob o regime militar ditatorial. Toda e qualquer manifestação que discordasse dos parâmetros ideológicos do governo era simplesmente proibida. Hoje, ao contrário daquela época, as pessoas conquistaram a liberdade de expressão e o país vive o auge da democracia. Assim, perante essa liberdade o Brasil evoluiu. Atravessamos um período de crises econômicas, mas as pessoas passaram a se interessar de maneira mais acentuada pelo seu cotidiano diante da própria liberdade existente. Dessa forma, deparamos com uma população ideologicamente mais madura.

Em sua carta enviada à Folha de São Paulo, o senhor assegura que a juventude é absolutamente imatura e incapaz de perceber a profundidade dos acontecimentos que a envolvem. Asseguro que tal opinião não é a mais justa. Nós já fomos jovens e sabemos perfeitamente que é uma época de transição.

Mudamos nossos conceitos, nossos desejos e nossa visão de mundo. Mesmo assim, determinados valores que assumimos como corretos persistem em nossas vidas de forma direta ou não. Não sei se o senhor tem filhos, mas eu invejo a concepção que os meus assumem perante inúmeros acontecimentos. São adolescentes, que se interessam pelos fatos políticos e se preocupam com o destino da nação, pois estão cientes de que num futuro próximo serão as lideranças do país.

Outro aspecto relevante em sua carta é o de dizer que a juventude, generalizadamente é indisciplinada. Tal opinião não condiz com a verdade. Nas manifestações pró "impeachment que invadiram o país visando a queda do Presidente Collor, não se viram agressões, intervenções policiais ou outras formas de violência. Fica, portanto, claro, que a manifestação dos chamados caras-pintadas não é vazia. Conscientes de que uma postura pouco organizada não lhes daria credibilidade, os jovens manifestaram-se honrosamente. Com isso, frente ao vergonhoso papel do próprio Presidente da República, Fernando Collor de Mello, a juventude demonstrou um grau de maturidade e percepção maior que o do próprio chefe de estado.

Vemos, com isso, que os jovens visam ao bem do país e o seu processo de conscientização não se deu de uma hora para outra. Assim, dizer que a juventude é motivada pelo espírito da época, visando ao hedonismo é errôneo. Nossos jovens, senhor E.B.M., são reflexos da liberdade existente no país e a sua evolução político-ideológica.

Sem mais, despeço-me.

K.C.M. de M.

Disp.em:<http://oblogderedacao.blogspot.com.br/2012/04/carta-argumentativa.html>
acesso em 08 de fev. 2016.

Carta de protesto

Onde estão nossos direitos, os direitos humanos, a própria constituição?

22 de Novembro de 2011

Estudantes Guarani e Kaiowá dos cursos de Ciências Sociais e História, UEMS, unidade Amambai

Prezad@s amig@s:

A cidade de Amambai/MS vivenciou ontem (18/11) mais um caso de massacre à população indígena Guarani Kaiowá. Como forma de protesto, os alunos indígenas da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS) - Unidade de Amambai, incentivados pela professora e antropóloga Aline Crespe, escreveram uma carta contando os detalhes do acontecimento. A situação em que vive a população indígena no Mato Grosso do Sul não é nada simples, os casos de violência são muito frequentes e nos remetem a uma situação de extermínio. Peço, por favor, que divulguem entre os seus contatos o depoimento da professora e a carta escrita pelos alunos indígenas.

Grata,

Flávia Carolina da Costa

Professora da UEMS, Amambai/MS

Massacre de indígenas em acampamento na cidade de Amambai - Mato Grosso do Sul

Ontem pela manhã, ao abrir meu e-mail, recebi mais uma triste notícia de uma situação de violência contra um grupo indígena acampado em uma área em litígio e a espera da continuidade do processo de regularização fundiária da terra indígena. O acampamento se localiza em Amambaí, sul de Mato Grosso do Sul, a menos de cem quilômetros da fronteira com o Paraguai. O acampamento está localizado em uma pequena parte da área de ocupação tradicional, chamada Guaiviry. A área está inserida no conjunto de terras indígenas que deverão ser demarcadas no Mato Grosso do Sul. O processo de identificação destas áreas começou em 2007 e, desde então, tem sido repetidamente interrompido pelos conflitos políticos que o envolvem. Enquanto isso, repetidos atos de assassinatos contra grupos indígenas que aguardam pela identificação e demarcação destas áreas vem ocorrendo. A situação de insegurança e medo vivida pelas populações indígenas é insustentável. No ano passado, a Survival Internacional publicou um importante relatório denunciando a situação das populações guarani no estado de Mato Grosso do Sul.

Fiquei chocada com o que aconteceu e sabia que não tinha como ficar quieta, não falar nada ou fingir que estava tudo bem. Sou professora na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, na unidade de Amambaí, no curso de Ciências Sociais. Fiquei pensando como daria aula para os estudantes indígenas naquele dia. Então, fui conversando com os alunos, um a um, e marcamos de nos reunir para conversarmos, até que eles decidiram por escrever uma carta. A carta foi escrita por eles, ficando como minha responsabilidade a divulgação dela. Na carta, como vocês poderão ver, um aluno de História e morador da aldeia de Amambaí fala algo muito parecido com o que Marcos Homero Ferreira Lima, antropólogo do MPF de Dourados disse para a Survival sobre um acampamento de beira de estrada localizado as margens da BR 163, no município de Dourados: “Não se trata de hipérbole quando se fala em genocídio, pois a série de eventos e ações perpetradas contra o grupo, como se objetivou demonstrar, desde o final da década de 1990, tem contribuído para submeter seus membros a condições tolhedoras da existência física, cultural e espiritual. Crianças, jovens, adultos e velhos se encontram submetidos a experiências degradantes que ferem diretamente a dignidade da pessoa humana. O modo de vida imposto àqueles Kaiowá é revelador de como os brancos veem os índios. O preconceito, o descaso, o descuido, a não consideração dos direitos à terra, à vida, à dignidade são patentes. A situação por eles vivenciada é análoga àquela de um campo de refugiados. É como se fossem estrangeiros no seu próprio país. É como se os ‘brancos’ estivessem em guerra com os índios e a estes últimos só restasse a fina faixa de terra que separa a cerca de uma fazenda e a beira de uma rodovia”.

A crueldade do caso envolvendo o acampamento e a truculência dos assassinos não podem ser tratadas como mais um caso de violência. Estamos vivendo uma guerra de fato, mas é uma guerra em que só morrem pessoas de um lado.

Segue a carta dos estudantes Guarani e Kaiowa dos cursos de Ciências Sociais e História. As informações contidas na carta foram recebidas por pessoas que estavam no acampamento na hora do massacre. Peço, por gentileza, que ajudem na divulgação para que possamos agregar mais gente na luta pelo fim da violência contra os povos indígenas.

Por volta das seis horas chegaram os pistoleiros. Os homens entraram em fila já chamando pelo Nísio. Eles falavam segura o Nísio, segura o Nísio. Quando Nísio é visto, recebe o primeiro tiro na garganta e com isso seu corpo começou tremer. Em seguida levou mais um tiro no peito e na perna. O neto pequeno de Nísio viu o avô no chão e correu para agarrar o avô. Com isso um pistoleiro veio e começou a bater no rosto de Nísio com a arma. Mais duas pessoas foram assassinadas. Alguns outros receberam tiros mas sobreviveram. Atiraram com balas de borracha também. As pessoas gritavam e corriam de um lado para o outro tentando fugir e se esconder no mato. As pessoas se jogavam de um barranco que tem no acampamento. Um rapaz que foi atingido por um tiro de borracha se jogou no barranco e quebrou a perna. Ele não conseguiu fugir junto com os outros então tiveram que esconder ele embaixo de galhos de árvore para que ele não fosse morto. Outro rapaz se escondeu em cima de uma árvore e foi ele que me ligou para me contar o que tinha acontecido. Ele contou logo em seguida. Ele ligou chorando muito. Ele contou que

chutaram o corpo de Nísio para ver se ele estava morto e ainda deram mais um tiro para garantir que a liderança estava morta. Ergueram o corpo dele e jogaram na caçamba da caminhonete levando o corpo dele embora. Nós estamos aqui reunidos para pedir união e justiça neste momento. Afinal, o que é o índio para a sociedade brasileira? Vemos hoje os direitos humanos, a defesa do meio ambiente, dos animais. Mas e as populações indígenas, como vêm sendo tratadas? As pessoas que fizeram isso conhecem as leis, sabem de direitos, sabem como deve ser feita a demarcação da terra indígena, sabem que isso é feito na justiça. Então porque eles fazem isso? Eles estão acima da lei? O estado do Mato Grosso do Sul é um dos últimos estados do Brasil mas é o primeiro em violência contra os povos indígenas. É o estado que mais mata a população indígena. Parece que o nazismo está presente aqui. Parece que o Mato Grosso do Sul se tornou um campo de fuzilamento dos povos indígenas. Prova disso é a execução do Nísio. Quando não matam assim matam por atropelamento. Nós podemos dizer que o estado, os políticos e a sociedade são cúmplices dessa violência quando eles não falam nada, quando não fazem nada para isso mudar. Os índios se tornaram os novos judeus. E onde estão nossos direitos, os direitos humanos, a própria constituição? E nós estamos aí sujeito a essa violência. Os índios vivem com medo, medo de morrer. Mas isso não aquietou a luta pela demarcação das terras indígenas. Porque Nandajara está do lado do bom e com certeza quem faz a justiça final é ele. Se a justiça da terra não funcionar a justiça de deus vai funcionar.

Estudantes Guarani e Kaiowá dos cursos de Ciências Sociais e História e moradores da aldeia de Amambaí

Disponível em: <https://www.brasilefato.com.br/content/carta-de-protesto>. Acesso em: 12/02/2016.

CARTA ESCRITA EM 2070

Um exercício de imaginação, que está para além da ficção. Preocupante por vermos que diariamente se desperdiça um recurso tão importante e que não é inesgotável.

"Ano 2070. Acabo de completar 50 anos, mas a minha aparência é de alguém com 85. Tenho sérios problemas renais porque bebo muito pouca água. Creio que me resta pouco tempo. Hoje sou uma das pessoas mais idosas nesta sociedade.

Recordo quando tinha cinco anos. Tudo era muito diferente. Havia muitas árvores nos parques, as casas tinham bonitos jardins e eu podia desfrutar de um banho de chuveiro...Agora usamos toalhas de azeite mineral para limpar a pele.

Antes, todas as mulheres mostravam as suas formosas cabeleiras. Agora, devemos rapar a cabeça para a manter limpa sem água.

Antes, o meu pai lavava o carro com a água que saía de uma mangueira. Hoje, os meninos não acreditam que a água se utilizava dessa forma. Recordo que havia muitos anúncios que diziam CUIDA DA ÁGUA, só que ninguém lhes ligava - pensávamos que a água jamais podia acabar. Agora, todos os rios, barragens, lagoas e mantos aquíferos estão Irreversivelmente contaminados ou esgotados. Antes, a quantidade de água indicada como ideal para beber eram oito copos por dia por pessoa adulta. Hoje só posso beber meio copo. A roupa é descartável, o que aumenta grandemente a quantidade de lixo e tivemos que voltar a usar os poços sépticos (fossas) como no século passado já que as redes de esgotos não se usam por falta de água.

A aparência da população é horrorosa; corpos desfalecidos, enrugados pela desidratação, cheios de chagas na pele provocadas pelos raios ultravioletas que já não tem a capa de ozônio que os filtrava na atmosfera. Imensos desertos constituem a paisagem que nos rodeia por todos os lados.

A indústria está paralisada e o desemprego é dramático. As fábricas dessalinizadoras são a principal fonte de emprego e pagam-nos em água potável os salários.

Os assaltos por um bidão de água são comuns nas ruas desertas. A comida é 80% sintética. Pela ressequidade da pele, uma jovem de 20 anos está como se tivesse 40.

Os cientistas investigam, mas não parece haver solução possível. Não se pode fabricar água, o oxigênio também está degradado por falta de árvores e isso ajuda a diminuir o coeficiente intelectual das novas gerações.

Alterou-se também a morfologia dos espermatozoides de muitos indivíduos e como consequência há muitos meninos com insuficiências, mutações e deformações.

O governo cobra-nos pelo ar que respiramos (137 m³ por dia por habitante adulto). As pessoas que não podem pagar são retiradas das "zonas ventiladas". Estas estão dotadas de gigantescos pulmões mecânicos que funcionam a energia solar. Embora não sendo de boa qualidade, pode-se respirar. A idade média é de 35 anos.

Em alguns países existem manchas de vegetação normalmente perto de um rio, que é fortemente vigiado pelo exercito. A água tornou-se num tesouro muito cobiçado - mais do que o ouro ou os diamantes. Aqui não há arvores, porque quase nunca chove e quando se registra precipitação, é chuva ácida. As estações do ano tem sido severamente alteradas pelos testes atômicos.

Advertiam-nos que devíamos cuidar do meio ambiente e ninguém fez caso. Quando a minha filha me pede que lhe fale de quando era jovem descrevo o bonito que eram os bosques, lhe falo da chuva, das flores, do agradável que era tomar banho e poder pescar nos rios e barragens, beber toda a água que quisesse, o saudável que era a gente, ela pergunta-me: Papá! Porque se acabou a água? Então, sinto um nó na garganta; não deixo de me sentir culpado, porque pertenço à geração que foi destruindo o meio ambiente ou simplesmente não levamos em conta tantos avisos. Agora os nossos filhos pagam um preço alto e sinceramente creio que a vida na terra já não será possível dentro de muito pouco tempo porque a destruição do meio ambiente chegou a um ponto irreversível.

Como gostaria voltar atrás e fazer com que toda a humanidade compreendesse isto, quando ainda podíamos fazer algo para salvar ao nosso planeta terra!

Documento extraído da revista biográfica "Crónicas de los Tiempos" de abril de 2002.

Disponível em: <http://www.portalnossomundo.com/site/ecospace/carta-escrita-em-2070.html>, acesso em: 10 de Fev. 2016.

Meu Caro Amigo

Chico Buarque

Meu caro amigo, me perdoe, por favor
Se eu não lhe faço uma visita
Mas como agora apareceu um portador
Mando notícias nessa fita

Aqui na terra tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll
Uns dias chove, noutros dias bate o sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta

Muita mutreta pra levar a situação
Que a gente vai levando de teimoso e de pirraça
E a gente vai tomando que também sem a cachaça
Ninguém segura esse rojão

Meu caro amigo, eu não pretendo provocar
Nem atiçar suas saudades
Mas acontece que não posso me furtar
A lhe contar as novidades

Aqui na terra tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll
Uns dias chove, noutros dias bate o sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta

É pirueta pra cavar o ganha-pão

Que a gente vai cavando só de birra, só de sarro
E a gente vai fumando que, também, sem um cigarro
Ninguém segura esse rojão

Meu caro amigo, eu quis até telefonar
Mas a tarifa não tem graça
Eu ando aflito pra fazer você ficar
A par de tudo que se passa

Aqui na terra tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll
Uns dias chove, noutros dias bate o sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta

Muita careta pra engolir a transação
Que a gente tá engolindo cada sapo no caminho
E a gente vai se amando que, também, sem um carinho
Ninguém segura esse rojão

Meu caro amigo, eu bem queria lhe escrever
Mas o correio andou arisco
Se me permitem, vou tentar lhe remeter
Notícias frescas nesse disco

Aqui na terra tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll
Uns dias chove, noutros dias bate o sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta

A Marieta manda um beijo para os seus

Um beijo na família, na Cecília e nas crianças
O Francis aproveita pra também mandar lembranças
A todo o pessoal
Adeus!

Disponível em <https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/7584/> Acesso em: 10 de Fev. 2016.

APÊNDICES

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

GÊNERO: CARTA ARGUMENTATIVA

CONTEXTO MOTIVADOR: AÇUDE ADAUTO BEZERRA

OBJETIVOS

- Familiarizar-se com o gênero textual carta (estrutura e funcionalidade).
- Conhecer a estrutura da carta argumentativa e em que suporte costuma aparecer esse gênero do discurso;
- Conceituar vocativo e reconhecer a funcionalidade desse recurso na produção da carta argumentativa;
- Encontrar em outros gêneros textuais subsídios para produzir o gênero carta argumentativa;
- Refletir sobre a variedade linguística empregada no gênero carta argumentativa;
- Apropriar-se de recursos que permitem encadeamentos entre as partes do texto;
- Reconhecer que o sentido de cada palavra não reside no seu emprego isolado, mas das relações que ela estabelece com as outras no contexto;
- Compreender a importância de se partir de uma problemática local para expor ideias acerca de uma de assunto de interesse coletivo.
- Produzir texto em situações reais de comunicação.

CONTEÚDOS

- Carta argumentativa
- Variação linguística
- Progressão textual (noções de coesão e coerência)
- Produção textual no gênero carta argumentativa

PÚBLICO- ALVO

Alunos do 9º ano da Escola Cleonice Freire de Queiroz da cidade Pereiro-CE

DURAÇÃO

10 horas/aula

RECURSOS

- Revistas

- Jornais
- Textos impressos
- Poemas
- Letra de música
- Quadro branco e pincel
- Projetor multimídia
- Celulares, smartphones ou tablets

1º Momento (2 horas/aula)

- Apresentação do gênero textual carta;
- Suporte mais comum em que o gênero aparece;
- Propósito comunicativo do gênero;
- Público a quem o gênero se destina.
- Audição da música “Carta”, do compositor Chico Buarque;
- Reflexão sobre estrutura da música, a mensagem que ela transmite, levando-se em consideração o contexto de produção;
- Divisão da sala em grupos de quatro pessoas;
- Entrega de um envelope, contendo cartas variadas, a cada grupo;
- Cada grupo irá elencar as características em comum entre os variados tipos de cartas e depois fazer a socialização.

2º momento (2 horas/aula)

- Apresentação em slides do conceito do gênero carta argumentativa;
- Leitura de uma carta argumentativa para destacar os seguintes aspectos:
 - ☐ Estrutura;
 - ☐ Variação linguística empregada na construção do gênero;
 - ☐ Elementos imprescindíveis na progressão textual;
 - ☐ Vocativo;
 - ☐ Inferências;
 - ☐ Atividade exploratória do gênero.

3º Momento (2 horas/aula)

Nossa intenção é que os alunos produzam um texto (gênero carta argumentativa) a partir de uma problemática local: poluição e assoreamento do principal reservatório hídrico da cidade, o Açude Adauto Bezerra.

- Levantamento de ideias e informações sobre o referido açude;
- Nomeação de três pessoas que conhecem a história desse açude desde a sua origem: (Cosme Afonso, Gilmário Gabriel, e Zé de Izaltino).
- Elaboração de quatro perguntas aos três informantes:
 - 1- Como ocorreu o processo de construção do açude Adauto Bezerra?
 - 2- Quem eram os proprietários das terras que ficaram submersas e como essas pessoas reagiram à construção dessa barragem?
 - 3- Que mudanças sociais e econômicas a construção desse açude trouxe para a cidade de Pereiro?
 - 4- Sabemos que em meio à crise de água que sofremos, o nosso Açude está se encaminhando para o fim por conta do assoreamento causado pelos desmatamentos das suas encostas e também por causa dos esgotos que correm para dentro. Em sua opinião o que poderia ser feito para revitalizarmos esse açude?
- Os alunos munidos de aparelhos celulares devem captar algumas imagens do açude que explicitem o descaso que sofre ao longo dos anos.

4º momento (2 horas/aula)

- Socialização das entrevistas e das imagens captadas pelos alunos;
- Introdução de um debate sobre saneamento básico;
- Falar da importância de se preservar os mananciais;
- Leitura do texto poético; Adauto bezerra em versos, do professor Joacir Rocha.
- Comparar as ideias trazidas no poema com as imagens que os alunos registraram.

5º Momento (2 horas/aula): Produção de uma carta argumentativa endereçada a uma autoridade do município (Câmara de vereadores, Secretário de meio ambiente, Prefeito) no intuito de sensibilizar os legisladores para a criação de projetos que objetivem a revitalização do açude.

Poema: Adauto Bezerra em versos